

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JOILSON DOS SANTOS BARROS

**O TENSIONAMENTO NO CONSUMO DE NOTÍCIAS: CRENÇAS RELIGIOSAS,
POLÍTICAS E DESINFORMAÇÃO ENTRE FIÉIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM
IMPERATRIZ (MA)**

IMPERATRIZ
2025

JOILSON DOS SANTOS BARROS

**O TENSIONAMENTO NO CONSUMO DE NOTÍCIAS: CRENÇAS RELIGIOSAS,
POLÍTICAS E DESINFORMAÇÃO ENTRE FIÉIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM
IMPERATRIZ (MA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação contemporânea.

Linha de Pesquisa: Rotinas, Práticas Profissionais e Processos Sociopolíticos

Orientadora: Profa. Dra. Camilla Quesada Tavares

Dedico esta obra a todos que se dedicam à ciência, apesar do
reconhecimento e investimento insuficientes.

AGRADECIMENTOS

Estudar um tema sensível como a religião foi um grande desafio. Como membro da comunidade evangélica, o tema se tornou ainda mais delicado quando, em algumas ocasiões, ouvi comentários de pessoas do programa que, de forma sarcástica, mencionavam minha coragem em abordar a relação entre a direita e a religião, ou a ciência e a religião. Agradeço a mim mesmo por não ter desistido e por ter dedicado 24 meses completos à pesquisa.

Para os evangélicos de todas as orientações partidárias (e aos entrevistados, a quem agradeço pela disposição em conversar), esclareço que o objetivo deste trabalho não é ofender a fé de ninguém, mas sim promover uma maior tolerância em relação aos direitos de outros grupos sociais e ao consumo de informações provenientes de fontes confiáveis de jornalismo. Se for ler, leia com a mente aberta.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por Sua bondade e misericórdia, que me acompanharam até aqui. Ele me permitiu conquistar dois títulos incríveis, jornalista e agora mestre em Comunicação, mas, para mim, não há título maior do que continuar sendo Seu filho. Meu desejo é caminhar sempre nos caminhos que Ele tem preparado para mim, e peço que portas se abram após essa conquista. Quero, de alguma forma, contribuir para o mundo, e espero que esta dissertação viaje não só pelo Brasil, mas pelo mundo.

Agradeço especialmente à minha família: meus pais, Wilson Filho e Elane Marques; meus irmãos, Wilson Neto, Pedro Henrique e Karla; meus avós, Wilson Barros e Maria; e minha sobrinha Maria Helena. Pelo amor, carinho e apoio constante, vocês tornaram minha jornada de escrita e leitura muito mais leve e possível. Sem esse apoio incondicional, nada disso seria possível.

Camilla, minha gratidão por você é imensa. Ao longo da minha trajetória acadêmica, desde a graduação até o mestrado, sua orientação foi impecável. Graças a você, consegui amadurecer minhas ideias. Você me incentivou a participar de congressos, esteve ao meu lado nas primeiras entrevistas empíricas, em pleno domingo, se dedicando em nome da ciência. Nunca esquecerei o impacto que teve na minha formação e no meu crescimento como pesquisador. Para sempre lembrarei de você como minha maior referência e, onde quer que eu esteja, me orgulharei de ter tido a honra de ser orientado por uma pesquisadora tão admirável em comunicação e política.

Minha sincera reverência às professoras Isabele Mitozo e Camilla Tavares, orientadoras de minha iniciação científica, a quem devo o aprendizado da arte da pesquisa acadêmica. Que esta dissertação seja um reflexo desse valioso ensinamento.

Aos queridos amigos de Imperatriz, onde está o PPGCOM, que tornaram minha passagem pela cidade inesquecível: Luanna, que se tornou uma irmã; Cristiane, que sempre me ouve com paciência; Gustavo e Gilmar, que sempre abriram as portas para me ajudar nos meus trabalhos; Andressa, que, de vez em quando, me convida para sair e me distrair; Pedro, a melhor amizade que fiz em 2024; e Maria Carolina, a quem recorro, pois tem palavras de conforto, tornando a vida mais leve. À galera do Fórum, onde vivi o melhor estágio da minha vida: Halina, Gláucia, Marisa, Thalita, Marta, Rafael, Jaqueline e todos os outros, meu sincero agradecimento.

Gostaria de agradecer à minha turma de mestrado de 2023 pelos momentos compartilhados, pelas trocas de ideias e pelos encontros em eventos e lanches. Acredito no potencial de cada um de vocês e desejo sucesso em todos os caminhos escolhidos. Faço questão de destacar duas grandes amizades: Marly Alves, agradeço pelo companheirismo durante esses dois anos. E Michele Alves, minha melhor amizade, nossa troca constante de ideias e conversas tornaram esses anos ainda mais especiais. Acredito profundamente em você e em sua intelectualidade. Prometo continuar te enviando os melhores *reels* no *Instagram*, escolhendo os vídeos mais divertidos pra você.

Agradeço ao doutor e pós-doc Rodrigo Reis, por me orientar em minha pesquisa, sugerindo a adoção de entrevistas individuais em vez de grupos focais, um conselho estratégico que foi fundamental. Agradeço também aos professores permanentes pelos comentários e sugestões de leitura, em especial às professoras Thaisa Bueno e Izani Mustafá.

Minha gratidão ao evento da ANPOCS, que considero o melhor, onde levei minha pesquisa e saí com um artigo publicado em qualis A3 na revista *Comunicação e Sociedade* (Portugal). Agradeço a todos do GT Mídia e Política, especialmente Michele Massuchin, Rayza Sarmento, Viktor Chagas, Samuel Barros, Érica Baptista e Vanessa Veiga, um time de peso de pesquisadores.

Agradeço à banca de qualificação, composta pelos professores Ricardo Alvarenga e Michele Massuchin, pela leitura atenta e pelas contribuições valiosas que aprimoraram o resultado final. Por fim, agradeço à Capes pela bolsa concedida, que possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa. Viva a ciência!

Os homens querem voar, mas temem o vazio. Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram. - Rubem Alves

As crises devem ser enfrentadas, e o passo a ser dado nessa direção é buscar explicações sobre o que está acontecendo e por que acontece, e esta é a razão pela qual as universidades existem (Albuquerque; Tavares, 2021, p. 136).

RESUMO

Este estudo qualitativo investiga o processo de busca, avaliação e interpretação de notícias pelos fiéis da Assembleia de Deus de Imperatriz, Maranhão, maior denominação evangélica pentecostal do município e do país. Foram realizadas 25 entrevistas em seis congregações da cidade, abrangendo diferentes faixas etárias: jovens (18-29 anos), adultos (30-64 anos) e idosos (acima de 65 anos). As entrevistas, semiabertas, foram estruturadas em três blocos: o primeiro abordou a relação dos indivíduos com a igreja e seus representantes; o segundo explorou as práticas de consumo de mídia e a seleção de veículos de comunicação; e o terceiro propôs que os participantes lessem e opinassem sobre uma falsa especulação divulgada pelo deputado federal evangélico Nikolas Ferreira, relacionada à morte do cantor gospel Pedro Henrique e às vacinas contra a COVID-19. Teoricamente, o estudo se fundamenta na literatura sobre a cultura pentecostal e sua interação com a política, o bolsonarismo, as mídias eletrônicas e a pandemia de COVID-19 (Alencar, 2019; Guerreiro; Almeida, 2021; Prandi; Santos; Bonato, 2019; Novaes, 2001; Vital da Cunha, 2023). Também aborda os fatores que contribuem para a crença em notícias falsas, as preferências dos religiosos na escolha dos meios de comunicação, a desinformação científica nas redes sociais e a percepção hostil do jornalismo (Bryanov; Vziatysheva, 2021; Gomes, 2016; Mundim, 2015; Oliveira, 2020). Metodologicamente, utilizou-se a técnica de análise temática de Gibbs (2009), a fim de identificar e interpretar os temas recorrentes nas entrevistas. Os resultados indicam uma divisão clara no consumo de mídia entre os fiéis assembleianos: um grupo considerável consome tanto veículos partidários de orientação de direita quanto veículos tradicionais, enquanto outro grupo, predominantemente feminino, demonstra desinteresse pelo jornalismo. Além disso, a análise revelou diferentes posturas sobre as vacinas contra a COVID-19: 12 participantes aceitaram a especulação sobre as vacinas, 9 permaneceram neutros e 4 rejeitaram a especulação, indicando a pluralidade de opiniões sobre o tema. Por fim, observou-se uma cultura de proteção à figura de líderes religiosos, como Nikolas Ferreira, onde os fiéis, mesmo discordando parcialmente de suas declarações, tendem a suavizar ou defender suas falas como uma forma de lealdade ou idolatria.

Palavras-chaves: Assembleianos. Notícias. Desinformação. Imperatriz-MA.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Deputado Nikolas Ferreira desinforma sobre o Pix.....	63
Figura 2 – Esquema das Etapas da Entrevista.....	71
Figura 3 – Matérias jornalísticas sobre a morte do cantor gospel Pedro Henrique.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos Assembleianos de Imperatriz-MA.....	68
Quadro 2 – Codinomes dos Participantes por Faixa Etária.....	68
Quadro 3 - Categorias Temáticas da Análise das Entrevistas.....	76
Quadro 4 - Posturas dos assembleianos sobre autoridades evangélicas e vacinas.....	80
Quadro 5 - Consumo de fontes partidárias de direita e desconfiança das mídias tradicionais. 84	
Quadro 6 - Consumo partidário e confiança simultânea em fontes tradicionais.....	86
Quadro 7 - Consumo de fontes noticiosas tradicionais.....	88
Quadro 8 - Estratégias informais de avaliação da veracidade das notícias.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de Entrevistados por Igreja.....	66
Tabela 2 – Distribuição de Funções Exercidas pelos Entrevistados.....	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 RELIGIÃO, POLÍTICA E MÍDIA: EVANGÉLICOS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.....	19
2. 1 Religião, Política e Laicidade no Brasil.....	21
2. 2 Identidade e Diversidade no Movimento Evangélico.....	26
2. 3 Pastores Midiáticos e a Formação de Identidades Políticas Evangélicas.....	30
2. 4 A Política Evangélica: Conservadorismo, Bolsonarismo e a Pandemia.....	37
3. CRENÇAS, MÍDIA PARTIDÁRIA E DESINFORMAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL.....	43
3. 1 Características Individuais e Vulnerabilidade à Desinformação Política.....	45
3. 2 Desinformação Científica e Antivacismo em Governos de Direita.....	48
3. 3 Desconfiança na Mídia e Fragmentação do Público.....	54
3. 4 A Valorização de Canais Menos Institucionalizados de Informação e a Influência de Agentes de Opinião na Política Local de Imperatriz.....	59
4. PERCURSO METODOLÓGICO E ESCOLHAS DE PESQUISA.....	64
4. 1 Critérios de Seleção dos Participantes e Características.....	65
4. 2 A Entrevista Semiaberta: definição e roteiro.....	69
4. 3 Análise Temática: Conceito e Aplicação.....	73
5. RESULTADOS.....	77
5. 1 Percepção de liderança e minimização dos equívocos.....	77
5. 2 Jornalismo Tradicional e Partidário: Relação com a desinformação.....	82
5. 3 Atalhos cognitivos na avaliação da informação.....	89
5.4 Crenças Conspiratórias: Crítica à Rede Globo e às Vacinas.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXO A – Textos completos das matérias jornalísticas do caso Pedro Henrique.....	114
APÊNDICE A – Características dos assembleianos de Imperatriz-MA.....	117
APÊNDICE B – Roteiro de perguntas para os assembleianos de Imperatriz-MA.....	125
APÊNDICE C – Entrevista com o primeiro assembleiano.....	127

1 INTRODUÇÃO

“O coronavírus não atingirá a sua casa, porque quem guarda a sua casa é Jesus”. Esta alegação foi proferida pela cantora evangélica Fabiana Anastácio em 21 de março de 2020, período em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o mundo vivia uma pandemia da COVID-19. Em 04 de junho do mesmo ano, a cantora foi vítima fatal do coronavírus após ficar uma semana internada em São Paulo (Coletivo Bereia, 2020)¹. Este caso exemplifica uma das formas de inter-relacionamento entre crenças religiosas e a confiança nas instituições epistêmicas no Brasil contemporâneo. Além disso, a hesitação vacinal entre evangélicos no Maranhão contra a COVID-19, ilustra um fenômeno de resistência à ciência e às recomendações das autoridades de saúde (Oliveira *et al.*, 2021).

Esse contexto de desinformação religiosa também se estende à política. Em 29 de maio de 2022, o bispo Renato Cardoso, da IURD, divulgou em seu programa informações falsas sobre o então candidato Lula (PT), alegando que ele contratou pastores evangélicos para sua comunicação e que a esquerda apoiava a “legalização do incesto”. A divulgação dessa *fake news*, que circulava desde 2019, foi acompanhada pela imagem de Manuela D’Ávila, associando-a ao suposto projeto. Isso resultou em uma ação judicial movida pela ex-deputada, que venceu o processo contra a Rede Record e a IURD em julho de 2024².

Diante do entrelaçamento entre religião e desinformação, observa-se a disseminação de informações falsas por líderes religiosos cristãos em plataformas digitais, com potencial significativo de influenciar a percepção de seus seguidores (Massuchin; Santos, 2021). A questão central desta pesquisa é: Quais fatores estão associados à aceitação de narrativas falsas no consumo de notícias entre evangélicos assembleianos da cidade de Imperatriz, no Maranhão?

Com base nesse contexto, esta dissertação tem como objetivo compreender o consumo de notícias pelos fiéis da Assembleia de Deus em Imperatriz (MA), abordando os processos de busca, avaliação e interpretação das informações. Para atingir esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

¹ O Coletivo Bereia verificou a veracidade da afirmação de que a cantora gospel Fabiana Anastácio publicou: “O coronavírus não atingirá a sua casa, porque quem guarda a sua casa é Jesus”. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/e-verdade-que-fabiana-anastacio-negou-o-risco-de-ser-infectada-pela-covid-19/>.

² Em julho de 2024, Manuela D’Ávila venceu uma ação judicial contra a Rede Record e a IURD, após a divulgação de uma fake news associando seu nome a um suposto apoio à “legalização do incesto” no programa de Renato Cardoso. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/justica-condena-rede-record-e-igreja-universal-por-fake-news-contra-manuela-davila/>.

1) Analisar as reações dos assembleianos imperatrizenses à desinformação disseminada por líderes políticos-evangélicos, observando o impacto da autoridade dessas figuras na aceitação dessas narrativas.

2) Verificar como o consumo de jornalismo, em suas diferentes formas, se relaciona com a suscetibilidade à desinformação entre os fiéis.

3) Explorar como os fiéis avaliam a credibilidade das informações recebidas e os critérios utilizados para julgar o conteúdo.

4) Examinar como a desconfiança dos fiéis nas narrativas oficiais das instituições midiáticas e científicas os torna propensos a aceitar desinformação.

Para atingir os objetivos propostos, foram realizadas 25 entrevistas com evangélicos pentecostais da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz (IEADI). A pesquisa utilizou o caso real da morte do cantor Pedro Henrique, que sofreu um infarto fulminante em dezembro de 2023, como estudo de caso³. O deputado federal Nikolas Ferreira comentou, em sua rede social X (antigo *Twitter*): “Vai virar rotina jovens morrerem subitamente dessa forma?” (Metropóles, 2023)⁴. Esse comentário é considerado desinformação, pois questiona a versão oficial sobre a causa da morte de Pedro Henrique, gerando especulações e contribuindo ainda para a propagação de teorias conspiratórias que associam a morte do cantor às vacinas. As teorias conspiratórias, como observam Van Prooijen e Douglas (2017), buscam apresentar explicações alternativas que pareçam mais satisfatórias do que as explicações oficiais.

As entrevistas foram realizadas entre junho e julho de 2024 em seis diferentes congregações assembleianas de Imperatriz (MA). Ao todo, foram entrevistados 25 indivíduos, distribuídos em três faixas etárias: 8 jovens (18-29 anos), 11 adultos (30-64 anos) e 6 idosos (acima de 65 anos). As entrevistas, de caráter semiaberto, seguiram um questionário dividido em três blocos principais: o primeiro buscou conhecer o perfil e a relação dos fiéis com a igreja e seus representantes; o segundo, abordou hábitos de consumo de mídia e seleção de veículos de comunicação; e, por fim, os participantes leram e opinaram sobre as matérias sobre a especulação da morte do cantor Pedro Henrique, associada às vacinas da COVID-19.

³ A morte do cantor Pedro Henrique foi utilizada apenas como exemplo para observar como os fiéis analisam as notícias. Qualquer outra figura evangélica, como o pastor Silas Malafaia, poderia ser substituída por Nikolas Ferreira, pois o foco da pesquisa está em compreender o processo de análise da informação pelos assembleianos do nosso estudo.

⁴ Embora Nikolas não tenha feito uma menção direta, sua publicação sobre a morte do cantor gospel foi associada, por internautas, à questão dos imunizantes contra a COVID-19, criando uma conexão indireta entre o episódio e as teorias sobre as vacinas. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/roger-do-ultraje-critica-nikolas-por-post-sobre-cantor-gospel-morto>.

A análise dos dados foi realizada de forma manual por meio de técnicas qualitativas, utilizando a análise temática proposta por Gibbs (2009). Foram identificados e categorizados os temas mais frequentes nas respostas dos participantes, resultando em quatro eixos temáticos: 1) Percepção de liderança e minimização dos equívocos; 2) Jornalismo Tradicional e Partidário: Relação com a desinformação; 3) Atalhos cognitivos na avaliação da informação; 4) Perfil da desinformação: Crítica à Rede Globo e às Vacinas. Esse processo permitiu organizar os dados e selecionar os trechos mais relevantes para responder aos objetivos e à questão central da pesquisa.

Os resultados da pesquisa revelaram padrões no comportamento dos fiéis em relação ao consumo de notícias e à aceitação de desinformação. A análise das entrevistas mostrou uma tendência geral de ignorar as narrativas oficiais, como os dados do Ministério da Saúde que refutaram as alegações de associação entre vacinas e mortes por infarto. A maioria dos participantes expressou desconfiança em relação à mídia tradicional, especialmente à Rede Globo, associando-a a uma agenda ideológica anti-religiosa, anti-humana e anti-direita, especialmente contra o ex-presidente Bolsonaro. Além disso, a confiança no líder político-evangélico Nikolas Ferreira foi frequentemente superior à confiança em fontes científicas, como os dados do Ministério da Saúde, e em fontes jornalísticas, representadas pelos formatos noticiosos das matérias veiculadas. O estudo identificou três perfis entre os assembleianos quanto à postura em relação à desinformação sobre as vacinas: 12 aceitaram, 9 mantiveram-se neutros (sem uma opinião formada) e 4 rejeitaram. Esses resultados indicam que os fiéis não constituem um grupo homogêneo em sua posição sobre a vacinação.

Em Imperatriz, a Assembleia de Deus (AD) é a maior denominação evangélica, representando uma parcela significativa da população local. No entanto, como observado por Araújo (2023), o segmento evangélico não é homogêneo, sendo composto por diferentes grupos, como Igrejas Missionárias, Pentecostais, Neopentecostais e outros de classificação não determinada. A Assembleia de Deus de Imperatriz, originária do pentecostalismo, tem experimentado um processo de neopentecostalização, com a adoção de características como a teologia da prosperidade, que defende que a busca pela riqueza material é uma consequência proporcional das ofertas e sacrifícios feitos à igreja⁵ (Pantoja; Costa, 2013; Pantoja; Silva, 2015).

⁵ Para compreender melhor o neopentecostalismo, uma vertente do pentecostalismo, recomenda-se a leitura do texto “Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando” (1995), de Mariano. As características distintivas do neopentecostalismo também são abordadas por Pantoja e Costa (2013), nas páginas 213-214.

De acordo com o IBGE (2010), a AD em Imperatriz contava com 39.896 fiéis, representando 16% da população total de Imperatriz, que era de 247.505 habitantes. Esse percentual de assembleianos torna a cidade um local estratégico para analisar as práticas de consumo de informação desse grupo, já que supera a média nacional de 6,4% de assembleianos (IBGE, 2010). Embora os resultados não possam ser generalizados, podem fornecer *insights* sobre dinâmicas semelhantes em outras regiões.

A escolha por Imperatriz como local de estudo é fundamentada em sua característica conservadora, evidenciada pela hegemonia política de candidatos alinhados à direita nos últimos 30 anos, com exceção de um único mandato de um prefeito de esquerda, Jomar Fernandes (2001-2004) (Silva, 2022). Nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, o ex-presidente Jair Bolsonaro venceu os adversários Fernando Haddad e Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente, na cidade (G1, 2018⁶; G1, 2022⁷).

Esse contexto político torna Imperatriz um local-chave para investigar o consumo de informações entre os evangélicos, especialmente considerando o papel ativo da Assembleia de Deus na política local. Durante as eleições de 2022, a igreja demonstrou forte apoio à direita ao trazer figuras como André Fernandes e Nikolas Ferreira para falar sobre o cristão e o voto (Barros; Tavares, 2024). Assim, a politização religiosa não apenas influencia a postura política dos fiéis, mas também afeta as formas como eles consomem informações e se relacionam com o mundo ao seu redor.

A Assembleia de Deus (AD), foco desta pesquisa, é a maior denominação evangélica brasileira, com mais de 43,5 mil registros na Receita Federal (Brasil.io, 2022)⁸. Fundada em 1911 em Belém (PA) por imigrantes suecos, as Assembleias de Deus fazem parte do movimento pentecostal mundial desde o início (Novaes, 2001). Em Imperatriz, a AD foi fundada em 1952, por migrantes do Estado do Piauí, que fugiam da seca em busca de melhores condições de vida no Maranhão (Pantoja; Costa, 2013)⁹. Com o crescimento da

⁶ No 1º turno das eleições de 2018, Bolsonaro venceu em Imperatriz com 50,93% dos votos, contra 37,53% de Haddad. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/veja-a-votacao-de-bolsonaro-e-haddad-em-cada-regiao-de-sao-luis-e-do-maranhao-no-1o-turno-das-eleicoes.ghtml>.

⁷ Jair Bolsonaro (PL) obteve 54,79% dos votos no segundo turno das eleições presidenciais de 2022 em Imperatriz (MA), enquanto Lula (PT) recebeu 45,21%. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2022/10/30/eleicoes-em-imperatriz-ma-veja-como-foi-a-votacao-no-2o-turno.ghtml>.

⁸ Segundo dados da organização Brasil.io (2022), a Assembleia de Deus, com 43,5 mil registros em vigor na Receita Federal, possui mais templos no Brasil do que agências dos Correios (11 mil) ou lotéricas (13 mil). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/salto-evangelico-assembleia-de-deus-maior-red-e-de-igrejas-do-pais-tem-lacos-politicos-de-eduardo-cunha-e-feliciano-a-marina-silva.ghtml>.

⁹ Para compreender a história da Assembleia de Deus em Imperatriz, recomendamos a leitura dos artigos de Pantoja e Costa (2013), Pantoja e Silva (2015) e Sousa (2008). O objetivo não é realizar um estudo histórico

denominação ao longo do século XX, a AD passou a desempenhar um papel relevante também no cenário político brasileiro, especialmente a partir da década de 1980.

A partir desse contexto de expansão, a bancada evangélica surgiu em 1986, com 22 dos 34 representantes evangélicos, majoritariamente das denominações batista e assembleiana, na Assembleia Nacional Constituinte. Cowan (2013) destaca que essas vertentes desempenharam papéis de destaque na politização dos evangélicos, defendendo a participação política dos fiéis como uma forma de proteger seus interesses e valores morais. Em 2003, a bancada se consolidou com a criação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), uma articulação política voltada para ampliar a presença evangélica nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (Cunha, 2019). Esse fortalecimento político das igrejas evangélicas, especialmente das Assembleias de Deus (AD) e da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), tem se refletido na ocupação de espaços em partidos políticos, cargos públicos e até em eleições para cargos executivos, como no caso da eleição de Marcelo Crivella, bispo da IURD, para a prefeitura do Rio de Janeiro.

Esse fortalecimento político também revela a estratégia das instituições religiosas e seus representantes em unificar seus seguidores em torno de uma agenda política comum. Um exemplo disso ocorreu no Maranhão, nas eleições de 2022, quando um áudio de uma moradora de Chapadinha circulou rapidamente nas redes sociais (Saiu Fofoca, 2022)¹⁰. No áudio, ela confrontava a orientação de voto de seu pastor em favor de Jair Bolsonaro (PL) e, em tom de protesto, afirmava que, caso não pudesse votar em Luiz Inácio Lula da Silva (PT), não entregaria mais seu dízimo, uma vez que sua renda vinha do Bolsa Família, programa iniciado no governo petista em 2003. Similarmente, nas eleições presidenciais de 2022, a Convenção das Assembleias de Deus no Maranhão (Ceadema) emitiu uma nota de repúdio contra a senadora Eliziane Gama (PSDB)¹¹, também evangélica e membro da Assembleia de Deus, por ela ter declarado apoio a Lula, contrariando a posição oficial da Ceadema, que havia declarado apoio a Bolsonaro. A convenção acusou Gama de falta de comprometimento com os valores políticos da igreja, demonstrando a pressão interna para que os fiéis se alinhem com uma postura política comum.

detalhado, mas incorporar elementos sócio-históricos relevantes ao longo do texto, a fim de destacar características políticas, históricas e sociais da AD local.

¹⁰ Este caso não foi relatado em meios de comunicação tradicionais, o que não é surpreendente, pois, como será discutido nos capítulos teóricos, a mídia convencional geralmente não dá voz a evangélicos progressistas. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@saiufofoca/video/7151460907367845126>.

¹¹ A Ceadema acusou Eliziane Gama de não cumprir os compromissos assumidos ao lançar sua pré-candidatura ao Senado, especialmente em relação à postura contra a política de esquerda. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2022/noticia/2022/10/19/apos-eliziane-gama-declarar-apoio-a-lula-convencao-das-assembleias-de-deus-no-maranhao-lanca-nota-de-repudio-contra-a-senadora.ghtml>.

Esses exemplos ilustram a estreita ligação entre política e religião no Brasil, muitas vezes com manifestações que ultrapassam os limites da democracia e do respeito. Em maio de 2023, o pastor Anderson Silva, da Igreja Vivo por Ti, em Brasília, declarou em um podcast que os evangélicos deveriam orar para que Deus “quebrasse a mandíbula do Lula” (O Globo, 2023)¹². Em Imperatriz, Maranhão, local de desenvolvimento desta pesquisa, durante as eleições de 2022, o deputado cearense André Fernandes, em evento na Assembleia de Deus, fez uma declaração desrespeitosa sobre pessoas com visões de mundo diferentes, dizendo: “você toma como verdade absoluta tudo aquilo que alguns, entre aspas, artistas, como, por exemplo, a desgraça da Anitta, falam pra você” (André Fernandes, informação verbal, AD CHURCH TV, 2022, s/p.)¹³.

Nesse sentido, esta pesquisa ganha relevância ao considerar a diversidade de posicionamentos dentro do espectro evangélico. Isso porque, dentro desse universo, existem diferentes correntes e tradições que influenciam os posicionamentos, como as distinções entre igrejas evangélicas de origem missionária, como as presbiterianas, e as de origem pentecostal. Um exemplo histórico dessas diferenças é o programa de controle de natalidade implementado pelas missões presbiterianas na década de 1960, na região da Belém-Brasília, que incluiu a cidade de Imperatriz como um de seus alvos. Esse movimento, conhecido como “Eixo da Serpentina”, foi visto como uma tentativa de controle populacional e não foi bem aceito por políticos e médicos, que o associaram à ideia de despovoamento da Amazônia e ameaça à estrutura familiar tradicional (O Jornal, 1967)¹⁴.

A intervenção da igreja presbiteriana na promoção de métodos anticoncepcionais, em contraste com a postura de outras denominações, explicita a diferenciação nas atitudes religiosas sobre controle populacional e moralidade em Imperatriz, uma cidade marcada por valores conservadores. Esse conservadorismo se manifestou também nas eleições de 2022, quando Nikolas Ferreira, na Assembleia de Deus de Imperatriz, propagou um discurso moralista, alertando que a vitória de Lula representaria uma ameaça à família e à proibição do aborto, criando um pânico moral entre os fiéis (Barros; Tavares, 2024).

¹² O ministro da Justiça à época, Flávio Dino, informou que acionaria a Polícia Federal para investigar o pastor evangélico Anderson Silva por incitação à violência contra o presidente Lula (PT). Silva respondeu no Instagram, dizendo não temer Dino e que continuaria orando para que "todos vocês sejam nocauteados por Deus". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/tudo-sobre/politico/noticia/2023/06/senhor-arrebenta-a-mandibula-do-lula-dino-quer-investigacao-da-pf-contrapastor-por-incitacao-a-violencia.ghtml>.

¹³ O vídeo está disponível no canal AD CHURCH TV, da Assembleia de Deus de Imperatriz, no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1N5jtOhHg4E>.

¹⁴ Agradecemos ao professor Ricardo Alvarenga por rememorar este evento histórico durante a banca de qualificação, assim como pelo material jornalístico recuperado e compartilhado.

Este cenário de pânico moral e imaginário social pode ser aplicado a uma série de comportamentos, práticas e grupos que desafiam ou quebram normas sociais estabelecidas, indo além do âmbito político. Cunha, Bertin e Alvarenga (2020) analisaram manifestações artísticas no Brasil, como a *Queermuseu* e a performance *La Bête*¹⁵, demonstrando que o portal de notícias Gospel Mais contribuiu para a construção de um imaginário social altamente negativo da arte contemporânea. Ao associar essas expressões artísticas à pedofilia, homossexualidade e blasfêmia, essas publicações reforçam o pânico moral em torno da arte, sugerindo que tais manifestações culturais são uma ameaça à moralidade tradicional. Como ressaltam os autores, “os seres humanos vivem de imagens, daquilo que veem e aprendem do seu cotidiano e do que imaginam da vida, da morte, do mundo e de outros mundos” (Cunha; Bertin; Alvarenga, 2020, p. 138), sendo a imaginação formada nas relações nas quais cada indivíduo está inserido.

No contexto deste estudo, a especulação de Nikolas Ferreira sobre a morte do cantor gospel Pedro Henrique exemplifica como a desinformação é estratégica, conforme a definição de Fallis (2009), que descreve como um indivíduo pode induzir outra pessoa a tirar conclusões falsas. A desinformação sobre o falecimento do cantor se espalhou rapidamente devido à credibilidade de Ferreira, uma figura influente nas redes sociais. Esse caso demonstra como rumores ganham força pela confiança no emissor e pelo desejo de muitos de acreditar em narrativas que confirmam suas crenças, mesmo sem evidências, como destaca Quirós (2017, p. 37): “A força do rumor ou mentira está na credibilidade daqueles que as propagam. Hoje, essa força está no que, fácil e massivamente, se distribui e no desejo daqueles que as recebem, em acreditar”.

A dissertação é estruturada em seis capítulos, incluindo esta introdução. O segundo capítulo analisa a inter-relação entre religião, política e mídia no contexto brasileiro contemporâneo, com ênfase na atuação dos evangélicos. São discutidos aspectos da cultura pentecostal, o papel dos líderes religiosos, as tensões com os valores democráticos, a atuação durante a pandemia e o uso das mídias eletrônicas por esse grupo. O terceiro capítulo aborda a literatura sobre crenças em notícias falsas, as preferências de veículos de comunicação entre os religiosos no Brasil, a seleção dos meios de comunicação, a desinformação científica e a percepção hostil ao jornalismo. O quarto capítulo descreve os métodos utilizados para coleta e análise dos dados, detalhando a aplicação das técnicas qualitativas. O quinto capítulo

¹⁵ A exposição *Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira*, realizada em setembro de 2017 no Santander Cultural de Porto Alegre, foi cancelada após acusações de apologia à zoofilia, pedofilia e homossexualidade. A performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, no MAM em setembro de 2017, gerou controvérsia por envolver interação com uma criança, sendo acusada de incitar a pedofilia.

apresenta e discute os principais achados do estudo. Por fim, o capítulo de considerações finais sintetiza os resultados, destaca as contribuições da pesquisa e sugere direções para investigações futuras.

2 RELIGIÃO, POLÍTICA E MÍDIA: EVANGÉLICOS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

As igrejas no Brasil exercem diferentes papéis: elas transmitem valores e normas. Além disso, especialmente nas periferias, são mais do que locais de culto e oração, funcionam como espaços de lazer, de apoio social e até mesmo de proteção contra a violência (Santos, 2009). Em acréscimo, Ribeiro e Minayo (2014) discutem o papel da religião dentro do sistema prisional e como ela preenche uma lacuna deixada pelo Estado. As ações religiosas dentro das prisões são muito comuns e têm como objetivo oferecer aos detentos uma alternativa à vida criminosa, um novo caminho. Segundo as autoras, as penitenciárias, na prática, não possuem caráter ressocializador, acabam apenas isolando os presos da sociedade. Diante dessa falha do Estado, as iniciativas religiosas acabam assumindo esse papel¹⁶.

Nesse sentido, a religião, especialmente o cristianismo, mantém uma centralidade na vida de boa parte da população brasileira, com 50% da população católica e 31% evangélica, segundo o Datafolha (2020), desafiando as teorias sociológicas mais antigas que previam um declínio gradual da religiosidade com o desenvolvimento das sociedades modernas. Como ressalta Bentzen (2021, p. 545): “Pelo contrário, o papel da religião está aumentando em muitos lugares e hoje 84% do globo acredita em Deus”. Além disso, as igrejas são as instituições que mais inspiram confiança entre os brasileiros (A cara da democracia, 2022), e em contextos de desacordo com a ciência, 75% da população confia mais em sua fé do que em evidências científicas (Welcome Global Monitor, 2018).

Bentzen (2021) oferece uma visão global de como a religião se torna uma forma de enfrentamento durante crises. Seu estudo indica um aumento expressivo nas buscas por “oração” no Google, especialmente no início da pandemia de COVID-19, superando até os picos registrados em feriados religiosos como Natal e Páscoa. Esse fenômeno sugere que, em momentos de adversidade, as pessoas recorrem à fé como uma forma de enfrentamento¹⁷ para lidar com o sofrimento e encontrar significado nas dificuldades enfrentadas.

¹⁶ Segundo Ribeiro e Minayo (2014), a conversão religiosa é uma mudança profunda nas crenças e valores de uma pessoa, que pode levá-la a abandonar um estilo de vida criminoso. Embora muitos estudos considerem a conversão positiva, alguns autores adotam uma visão crítica, questionando se a conversão é genuína ou apenas uma estratégia para evitar punições ou buscar aprovação social.

¹⁷ Bentzen (2021, p. 545) destaca que a utilização da religião como mecanismo de enfrentamento não se limita a culturas ou religiões específicas, manifestando-se em diversas partes do mundo e entre diferentes grupos sociais. Ela afirma: “A tendência das pessoas de usar a religião para lidar com crises pode ser entendida dentro da terminologia de enfrentamento religioso. A teoria afirma que as pessoas usam a religião como um meio de lidar com a adversidade e a incerteza. Elas oram, buscam uma relação mais próxima com Deus ou explicam a tragédia por referência a um Ato de Deus”.

A religião também desempenha um papel crucial nas escolhas eleitorais no Brasil, como exemplificado pela candidatura de Fernando Henrique Cardoso, que perdeu a eleição para a prefeitura de São Paulo em 1985 por não declarar publicamente sua crença religiosa¹⁸. Pierucci e Prandi (1995) observam que a hesitação de Cardoso em afirmar sua fé resultou em uma imagem pública prejudicada, demonstrando o impacto da religiosidade nas decisões políticas. Ademais, a eleição de 2010 também foi marcada por uma disputa acirrada e ideológica, em que Dilma Rousseff (PT) foi alvo de ataques que associavam sua imagem à burocracia e a um projeto de direitos humanos que não agradava certos grupos, particularmente os religiosos conservadores. Nesse sentido, os principais presidentiáveis estavam sendo questionados na arena pública qual a sua “verdadeira posição” sobre o aborto, como uma forma de centralizar o debate de sua reputação (Ramos, 2012).

A pesquisa do Datafolha 2014, analisada por Prandi e Santos (2017), revela dados significativos sobre o papel da religião na sociedade brasileira. Os resultados mostram que a crença em Deus é valorizada e associada à moralidade, destacando a religião como um elemento central na identidade nacional. O ateísmo é uma das identidades mais rejeitadas no país. Prandi e Santos (2017, p. 191) descobriram que “a asserção que mais unifica tanto católicos (88,1%) como evangélicos pentecostais (91,5%) e não pentecostais (90,0%) é a de que ‘acreditar em Deus torna as pessoas melhores’”. Essa crença contribui para uma identidade nacional conservadora.

Prandi (2008) analisa a relação entre religião e identidade social, destacando que a religião atua como um mecanismo de inclusão e exclusão social. Segundo ele, “a religião aproxima os iguais e os distancia dos outros, agrega e imprime identidade, como faz a cultura” (Prandi, 2008, p. 159). Em relação a isso, é relevante observar como a construção de identidades políticas e religiosas se entrelaça com a exclusão do outro. Políticos da extrema-direita e líderes pentecostais conservadores frequentemente não toleram divergências dentro de seus próprios grupos, acusando aqueles com ideias diferentes de não serem genuínos em sua fé (Alencar, 2019; Barros; Tavares, 2024; Massuchin; Santos, 2021). Nesse contexto, os pentecostais consideram os protestantes históricos como carentes no batismo com o Espírito Santo, além de classificar o catolicismo romano, as religiões espíritas, africanas e outras não-cristãs como falsas religiões (Sousa, 2008).

¹⁸ Como relembram Pierucci e Prandi (1995, p. 33): “Fernando Henrique Cardoso, na campanha para a prefeitura de São Paulo em 1985, experimentou na própria carne a gravidade desta falha. Acredita-se que perdeu a eleição por ter hesitado em responder se acreditava em Deus ou não”.

Novaes (2001) observa que os evangélicos ocupam uma posição ambígua na sociedade brasileira. Embora sua presença em áreas desassistidas, como periferias, seja considerada positiva, por oferecer apoio à população carente, sua atuação também se estende aos centros de poder, como os meios de comunicação e a esfera política, o que gera preocupações. Cunha (2016), ao analisar o pastor-político Marco Feliciano, destaca como líderes religiosos fundamentalistas podem construir uma imagem de Deus como um ser vingativo, justificando a discriminação contra aqueles que discordam de suas ideias. Essa representação divina é utilizada para justificar a luta contra forças consideradas malignas, representadas por opositores políticos e ideológicos.

Este breve panorama destaca a centralidade da religião na vida dos brasileiros, sua influência nas decisões políticas e sua interseção com questões de moralidade, identidade e poder. Na seção seguinte, será aprofundada a análise histórica da relação entre religião e política, assim como os desafios da laicidade em um país predominantemente cristão e conservador, com suas implicações para a democracia e os direitos humanos.

2. 1 Religião, Política e Laicidade no Brasil

A história do Brasil revela uma relação estreita entre fé e poder, com a religião frequentemente usada como instrumento de dominação e controle. Alencar (2019) traça uma conexão entre dois eventos históricos aparentemente distintos: o descobrimento do Brasil, celebrado com uma missa católica, e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, antecedida por uma oração pentecostal. A frase da obra “O Leopardo” de Lampedusa: “Tudo deve mudar para que tudo fique como está”, citada por Alencar (2019, p. 14), sugere uma continuidade nas estruturas de poder, manifestada pela utilização recorrente da religião na política brasileira.

Mariano (2011) argumenta que a separação entre Igreja e Estado no Brasil nunca foi plena. Após a Proclamação da República, a Igreja Católica continuou a desfrutar de privilégios, enquanto outras religiões, como o espiritismo e as religiões afro-brasileiras, eram discriminadas pelo Estado e pela sociedade. Essas práticas não católicas eram frequentemente vistas como inferiores e/ou criminosas, e até o início do século XX, os espíritas precisaram se organizar como uma religião para obter reconhecimento legal¹⁹. Além disso, protestantes enfrentaram campanhas difamatórias e violentas, como durante o Estado Novo (1939) e nos

¹⁹ Mariano (2011, p. 246) recorda que: “A mediunidade e as práticas curativas dos espíritas eram comumente rotuladas de patológicas e enquadradas como exercício ilegal da medicina nos embates públicos travados entre 1920 e 1940. Embora até o início do século XX não se vissem como condutores ou praticantes propriamente de uma religião, nem almejassem obter tal estatuto, os espíritas só conseguiram descriminalizá-las e legitimá-las, após transformá-las forçosamente num culto religioso”.

anos 1950. Esse período foi marcado pela perda de protagonismo da Igreja Católica na sociedade brasileira. Na década de 1960, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) promoveu o chamado Movimento de Opinião Pública. Segundo Alvarenga (2016, p. 108), “a preocupação com a formação da opinião pública era muito grande dentro da Instituição. A CNBB queria intervir mais diretamente na formação das pessoas”.

Apesar das diferenças históricas entre católicos e evangélicos, esses grupos frequentemente se unem para defender pontos de vista religiosos comuns, formando a chamada Bancada da Bíblia. Um exemplo dessa união foi visto em 2015. Católicos e evangélicos se mobilizaram para protestar contra um episódio em que manifestantes haviam simulado a crucificação de Cristo, substituindo Jesus por um transexual. Juntos, os parlamentares, contrariados com o ato, entraram no plenário da Câmara rezando o Pai-Nosso e exibindo imagens da manifestação (Quadros; Madeira, 2018).

Oro (2003) observa que a Igreja Católica tem intensificado sua atuação política, em resposta ao crescimento da influência da política evangélica, especialmente da IURD. Essa ação se reflete na formação da “bancada católica” em várias esferas políticas, incluindo o Congresso Nacional, além da divulgação de cartilhas eleitorais para orientar os fiéis sobre o voto consciente. Ao contrário das igrejas pentecostais, a Igreja Católica não realiza prévias nem endossa oficialmente as candidaturas de seus membros. Quando algum membro do clero católico decide se candidatar, é necessária a autorização do bispo ou provincial, um processo dependente da posição teológica e ideológica da liderança eclesial²⁰.

Montero (2012) defende que a influência política da Igreja Católica no Brasil ainda é superior à das denominações protestantes pentecostais. Ela observa que o catolicismo contribuiu para a construção da esfera pública, fornecendo um modelo de organização e mobilização social. Termos como “pobre”, “comunidade”, “libertação” e “fraternidade”, enraizados na teologia católica,²¹ passaram a ser usados na luta por direitos e justiça social.

²⁰ Oro (2003, p. 61) explica que, ao contrário dos evangélicos, a Igreja Católica tem uma atuação política mais discreta, sem prévias ou endosso oficial às candidaturas de seus membros: “Observe-se que diferentemente das igrejas pentecostais, a Igreja Católica não realiza prévias nem assume a candidatura oficial de seus membros que concorrem a cargos eletivos. Trata-se da postulação pessoal do clérigo que, após autorização do bispo e/ou do provincial o dispensando das atividades religiosas, passa a se dedicar temporariamente à política. Geralmente, a autorização é um processo difícil, e nem sempre obtém êxito, pois depende da posição teológica e ideológica do bispo da diocese, ou do provincial da Ordem Religiosa”.

²¹ Em resumo, Montero (2012) se refere a duas teologias que marcaram a atuação da Igreja Católica no Brasil: a Teologia da Libertação, com foco na justiça social e na luta contra a pobreza, e a Teologia da Inculturação, com ênfase na valorização das minorias étnicas. Ambas contribuíram para a formação da sociedade civil e para a linguagem dos movimentos sociais no país.

Em contraste, o pentecostalismo enfrenta desafios para legitimar seu discurso político devido a práticas e ideias consideradas controversas por setores da sociedade²².

Segundo levantamento do Instituto de Estudos da Religião (Iser), dos 513 deputados eleitos para a Câmara Federal na 57ª legislatura (2023-2027), 399 tiveram sua confissão religiosa identificada (77,78%). A maioria se identifica como católica (233 ou 45,41%), em consonância com a composição religiosa da população, majoritariamente católica. Os identificados com a identidade “cristã” somam 83 (16,17%), seguidos pelos evangélicos, que representam 76 (14,8%). As demais confissões religiosas são minoritárias: três afroreligiosos (0,6%), três espíritas (0,58%) e uma parlamentar de espiritualidade indígena (0,19%). Entre os suplentes analisados naquele momento (oito), observa-se uma maior diversidade, com presença de agnósticos, ateus e representantes de outras religiões (Nexo, 2023).

A laicidade do Estado não implica na extinção da religião, mas sim em sua não interferência nos assuntos públicos. Mariano (2011) destaca que a laicidade estabelece uma clara distinção entre os domínios político e religioso, assegurando a liberdade de culto e a autonomia das instituições religiosas, ao mesmo tempo em que impede a imposição de qualquer crença à sociedade. Esse princípio faz parte do processo de secularização²³, que diminui a influência da religião na esfera pública sem eliminar sua relevância na vida privada dos indivíduos. Em 2024, uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) validou a exposição de símbolos religiosos em órgãos públicos, desde que sua intenção seja refletir a tradição cultural da sociedade (G1, 2024), gerando questionamentos sobre a efetiva separação entre Igreja e Estado.

Alencar (2019) cita o evangelizador americano Charles Finney e a ministra Damares Alves, do governo Bolsonaro (2019-2022), para ilustrar a visão comum entre esses personagens de que a Igreja tem um papel fundamental na moralidade pública. Ambos veem a Igreja como moralmente superior e legitimada a intervir nos assuntos públicos. Alencar (2019, p. 25) critica a ministra Damares Alves, lembrando sua declaração: “Esse país é laico,

²² Montero (2012, p. 172) argumenta que o pentecostalismo ainda não conseguiu legitimar um discurso público amplamente aceito: “Mas ele ainda não foi capaz de encontrar os meios para legitimar e produzir um discurso público aceitável, já que a associação entre fé, risco e dinheiro que promove e o exorcismo pouco tolerante dos exus que realiza em seus rituais, ainda não são formas religiosas bem aceitas pelas camadas cultas e pelas outras religiões, tendo levado, muitas vezes, a acusações de corrupção e intolerância religiosa”.

²³ Mariano (2011) diferencia secularização de laicidade. A secularização é um processo amplo que transforma uma sociedade dominada por valores religiosos em uma sociedade mais secular, onde a influência da religião diminui em diversos aspectos da vida. Em contraste, a laicidade refere-se especificamente à relação entre Estado e religião, enfatizando a separação entre as esferas política e religiosa. A laicidade visa assegurar a neutralidade do Estado em relação às diferentes religiões, garantindo a liberdade religiosa e de consciência, ou seja, o direito de cada indivíduo de professar sua fé ou optar por não ter nenhuma.

mas essa ministra é terrivelmente cristã”²⁴, destacando a complexidade da relação entre religião e política e os desafios para a construção de um Estado laico. Em 2020, a ministra foi acusada pela Folha de São Paulo²⁵ de ter interferido para impedir a realização de um aborto legal em uma menina de 10 anos, no Espírito Santo, vítima de estupro. Além do mais, Damares, enquanto vítima de violência sexual dentro do contexto religioso quando criança (Ladeira, 2022), deveria, em tese, ser sensível às vulnerabilidades e aos abusos de poder que podem ocorrer dentro de instituições religiosas. No entanto, ao defender a superioridade da Igreja, ela parece ignorar ou minimizar esses riscos, inclusive os que ela própria vivenciou.

Alencar (2020) também discute o uso da religião como justificativa para ações políticas, desde eleições até a aprovação de leis. A assertiva “Deus não vota, mas muita gente se elege em seu nome” (Alencar, 2020, p. 163) ilustra a invocação da figura divina para legitimar decisões políticas. Ele observa a crescente “calvinização”²⁶ do pentecostalismo brasileiro, que advoga que Deus controla tudo, inclusive o bem e o mal, e que a salvação é predestinada. Alencar (2020, p. 173) critica essa “religião dos eleitos” no Brasil, personificada na figura de Bolsonaro, ao descrevê-la como: “discriminatória, misógina, racista, homofóbica, xenófoba, exclusiva e excludente; uma típica ‘religião como solvente’”.

Diante desse contexto, Mezzomo, Anjos e Pátaro (2020) enfatizam a necessidade de refletir sobre quem são os “justos” mencionados no Livro de Provérbios e qual é o “povo” que se alegra com o governo desses “justos”. Ao analisarem as políticas que visam restringir os direitos das mulheres, da comunidade LGBTQIA+, de professores e de religiões não cristãs, os autores argumentam que não há um “justo” sequer, já que essas minorias continuam a ser excluídas. A alegação de que o “Estado é laico, mas não é ateu” demonstra a continuidade de uma militância religiosa, baseada nos valores cristãos, que busca consolidar sua hegemonia,

²⁴ Damares declarou: “Esse país é laico, mas essa ministra é terrivelmente cristã”, ao assumir a pasta de Direitos Humanos em janeiro de 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-estado-e-laico-mas-essa-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-alves/>.

²⁵ A ministra enviou pessoas do ministério para impedir o procedimento na menina de 10 anos violentada no Espírito Santo, segundo a Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/ministra-damares-alves-agiu-para-impedir-aborto-de-crianca-d-e-10-anos.shtml>.

²⁶ A “calvinização” do pentecostalismo significa que igrejas pentecostais, que originalmente enfatizavam a salvação para todos (influenciadas pelo arminianismo), estão progressivamente adotando características calvinistas: “Herança dualista grega e da imobilidade social do mundo medieval, o mundo é dividido entre os ‘eleitos’ e ‘rejeitados’, por que a onisciência divina já predestinou os ‘salvos’ e ‘perdidos’. Como entender isso? Não é para entender, mas apenas crer. Nesse ethos polarizado arbitrariamente por uma vontade divina, é compulsório a satanização do outro, da negação do diferente. E, apesar dos pentecostalismos terem herdado do metodismo a doutrina arminiana, onde a salvação é para todos, há na atualidade uma ‘calvinização’ do pentecostalismo brasileiro” (Alencar, 2020, 170).

em detrimento de outros grupos que defendem discursos e valores diversos daqueles promovidos por esses “justos”²⁷.

Oguntola-Laguda (2015) identifica uma contradição entre a crença religiosa na Nigéria e a realidade política do país. Essa contradição está relacionada à ideia do “Numinoso”²⁸, uma força divina que, segundo algumas religiões, escolhe os líderes e confere a eles o poder. As principais religiões na Nigéria, como o Islã, o Cristianismo e as Religiões Tradicionais Africanas, compartilham a noção de um poder superior que determina os destinos humanos e escolhe os líderes. No entanto, a corrupção e a violência são problemas endêmicos na política nigeriana, o que contraria a ideia de um poder concedido por uma força divina. A contradição reside no fato de que, apesar da crença em um poder divino que escolhe os líderes, a realidade política nigeriana é marcada por uma luta constante pelo poder. Ou seja, os líderes políticos nigerianos, que professam crenças em um poder superior, agem como se o poder fosse fruto de seus próprios esforços, sem a intervenção de uma força divina. No Brasil, algo semelhante ocorreu após a derrota de Bolsonaro nas eleições de 2022, quando evangélicos bolsonaristas envolvidos no ato antidemocrático de 8 de janeiro de 2023 relataram que igrejas organizaram caravanas para o evento, conforme matéria publicada por Aguirre Talento no UOL²⁹.

Machado (2013) analisa os desafios da participação política evangélica, destacando uma contradição na visão de líderes pentecostais. Embora busquem maior representatividade política por se sentirem discriminados, esses líderes relutam em aceitar a diversidade de valores e crenças presentes na sociedade³⁰. Essa postura entra em conflito com o princípio da

²⁷ Mezzomo, Anjos e Pátaro (2020, p. 28) destacam que a laicidade no Brasil é distante de um modelo rígido, permitindo que líderes religiosos influenciem a política: “Finalmente, cabe destacar como as fronteiras entre os campos da religião e política não estão bem delimitadas, mas existem permeabilizações e imbricações, num modelo de laicidade distante daquele rígido e bem demarcado, o que possibilita a esses religiosos políticos trazerem para a cena pública suas pautas, embasados na célebre afirmação dita por candidatos e lideranças religiosas de que o ‘Estado é laico, mas não é ateu’”.

²⁸ Oguntola-Laguda (2015, p. 224) focou sua análise nas eleições nigerianas de 2011: “Ou seja, se os aspirantes a posições de liderança levarem a sério as injunções morais de sua religião, a luta pelo poder não será tão intensa quanto testemunhamos agora no mundo. Além disso, uma vez que algumas religiões (especialmente a Religião Tradicional Africana, o Islã e o Cristianismo que são dominantes na Nigéria) pregam que o poder pertence ao Numinoso e que Ele escolhe quem Ele deseja para exercê-lo e liderar a sociedade, não deveria haver uma luta tão intensa pelo poder como testemunhada na Nigéria, especialmente na pré-eleição e após a eleição presidencial de 2011”.

²⁹ Evangélicos bolsonaristas que participaram do ato antidemocrático de 8 de janeiro de 2023 relataram à Polícia Federal que igrejas de diversos estados organizaram e financiaram caravanas para o evento. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/aguirre-talento/2023/03/15/presos-no-81-dizem-a-pf-que-igrejas-pagaram-oni-bus-para-ato-em-brasilia.htm>.

³⁰ Machado (2013) relata que líderes pentecostais no Brasil percebem uma desvalorização de sua autoridade religiosa em comparação com outras autoridades, como as jurídicas e médicas, e também um tratamento diferenciado em relação a outros grupos religiosos, como a Igreja Católica. Para contornar essa situação e fortalecer sua posição na sociedade, eles estão buscando qualificação em áreas como o direito e a psicologia, com dois objetivos principais: defender suas agendas políticas e legitimar suas posições. Por exemplo, sobre a entrevistada do estudo, a psicóloga e missionária evangélica Rosangela Justino: “Essa entrevistada recebeu

convivência democrática, que exige respeito à diversidade e construção de consensos que respeitem os direitos de todos, independentemente de suas crenças. A resistência à diversidade é apoiada por estudos como o de Kniess e Santos (2020), que associam a religião evangélica a valores democráticos mais baixos.

Alencar (2020) celebra a pluralidade do protestantismo como uma força positiva, mas critica a forma como essa diversidade se manifesta, frequentemente marcada por ataques pessoais, acusações e falta de diálogo construtivo. Como afirma Alencar (2020, p. 172): “essa pluralidade é o que existe de mais belo. E redentor. E de forma mais cínica, diria: ela os salva deles mesmos. Pois, ela também indica que, como sempre discordam uns dos outros, nunca todos estão errados!”. A seção seguinte aprofunda o perfil dos evangélicos no Brasil.

2. 2 Identidade e Diversidade no Movimento Evangélico

Cunha (2016) adota uma definição abrangente de “evangélicos”, englobando todos os cristãos que não pertencem às tradições católica ou ortodoxa no Brasil. Apesar da diversidade entre os grupos evangélicos, a autora identifica características comuns, como a interpretação literal da Bíblia, o foco na salvação individual, a rejeição de práticas culturais não cristãs e o distanciamento das questões sociais. Essas características, que têm raízes no puritanismo e no pietismo norte-americanos, conferem aos evangélicos brasileiros uma identidade conservadora e fundamentalista. Embora a autora reconheça que a cultura evangélica tem sofrido transformações ao longo do tempo, ela argumenta que a configuração identitária original ainda exerce grande influência sobre esse segmento religioso.

No campo evangélico, a divisão histórica entre protestantes e pentecostais ainda persiste. Os protestantes históricos, com raízes na Reforma Protestante do século XVI, e os pentecostais, surgidos nos Estados Unidos no início do século XX, possuem diferenças significativas, tanto doutrinárias quanto socioculturais. Como observa Novaes (2001, p. 68), “a literatura especializada costuma diferenciar os pentecostais dos chamados protestantes históricos considerando a época de origem, a procedência geográfica e certas ênfases doutrinárias”. Além disso, essa divisão representa disparidades socioeconômicas: os protestantes históricos tendem a ter um perfil socioeconômico mais elevado, enquanto os pentecostais predominam em camadas de renda mais baixa e apresentam um nível de escolaridade mais baixo, como indicado por estudos como o de Bohn (2004).

censura pública do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro em 2007, por oferecer tratamento psicológico aos homossexuais, decisão posteriormente confirmada pelo Conselho Federal de Psicologia (2009)” (Machado, 2013, p. 67).

No entanto, apesar das diferenças entre os grupos, existem questões morais, como a homossexualidade, que geram uma visão convergente entre os grupos. Ambos condenam a homossexualidade como imoral ou doença (Bohn, 2004). Na Igreja Universal, quase metade dos fiéis adotou uma postura mais tolerante, defendendo a liberdade individual nas questões de orientação sexual. Em contrapartida, a Assembleia de Deus se apresenta com uma postura mais conservadora. Comparando com outras religiões, a maioria dos evangélicos (84,3%) mantém uma visão negativa sobre a homossexualidade, em contraste com a perspectiva mais tolerante dos católicos (31%) e dos não religiosos (59,3%).

Em seu estudo sobre a relação entre religião e democracia em São Paulo, Kniess e Santos (2020) destacam importantes nuances. Os evangélicos demonstraram menor abertura à diversidade, menor disposição para o diálogo com pessoas que possuam opiniões políticas e morais opostas e uma adesão mais restrita à democracia como a melhor forma de governo, quando comparados a outros grupos religiosos³¹. Esses achados sugerem que, embora a religiosidade esteja associada a valores positivos como solidariedade e comunidade, ela também pode estar relacionada a posturas menos democráticas em determinados contextos. Essa visão é corroborada por outros estudos, como os de Barros e Tavares (2024) e Bohn (2004), que apontam que a religião evangélica pode contribuir para a formação de uma identidade grupal forte, mas também pode levar à exclusão social daqueles que pensam diferente.

Prandi (2008) complementa essa análise, argumentando que a exclusão social pode ser autoimposta entre os evangélicos. O autor explica que, ao estabelecer normas e valores específicos, a religião pode restringir a participação dos indivíduos na cultura global. Um exemplo disso é o comportamento de jovens evangélicos³², que, embora utilizem as mesmas tecnologias que seus pares, limitam suas experiências culturais devido às normas religiosas.

Spyer (2021) mostra a diversidade interna do movimento evangélico, ao ilustrar a história de Jéssica, que vivenciou um conflito comum entre normas religiosas e a busca por

³¹ Kniess e Santos (2020) analisaram duas outras dimensões. Não houve diferença significativa entre evangélicos e outros grupos em relação à disposição de mudar de opinião e à obediência às leis.

³² Este é o exemplo ilustrado por Prandi (2008, p. 159): “Mas haverá também uma cultura de jovens evangélicos, digamos. Um garoto dessa cultura pode se integrar com outros jovens do mundo inteiro por meio da internet, manter seus grupos de discussão, ter seu espaço no Orkut, enviar e receber mensagens por e-mail, mas, sendo evangélico, riscará de seu horizonte muito do que diz respeito ao sexo e às drogas, que geralmente lhe são interditos, e sua experiência musical estará restrita à música evangélica, pela qual os jovens não evangélicos do mundo não estarão minimamente interessados. Esse jovem evangélico não participará, por causa dos limites estéticos e comportamentais impostos por sua religião, de um grupo maior do que aquele limitado pela sua própria igreja. Ele está fora de uma cultura mundial de jovens, mesmo usando jeans, calçando tênis e comendo Big Mac. Sua religião é, nesse sentido, restritiva, excludente”.

autonomia individual. Jéssica se envolveu em uma disputa dentro da igreja com o pastor e outros adultos ao usar calça comprida para ir à universidade, contrariando a tradição assembleiana de mulheres usarem saias. O pastor e os pais de Jéssica viam esse ato como um indicativo de que o convívio universitário afastava os estudantes da vida religiosa. No entanto, Jéssica desacatou essa norma e mobilizou seus amigos na igreja para defender sua decisão, argumentando que, embora seguisse as normas da igreja no ambiente religioso, tinha o direito de se vestir de acordo com os padrões de seus pares universitários fora desse contexto. Esse episódio, conhecido como a “revolta da calça jeans”, simboliza conflitos mais amplos sobre tradição, modernidade, gênero e religião, expressando a complexidade da experiência religiosa contemporânea, onde as identidades são constantemente negociadas em um ambiente social em transformação.

Para manterem sua relevância em um contexto social em constante mutação, as igrejas evangélicas, que experimentam um crescimento exponencial, precisam adaptar-se às demandas de uma sociedade cada vez mais individualizada e plural (Prandi; Santos; Bonato, 2019). Essa adaptação exige uma delicada negociação entre a preservação de suas tradições e a abertura a novas formas de expressão religiosa. Como afirmam os autores, “as religiões precisam se valer das mais diversas estratégias que as possibilite assumir um papel relevante nas contínuas construções pessoais de sentido dos fiéis” (Prandi; Santos; Bonato, 2019, p. 46).

Mariano (2011) argumenta que a expansão do movimento evangélico intensificou a diversidade religiosa nacional, “quebrando o monopólio” do catolicismo e consolidando o pluralismo religioso, um processo característico da modernidade. Segundo o autor, a dinâmica competitiva entre as diversas denominações religiosas, impulsionada pelo proselitismo³³ pentecostal, estabeleceu a modernidade religiosa no Brasil. Almeida e Montero (2001) complementam essa análise ao destacar o papel dos católicos como “doador universal”, fornecendo um contingente significativo de fiéis para as demais religiões, principalmente para o pentecostalismo.

Prandi (2008) compara as estratégias de evangelização católica e pentecostal. Enquanto a Igreja Católica busca influenciar a cultura de forma ampla, o pentecostalismo adota uma abordagem mais individualizada e pragmática, concentrando seus esforços na

³³O proselitismo, no contexto do pentecostalismo, refere-se ao esforço de converter outras pessoas à fé pentecostal, buscando a adesão exclusiva a essa religião: “Proselitista e conversionista, ele foi fundamental para consolidar o pluralismo religioso no país, para reforçar a defesa do princípio da liberdade religiosa e de culto, do qual o pluralismo depende, para provocar a ruptura da lógica monopólica prevalecente no campo religioso, para pôr em xeque a estreita identificação entre catolicismo e nacionalidade brasileira e para dilatar enormemente a competição religiosa” (Mariano, 2011, p. 248).

conversão de indivíduos, “cientes de que ‘de grão em grão a galinha enche o papo’” (Prandi, 2008, p. 162). Essa estratégia, baseada na adaptação cultural e na construção de novos templos, tem sido eficaz na expansão do movimento pentecostal.

Estudos sobre a Assembleia de Deus em diversos contextos geográficos, como os realizados por Pantoja e Costa (2013) e Birman (2006), demonstram a heterogeneidade de práticas e expressões dentro do movimento pentecostal. Comunidades como as de Provetá (RJ), Imperatriz (MA) e o Marajó (PA) demonstram a capacidade adaptativa do pentecostalismo, modulando suas práticas em resposta às dinâmicas sociais e culturais locais. A adoção de estratégias de comunicação midiática, a incorporação de elementos empresariais e a sincretização com tradições populares são exemplos dessa flexibilidade, revelando a natureza plural e dinâmica do pentecostalismo brasileiro.

A pesquisa de Pantoja e Silva (2015), em Imperatriz, demonstra que a modernidade, com sua característica de relativização de valores e maior abertura à diversidade, impacta as instituições religiosas, incluindo as mais conservadoras, como a Congregação Cristã no Brasil (CCB) e a Assembleia de Deus (AD). Nesse sentido, os autores defendem que “nenhuma instituição se mantém imune às influências da sociedade moderna, sociedade que sofreu profundas alterações em sua organização, do ponto de vista da relativização de valores, de preceitos e de maior abertura para a ‘diversidade cultural’ e ‘religiosa’ [...]” (Pantoja; Silva, 2015, p. 215). Em Imperatriz, a AD demonstra maior abertura a novas formas de expressão da fé e de conexão com as pessoas. Em contrapartida, a CCB adota uma abordagem mais tradicional, centrada na preservação de valores e práticas originais, e se opõe a ideias que considera mundanas, como a busca pela prosperidade financeira³⁴.

Birman (2006) revela que o conceito de “isolamento” religioso é mais nuançado do que aparenta. A comunidade de Provetá, analisada pela autora, é predominante pentecostal e se autoapresenta como um espaço sagrado e distinto do mundo secular. No entanto, paradoxalmente, ela utiliza a mídia para projetar uma imagem positiva e fortalecer sua identidade. Conforme a autora observou no estudo empírico, indo até a “comunidade de crentes”, essa aparente separação do mundo exterior é uma estratégia que serve para centralizar o poder do pastor e legitimar sua autoridade sobre os aspectos sociais, políticos e religiosos da vida comunitária, como corroborado pela citação: “No cotidiano, o pastor

³⁴ Segundo Pantoja e Silva (2015, p. 220), a CCB têm uma menor ênfase na conversão: “Tomando como base para reflexão a afirmação de que o investimento em conquistar novos adeptos é o principal fator de crescimento da religiosidade em Imperatriz, pode-se inferir que uma das causas do pouco crescimento da CCB em Imperatriz é a resistência em investir nessa busca por novos membros, deixando que eles venham por ‘vontade’ ou ‘motivação divina’”.

reafirma e busca exercer (com relativo sucesso, aliás) a sua autoridade sobre o conjunto da vila, fazendo da igreja o centro de onde emana os princípios e as regras da sociabilidade, do exercício da política e da religião” (Birman, 2006, p. 48).

Além disso, a pesquisa de Prandi, Santos e Bonato (2019) corrobora a centralidade da liderança religiosa na vida dos fiéis. Ao analisarem os dados da Pesquisa Datafolha de 2016, os autores evidenciam que os evangélicos demonstram uma maior influência dos ensinamentos religiosos em suas vidas cotidianas quando comparados a outros grupos religiosos brasileiros. Essa diferença se manifesta em questões como: vestimenta, alimentação (evitando alimentos considerados impuros), consumo de álcool, consumo de conteúdo impróprio na TV e participação em festas. Essa maior adesão aos preceitos religiosos sugere a existência de uma forte pressão social e a expectativa de conformidade dentro das comunidades evangélicas, o que reforça a ideia de que a igreja, através de seus líderes, exerce um papel central na construção de identidades e na regulação dos comportamentos dos membros da comunidade, como destacado no trecho: “o simples fato de os evangélicos se sentirem menos à vontade do que os demais para declarar que não seguem totalmente as orientações de suas igrejas já é, por si só, significativo” (Prandi; Santos; Bonato, 2019, p. 48).

Tendo em vista a influência das lideranças religiosas na construção de identidades, a próxima seção se debruça sobre o papel dessas lideranças na formação de identidades políticas. Através de seu carisma e capacidade de mobilização, esses líderes influenciam as visões de mundo e as práticas sociais e políticas dos evangélicos. São analisadas as estratégias utilizadas por essas lideranças para construir identidades sociais e políticas de seus seguidores, com um olhar para as diversas formas de ativismo político evangélico, incluindo o crescente uso das mídias digitais.

2. 3 Pastores Midiáticos e a Formação de Identidades Políticas Evangélicas

Vale destacar que a influência dos pastores e líderes evangélicos transcende os âmbitos religioso e político, alcançando as mídias eletrônicas e digitais. O controle midiático por grupos religiosos evangélicos tem grande impacto na sociedade, permitindo que esses líderes reforcem suas visões e mobilizem seus seguidores. Como ressalta Novaes (2001, p. 78), “não há política sem mídia. Também as religiões não seriam as mesmas sem o uso que fazem da mídia”. Dessa maneira, o controle de meios de comunicação de massa proporciona às autoridades evangélicas um considerável poder para influenciar a opinião pública, a vida política e social do país. Essa influência torna-se ainda mais evidente quando se analisa o crescimento da programação evangélica nas principais plataformas de mídia.

Segundo Vital da Cunha (2023), a programação evangélica na TV aberta brasileira teve um crescimento significativo entre 2009 e 2013, superando outras denominações religiosas. Em 2009, eram dedicadas 185 horas e 30 minutos semanais à programação evangélica, número que aumentou para 228 horas e 10 minutos em 2013. Em comparação, a programação religiosa católica teve um crescimento modesto, passando de 2 para 7 horas semanais no mesmo período. Outras religiões, como as israelitas e umbandistas, praticamente desapareceram da TV aberta nesse período. Além disso, Vital da Cunha (2023, p. 85) ressalta que, “além da programação produzida por instituições religiosas, há também uma farta produção de conteúdo religioso pela mídia secular, que emerge em telejornais, novelas, seriados e nos demais produtos das TVs no Brasil”.

Essa crescente presença de conteúdo religioso na mídia está diretamente ligada ao domínio de grupos evangélicos sobre importantes veículos de comunicação. A pesquisa MOM Brasil de 2017³⁵ reforça esse panorama ao revelar que sete dos 50 veículos de maior audiência no Brasil são de propriedade de líderes evangélicos, com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) controlando cinco deles. No setor televisivo, três das maiores redes — Record TV, Record News e Gospel TV — estão sob controle evangélico, e no rádio, essa presença se mantém com dois canais de destaque (Aleluia e Novo Tempo). Além disso, na internet, o portal R7, vinculado à IURD, figura entre os sites mais acessados, e a imprensa também é dominada por esses grupos, como exemplificado pelo *Correio do Povo*³⁶, de propriedade de Edir Macedo. Por outro lado, a Igreja Católica apresenta uma presença mais discreta, com a Rede Vida e a Rede Católica de Rádio sendo seus principais veículos.

A diferença no uso das mídias eletrônicas entre as denominações evangélicas também é notável. Campos (2008, p. 22) destaca que a IURD possui um sistema de comunicação avançado, enquanto outras igrejas operam com estruturas menores, que ele classifica como “sistemas nanicos de comunicação”. Para Campos (2004, p. 148), os evangélicos consideram cada nova tecnologia de comunicação como uma “oportunidade dada por Deus” para expandir a sua fé. O advento da imprensa foi fundamental para o sucesso da Reforma Protestante, permitindo que os textos de Lutero e Calvino se espalhassem pela Europa graças à invenção de Gutenberg (1450). O protestantismo, centrado na Bíblia e nos livros de confissão de fé,

³⁵ A pesquisa Monitoramento da Propriedade da Mídia (MOM Brasil), foi realizada em 2017 pelo Intervozes em parceria com a Repórteres Sem Fronteiras.

³⁶ A pesquisa (MOM Brasil, 2017) revela ainda que, o número de veículos midiáticos controlados por lideranças religiosas seria maior se fossem considerados também os jornais impressos de distribuição gratuita, que não foram incluídos na pesquisa. Um exemplo citado é a *Folha Universal*, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que tem uma tiragem de 1,8 milhão de exemplares. Esse número supera a tiragem de jornais de grande circulação, como a *Folha de S.Paulo* (cerca de 300 mil exemplares por dia) e revistas semanais, como a *Veja* (cerca de 1,1 milhão de exemplares), que são amplamente reconhecidos.

consolidou-se como a “religião do livro”³⁷, onde o púlpito e a pregação da palavra se tornaram os principais elementos do culto, com o pastor assumindo o papel de “ministro da palavra”.

Mauricio Junior (2011) aponta uma contradição relevante: enquanto a Reforma Protestante defendia a igualdade entre todos os cristãos, o pentecostalismo e o neopentecostalismo estabeleceram uma clara hierarquia dentro das igrejas, concentrando poder em líderes carismáticos³⁸. A expressão “na contramão da Reforma” (Mauricio Junior, 2011, p. 43) demonstra essa divergência, sugerindo que esses movimentos, particularmente o neopentecostalismo, estão reconstruindo uma estrutura eclesial hierarquizada, com pastores e bispos ocupando posições de destaque e, em alguns casos, de celebridades. Na prática, observa-se uma divisão entre os “pastores de multidões”, que lideram grandes denominações com múltiplas filiais e ampla exposição midiática, e os “pastores normais”, com atuação local e menor visibilidade.

No contexto brasileiro, o movimento pentecostal reúne uma variedade de líderes carismáticos, como Silas Malafaia, Valdemiro Santiago, Edir Macedo e Marco Feliciano. Campos e Mauricio Junior (2013) ressaltam a diferença nos estilos de liderança desses indivíduos, destacando Malafaia, focado na leitura e repetição de versículos bíblicos, e Santiago, que prioriza rituais e experiências emocionais. Apesar das variações, o líder carismático desempenha um papel central na formação e manutenção da comunidade religiosa, funcionando como mediador entre os fiéis e o divino. Como afirmam Campos e Mauricio Junior (2013, p. 257), “o líder funciona como emblema na medida em que assume a dimensão material da força sagrada, sendo o líder a força mesma, podendo ser vista, tocada e fundamentalmente imitada”. Esse fenômeno revela que, aos olhos dos fiéis, os líderes são mais do que pastores; são vistos como portadores de uma força sagrada, merecendo respeito e admiração.

Considerando o papel central desses líderes, a credibilidade que lhes é atribuída em questões espirituais e morais pode se estender também a áreas como a política e a saúde

³⁷ Segundo Campos (2008, p. 7), a imprensa foi crucial para o sucesso da Reforma Protestante: “O advento da imprensa explica, em grande parte, o sucesso da Reforma protestante. Seria impensável o sucesso protestante sem a imprensa. Foi graças à tecnologia desenvolvida por Gutenberg (1450) na produção da página impressa que os textos de Lutero e de Calvino ganharam a Europa. O apego dos protestantes à Bíblia, aos livros de confissão de fé e aos catecismos fez desse ramo do Cristianismo a ‘religião do livro’”.

³⁸ Mauricio Junior (2011, p. 53) entende o carisma como uma performance ritualística que gera energia emocional entre líderes e fiéis: “Assim, deve-se entender o carisma para além da dominação, e, sobretudo, como performance presente nas cadeias de interações rituais pentecostais. Não se pode anular, no entanto, o fato de que estas interações têm como consequência a construção de uma estratificação carismática na qual os pastores de multidões se encontram no topo. Como disse, não pode haver ‘santos’ protestantes, posto que todos são santos. Porém, pode-se ver nas interações entre líderes carismáticos e fiéis que uns são mais santos que os outros”.

(Massuchin; Santos, 2021). Tal transferência de confiança permite que líderes religiosos influenciem significativamente as opiniões e comportamentos de seus seguidores, mesmo sem expertise nas áreas em questão. Um exemplo grave dessa influência ocorreu em 2009, levando a Justiça do Rio Grande do Sul a condenar a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)³⁹ a indenizar um fiel que, convencido por pastores, abandonou o tratamento para a Aids e foi instruído a manter relações sexuais sem preservativos com sua esposa, como prova de fé. A esposa acabou sendo infectada, e o fiel, após interromper o uso de medicamentos, foi hospitalizado com broncopneumonia.

A pesquisa Datafolha de 2016, analisada por Prandi, Santos e Bonato (2019), revelou que os evangélicos, tanto históricos quanto (neo)pentecostais, são mais flexíveis que outros grupos religiosos quanto à presença de líderes religiosos na política. Enquanto a maioria da população resiste à ideia de líderes religiosos concorrendo a cargos eletivos, os evangélicos apresentam uma opinião mais dividida. Segundo os autores, essa diferença se deve ao caráter personalista das igrejas evangélicas, onde o carisma do pastor exerce grande influência sobre os fiéis. Já em religiões como o catolicismo, a autoridade do líder está mais atrelada ao cargo que ocupa, o que limita sua participação política direta.

Entretanto, a ideia de que líderes religiosos controlam completamente as opiniões políticas de seus fiéis é contestada. Ao contrário da visão comum, esses fiéis possuem autonomia considerável para formar suas próprias opiniões políticas. Diversos fatores, além da orientação religiosa, influenciam suas escolhas. Como enfatizam Prandi, Santos e Bonato (2019, p. 52), “são dados impressionantes, na medida em que dissipam empiricamente a impressão de que os valores religiosos seriam preponderantes nas opiniões políticas da população, sobretudo entre os fiéis de denominações evangélicas”. Esses dados demonstram a complexidade das opiniões políticas entre os fiéis, que não constituem um bloco homogêneo facilmente manipulável por seus líderes.

Embora os fiéis evangélicos tenham autonomia para formar suas opiniões políticas, um estudo anterior de Prandi e Santos (2017) destaca que a homossexualidade é um tema que mobiliza fortemente os evangélicos, tanto no eleitorado quanto no parlamento. Nesse contexto, a bancada evangélica se mostra coesa, divergindo das posições da maioria dos parlamentares e alinhando-se com os eleitores evangélicos. Contudo, essa influência não se estende de forma uniforme a todas as questões. Em relação à pena de morte, embora haja

³⁹ Em nota, a IURD negou as acusações e informou que recorreria da decisão. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/09/03/igreja-e-condenada-a-indenizar-fiel-que-abandonou-tratamento-de-aids.htm>.

algum apoio entre os eleitores evangélicos (36,1% dos não-pentecostais e 35,3% dos pentecostais), a bancada evangélica adota uma postura mais moderada (9,6%), sugerindo que a autonomia dos fiéis e a influência da bancada podem variar conforme o tema em discussão, sendo mais unificadora em torno de pautas morais.

A diversidade de posicionamentos entre as lideranças pentecostais é outro fator importante, destacando a pluralidade interna do movimento. Machado (2013) ilustra essa heterogeneidade ao abordar a questão do aborto, identificando dois grupos principais: um conservador, com visão restritiva sobre os direitos reprodutivos, e outro mais aberto ao diálogo e à mudança, com maior interação com movimentos sociais. Embora os líderes conservadores sejam a maioria, a autora destaca que as vozes dissidentes, mais favoráveis aos direitos das mulheres e das minorias sexuais, têm menor visibilidade na mídia pentecostal e televisiva, limitando sua influência política e contribuindo para a predominância de discursos conservadores.

Esse cenário é corroborado por Alencar (2019), que enfatiza a heterogeneidade do segmento evangélico brasileiro, que abriga uma gama de opiniões, teologias e posicionamentos políticos. Embora o conservadorismo seja a imagem mais difundida, o autor destaca vertentes progressistas, como a Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito, fundada pelo pastor Ariovaldo Ramos e outros líderes, que se posicionaram contra o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT). No entanto, a falta de visibilidade na mídia tradicional e o acesso limitado ao poder político restringem a influência desses grupos progressistas, perpetuando um discurso conservador hegemônico. O autor também observa que, dentro do segmento evangélico, há uma disputa pelo significado do que é ser evangélico, com ambos os grupos, conservadores e progressistas, se considerando superiores⁴⁰ aos outros.

Segundo Spyer (2021), o progressismo evangélico sofre questionamentos externos. Alguns, como Heleno, vinculam sua atuação à fé e à promoção da justiça social, enquanto outros, como Jéssica, desafiam normas religiosas e se concentram em questões de identidade, como raça e gênero. Contudo, a aceitação dessa identidade pode ser reconhecida dentro da comunidade evangélica, mas questionada ou negada fora dela, especialmente em relação a

⁴⁰ Segundo Alencar (2019, p. 191-192): “Do ponto de vista dos coletivos progressistas, os conservadores estariam em nome da moral, deixando de lado o amor e a paz e proferindo discursos de ódio contra minorias e contra a diversidade. Do ponto de vista dos evangélicos mais conservadores, os progressistas estariam desvirtuando os propósitos da fé ao trazer para a religião discussões advindas de segmentos seculares da sociedade”. Por essa razão, para evitar divisões internas, a FEED foca em temas como cidadania e direitos humanos, evitando debates sobre questões morais e teológicas que geram divergências, como homossexualidade e aborto. Essa estratégia visa manter a união de evangélicos com diferentes visões teológicas, mas que compartilham a preocupação com a defesa da democracia e dos direitos humanos.

temas morais. Segundo o autor, Heleno e Jéssica⁴¹ não seriam vistos como representantes de ideias progressistas ou de esquerda, caso os critérios de avaliação sejam pautas como a legalização do aborto, a comercialização da maconha e o casamento homossexual.

Alencar (2019) argumenta que conservadores e progressistas adotam estratégias políticas distintas. Enquanto os primeiros buscam ocupar cargos eletivos, os segundos focam na construção de uma consciência política crítica, atuando em canais informais como redes sociais e na sociedade civil. Como aponta o autor, até a data de sua pesquisa (setembro de 2018), as organizações evangélicas progressistas não pleiteavam cargos institucionais, mas se dedicavam ao fortalecimento da consciência política evangélica.

Além disso, a desigualdade na visibilidade entre os evangélicos conservadores e progressistas nas mídias tradicionais é notória. Cunha (2019, p. 17) observa que o ativismo progressista evangélico não tem o mesmo alcance que o conservador, devido à falta de “celebridades midiáticas” nesse grupo, como declara: “não há celebridades midiáticas neste grupo; sua teologia e linguagem são conflitantes com o imaginário religioso conservador”, em relação a presença de progressistas na grande mídia. Em contrapartida, os evangélicos progressistas têm encontrado nas mídias digitais sua principal plataforma de expressão e visibilidade, dado o espaço restrito na grande mídia.

Essa dificuldade de representação midiática não se restringe ao Brasil. Santos, Borges e Vaz (2024) discutem a série argentina *El Reino*, que contribui para consolidar uma imagem negativa e estereotipada dos evangélicos na política. Ao focar apenas em aspectos controversos e negligenciar a diversidade interna do grupo, a série reforça a ideia de que o evangélico na política é frequentemente um “falso moralista preocupado com dinheiro”, como os autores observam (Santos; Borges; Vaz, 2024, p. 162). Assim, tanto no Brasil quanto em outros contextos, a representação dos evangélicos na mídia tende a simplificar e distorcer a realidade do movimento, alimentando estereótipos negativos.

Ainda sobre esse ponto, a literatura (Cunha, 2016; Guazina, Baptista; Santos, 2024) aponta que os grandes meios de comunicação do Brasil favorecem ideias conservadoras. Exemplos disso incluem a ampla cobertura dada ao deputado e pastor Marco Feliciano, especialmente durante sua indicação para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal, em 2013. A mídia noticiosa simplificou a disputa, polarizando

⁴¹ Como aponta Spyer (2021, p. 117), existem diferentes formas de engajamento político entre os evangélicos: “Heleno e Jéssica provavelmente não seriam vistos como representantes de ideias progressistas e/ou de esquerda se os critérios de avaliação forem a defesa de pautas morais como a legalização do aborto, da comercialização da maconha e – do tema vago e confuso atualmente chamado – de ‘casamento gay’. Isso sugere que ser ou não ser evangélico de esquerda e/ou progressista depende também da chancela de quem está fora das igrejas e que – geralmente – percebe o cristianismo evangélico de maneira superficial, desinformada e preconceituosa”.

entre Feliciano e o deputado Jean Wyllys (PSOL), representando a divisão entre evangélicos e movimentos LGBT, e dando ampla visibilidade ao pastor-político⁴².

Em conclusão, o cenário político brasileiro reflete um contexto onde as discussões políticas habitualmente envolvem figuras masculinas, especialmente entre os evangélicos, conforme mencionado acima. A pesquisa de Setzler e Yanus (2017) sugere que os evangélicos têm maior propensão a acreditar que homens são líderes políticos mais adequados. Esse contexto remete ao estudo com adultos estadunidenses, que revelou que essa preferência persiste independentemente da afiliação partidária dos evangélicos. A pesquisa aponta dois fatores principais que explicam essa tendência entre os evangélicos: 1) a ênfase em “questões masculinas”, como crimes e segurança nacional, tradicionalmente associadas à masculinidade e à força; e 2) valores de gênero tradicionais, que reforçam a ideia de que homens ocupam posições de liderança e mulheres desempenham papéis mais submissos.

A pesquisa “Mulheres Evangélicas, Política e Cotidiano” (ISER, 2024) revela que 67% das evangélicas votaram em Bolsonaro em 2022. Entre as que o haviam apoiado em 2018, 87% mantiveram o voto. O apoio a Bolsonaro foi uniforme em todas as faixas etárias, e Lula não foi a preferência de nenhum grupo etário. Bolsonaro é descrito como “doidinho”, “meio sem filtro”, “meio rebelde” e “meio degenerado”, mas suas avaliações gerais de governo são positivas. Ao definir seu voto, as mulheres destacam dois fatores principais: princípios morais, com preferência por candidatos pró-vida, pró-família e contra drogas, aborto, homossexualidade e corrupção; e as propostas políticas. Por exemplo, 50% das mulheres consideraram votar em candidatas mulheres, mas não por compromisso de gênero, e sim com base no conteúdo das propostas. Da mesma forma, a identidade religiosa não é suficiente para definir o voto; as evangélicas priorizam a análise do histórico político e da competência técnica dos candidatos, independentemente de seu gênero, segundo relataram as evangélicas no estudo.

Porém, essa realidade entra em contradição ao analisarmos o histórico político de Bolsonaro. Apesar de ser deputado federal por 28 anos, ele sempre esteve no “baixo clero” do

⁴² Cunha (2016) argumenta que a mídia brasileira, ao dar destaque a figuras conservadoras como Feliciano, Malafaia e Bolsonaro, minimiza as críticas e controvérsias que envolvem esses líderes, como as acusações de racismo e homofobia, e reforça a imagem desses líderes como representantes legítimos de uma parte da sociedade. Como descreve a autora sobre o cenário de 2013: “O amplo espaço dado a Feliciano e seus aliados para a exposição de seus argumentos, até mesmo em game shows e programas de humor, exibidos com simpatia, evidenciou que estes personagens ganharam um tratamento afável das mídias. O pastor Silas Malafaia ganhou até mesmo status de porta-voz dos evangélicos brasileiros, tamanha a incidência de sua presença em espaços diversos em todas as grandes mídias” (Cunha, 2016, p. 156).

Congresso, sem assumir cargos de liderança ou destaque (BBC, 2018)⁴³. Sua ascensão à presidência foi impulsionada por declarações polêmicas, especialmente sobre a comunidade LGBT e a ditadura militar. Nesse sentido, essa contradição pode ser lida à luz do populismo e comportamento religioso dos eleitores. Como Amaral (2021, p. 84) observa, “as pessoas se valem de uma espécie de comportamento religioso, por meio do qual depositam sua fé em líderes com raciocínio simples e hábitos popularescos”. Ou seja, a adesão das evangélicas a Bolsonaro sugere que o apelo religioso e carismático do candidato prevalece sobre os critérios técnicos e racionais que elas afirmam priorizar.

Adicionalmente, a gestão da pandemia de COVID-19 no Brasil, marcada pela constante troca de ministros da Saúde – incluindo Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga – demonstra a falta de competência na condução da crise sanitária. Mandetta e Teich, os dois primeiros ministros, deixaram o cargo devido a discordâncias com a atuação de Bolsonaro em relação à pandemia e às recomendações da Organização Mundial da Saúde (UOL, 2021)⁴⁴. A reportagem da BBC (2021) aponta que, segundo estimativas do epidemiologista Pedro Hallal, ao menos 95 mil vidas poderiam ter sido salvas se o governo Bolsonaro tivesse comprado as vacinas contra a COVID-19 quando elas foram oferecidas pelos fabricantes⁴⁵.

O próximo tópico aborda os fatores que têm influenciado o engajamento político dos evangélicos no Brasil desde a Constituinte de 1988, destacando sua busca por representatividade, a defesa de valores e a forma como a pandemia afetou a relação entre política e religião.

2. 4 A Política Evangélica: Conservadorismo, Bolsonarismo e a Pandemia

Diversos estudiosos (Cunha, 2019; Burity, 2024; Novaes, 2001) concordam que a visibilidade política dos evangélicos no Brasil se intensificou com a Constituinte de 1988. Essa entrada foi impulsionada pela expectativa de maior visibilidade, pelo receio de privilégios à Igreja Católica e pelo temor de que seus valores fossem marginalizados. Historicamente distantes da política, os evangélicos passaram a atuar ativamente nesse campo, com o objetivo de defender seus interesses e influenciar decisões governamentais. Assim, a

⁴³ Bolsonaro presidente: a trajetória do político do baixo clero ao Palácio do Planalto. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959>.

⁴⁴ Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich deixaram os cargos de ministros da Saúde por discordarem da postura de Bolsonaro em não seguir as recomendações da OMS durante a pandemia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>.

⁴⁵ Carlos Murillo, gerente-geral da Pfizer na América Latina, afirmou que o governo Bolsonaro rejeitou três ofertas de 70 milhões de doses da vacina Pfizer/BioNTech, com entregas iniciais previstas para dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>.

tradicional postura anti política dos evangélicos, expressa na máxima “crente não é deste mundo, por isso não se mete em política” (Cunha, 2019, p. 9), passou a coexistir com ideais voltados para a participação e visibilidade na vida pública, sintetizados na expressão “irmão vota em irmão”.

Atualmente, a composição da Frente Parlamentar Evangélica, com 219 deputados e 25 senadores de 15 partidos, revela uma bancada majoritariamente conservadora, com apenas 27 de seus membros alinhados ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Destes, 109 são parlamentares que continuam a apoiar as ideias do ex-presidente Jair Bolsonaro, o que indica a continuidade de sua forte influência sobre o grupo, mesmo após o fim de seu mandato (Poder360, 2025)⁴⁶. Nesse sentido, o quadro político da bancada confirma a análise de Prandi e Santos (2017, p. 187), que destacam uma característica marcante dessa frente desde sua formação: “não é política nem ideologicamente homogênea, mas é, de forma geral, conservadora”. Para os autores, a maioria dos congressistas evangélicos adota uma postura reacionária, priorizando a defesa de valores morais em detrimento da promoção de mudanças estruturais no país.

Entretanto, a inserção dos evangélicos na política não gerou uma transformação profunda no sistema. Burity (2024) observa que, ao se engajarem na política, os evangélicos acabam cooptados por um sistema que favorece interesses particulares e perpetua desigualdades sociais. Como o autor explica, “os evangélicos vão ser fisiológicos, corruptos, venais. Não fazer o jogo da política com todos os vícios da cultura política brasileira” (Burity, 2024, p. 18). Nesse cenário, apesar das tentativas de mudança, nenhum grupo ou ator político consegue alterar profundamente as desigualdades e problemas estruturais do Brasil. Cunha (2016, 2019) reforça essa visão, destacando que até 2010, os parlamentares evangélicos eram mais conhecidos por suas propostas religiosas, como a criação de “praças de Bíblia”, feriados religiosos e benefícios para templos. As vitórias dessa bancada estavam, sobretudo, em barrar projetos sobre moral sexual, como a descriminalização do aborto e o casamento gay, mas com impacto limitado no cenário político geral.

A partir de 2011, no entanto, houve uma mudança na atuação política da bancada evangélica, que passou a adotar uma postura mais ativa na defesa de valores conservadores, especialmente em oposição a movimentos sociais como o feminismo e os direitos

⁴⁶ O apoio de Jair Bolsonaro à eleição de Gilberto Nascimento para a presidência da bancada evangélica, para o período de 2025-2026, confirma sua influência sobre o grupo, com o ex-presidente tendo papel decisivo na vitória. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-congresso/bolsonaro-mostra-forca-e-bancada-evangelica-elege-gilberto-nascimento/>.

LGBTQIA+. Essa mudança proporcionou maior poder político aos evangélicos, que passaram a ocupar cargos importantes no governo e em comissões estratégicas do Congresso, como a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), presidida por Marco Feliciano em 2013. Cunha (2016) expõe que é nesse período que surge o neoconservadorismo evangélico⁴⁷, como uma reação às transformações socioculturais, especialmente com a ascensão do governo de esquerda a partir de 2002 e o fortalecimento das políticas de direitos humanos e gênero. Esse movimento é caracterizado por lideranças evangélicas que, embora se apresentem como modernas, buscam defender valores conservadores, aliados ao mercado, mídias e tecnologias, com o objetivo de conquistar poder na esfera pública.

Quadros e Madeira (2018) corroboram essa análise, destacando que o conservadorismo no Brasil se fortaleceu em resposta a pautas progressistas, como no caso do “kit gay”⁴⁸ em 2011. A bancada evangélica demonstrou seu poder de influência, utilizando estratégias como mobilizações populares e pressões sobre o governo. Os autores relatam que, “três dias depois que as ameaças de retaliação promovidas pelos evangélicos vieram à luz, o Executivo decidiu cancelar a distribuição do material, em uma declaração que denota a derrota do governo e o poder de pressão dos deputados conservadores” (Quadros; Madeira, 2018, p. 500).

Em continuidade, Quadros e Madeira (2018) explicam que essa reação conservadora pode ser entendida pela “tese da ameaça” de Hirschman (1992). Quando um grupo percebe que seus valores estão sendo ameaçados, ele tende a reagir de forma intensa para defendê-los. A “tese da ameaça” sugere que grupos percebem seus valores e privilégios como ameaçados e, por isso, reagem com maior vigor. Dessa maneira, essa percepção de ameaça motiva os líderes religiosos a recorrerem a ameaças e pressões políticas⁴⁹ como estratégia para proteger seus valores. Tal comportamento é claramente manifestado por diversos líderes políticos da extrema-direita brasileira. Como destacam Barros e Tavares (2024, p. 15), Nikolas Ferreira, por exemplo, reage negativamente à ampliação dos direitos, criando medo de governos de

⁴⁷ Cunha (2016, p. 153) explica que o termo “neoconservadorismo” é derivado da maneira como as lideranças evangélicas se apresentam: “como pertencentes a novos tempos, em que a religião tem como aliados o mercado, as mídias e as tecnologias”.

⁴⁸ O “Escola sem homofobia”, que ficou conhecido como “kit gay”, foi um projeto do governo federal de 2011, que visava promover o respeito às orientações sexuais e identidade de gênero nas escolas. O programa incluía material educativo para estudantes e professores. Porém, gerou forte reação de parlamentares evangélicos, que, por meio da Frente Parlamentar Evangélica, barraram sua distribuição nas escolas, questionando os conteúdos apresentados.

⁴⁹ Quadros e Madeiras (2018, p. 503) elencam os seguintes métodos da bancada religiosa para interferir nas decisões políticas: “enfrentam governos e facções rivais com ameaças literais, que vão do truncamento das votações à abertura de processos políticos ou judiciais e à incitação da opinião pública para direcionar resultados eleitorais (como no caso da pressão sobre os candidatos presidenciais em face do aborto, em 2010)”.

esquerda, como expresso por suas palavras em um templo evangélico nas eleições de 2022: “São mais de oitenta por cento de cristãos no Brasil. Ou seja, alguma coisa tá errada. Tá tendo cristão votando em quem aprova o aborto” (Nikolas Ferreira, informação verbal, NDV FORTALEZA⁵⁰, 2022, s/p.).

A religião, assim, torna-se um importante instrumento político para mobilizar as massas. Exemplos dessa tendência podem ser vistos na América Latina com a ascensão de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 e na performance de Fabricio Alvarado Munhoz na Costa Rica. A vitória de Carlos Alvarado Quesada, que representou uma opção mais inclusiva e tolerante, opôs-se à força do movimento evangélico, refletida pela popularidade de Fabricio Alvarado Munhoz, que explorou temas como a defesa da família tradicional e a oposição aos direitos LGBTQIA+, conseguindo mobilizar uma grande quantidade de eleitores⁵¹. Esse contexto ilustra como questões morais e valores religiosos podem influenciar profundamente o debate político e a vida das pessoas (Mariano; Gerardi, 2019).

A direita latino-americana tem, de fato, sido bem-sucedida em politizar identidades religiosas e valores tradicionais, aproveitando a expansão das igrejas evangélicas na região, como aponta Borges (2024). No entanto, ela utiliza diversas estratégias, além da demonização dos adversários. A primeira envolve atrair a população de baixa renda, que depende das políticas redistributivas da esquerda, como o Bolsa Família, no caso do Brasil⁵². A segunda é a mobilização identitária, apelando para coletivos como religião, etnia, região ou nacionalismo. A terceira é a política populista, que cria uma divisão entre elite e povo e destaca o caráter anti-*establishment* da liderança.

A crise da pandemia de COVID-19 ilustra essa mobilização, uma vez que a direita, em especial o governo Bolsonaro, utilizou a situação para reforçar sua agenda. Durante a crise sanitária, o governo Bolsonaro priorizou a economia, defendendo a abertura do comércio mesmo diante do aumento das contaminações⁵³. Essa posição foi apoiada por líderes

⁵⁰ Esta declaração foi proferida no evento Juventude Pelo Brasil, liderado por Nikolas Ferreira, com o objetivo de angariar votos no Nordeste em favor de Bolsonaro no segundo turno de 2022, sendo os eventos realizados em igrejas evangélicas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMPqPpYfmtE>.

⁵¹ O candidato evangélico Fabricio Alvarado Munhoz venceu o primeiro turno com uma campanha contra o casamento gay: “Candidato à presidência pelo Partido Restauração Nacional (RN), fundado por um pastor, Munhoz disparou de 3% para 25% dos votos, após declarar a intenção de retirar a Costa Rica da Corte Interamericana de Direitos Humanos, na defesa do matrimônio entre ‘homem e mulher’ e ‘a família como base da sociedade’” (Mariano; Gerardi, 2019, 66).

⁵² Segundo Borges (2024), partidos de direita distribuem benefícios materiais para conquistar eleitores de baixa renda, mas preservam seu programa partidário, pois a ideologia conservadora justifica as desigualdades sociais como naturais e defende a intervenção mínima do Estado na economia.

⁵³ O ex-presidente Bolsonaro (2019-2022) se opôs ao fechamento de comércios decretado por governadores para combater a expansão do coronavírus. Em 20 de março de 2020, declarou: “Tem certos governadores que estão tomando medidas extremas” (Uol, 2020).

religiosos que defendiam a abertura das igrejas. Como observam Massuchin e Santos (2021, p. 2), declarações de pastores como Silas Malafaia e Edir Macedo, respectivamente: “não vou fechar igreja coisíssima nenhuma” e “olhe para a palavra de Deus e tome sua fé na palavra de Deus, porque essa, sim, faz você ficar imune a qualquer praga e a qualquer vírus”, ilustram como o discurso religioso foi instrumentalizado para mobilizar uma base de apoio, solidificando ainda mais a aliança entre o governo e as lideranças evangélicas durante a crise.

Guerreiro e Almeida (2021) ressaltam que líderes evangélicos como Silas Malafaia, Edir Macedo, R.R. Soares, Valdemiro Santiago e Marco Feliciano possuem grande influência sobre seus seguidores. Eles combinam interesses religiosos, políticos e econômicos, formando uma elite político-religiosa-empresarial. A contradição observada durante a pandemia foi que, embora fossem grandes usuários de tecnologias digitais, como televisão e internet, esses líderes defendiam a importância das reuniões presenciais, demonstrando incoerência⁵⁴, já que antes utilizavam os meios digitais para disseminar a fé.

A gestão da pandemia não apenas destacou a preservação da economia, mas também fortaleceu a aliança entre a direita e as instituições religiosas evangélicas. Segundo Silva e Silveira (2023), o presidente Bolsonaro atendeu às demandas dos líderes evangélicos ao incluir templos e igrejas como atividades essenciais em um decreto de 26 de março de 2020, permitindo seu funcionamento durante o período de restrição. Essa decisão gerou uma batalha judicial, que começou com a ordem do juiz federal Manoel Pedro Martins, em 31 de março daquele ano, para que o presidente excluísse atividades religiosas da lista de serviços essenciais. A disputa foi encerrada com a decisão do STF, em 15 de abril, de que governadores e prefeitos teriam autoridade para determinar o isolamento social e definir os serviços essenciais. Apesar de perder a batalha judicial, Bolsonaro fortaleceu sua imagem como defensor da agenda cristã, enquanto governadores e prefeitos foram retratados como inimigos das igrejas, o que favoreceu sua narrativa de apoio ao segmento religioso.

Além disso, a narrativa de minimização da pandemia foi amplificada por youtubers bolsonaristas, que disseminaram desinformação e desacreditaram a mídia tradicional. Esses influenciadores argumentaram que a cobertura da pandemia era exagerada e movida por interesses políticos, como analisado por Kleina e Sampaio (2020). Esse processo de deslegitimação da mídia convencional se insere em uma estratégia mais ampla de ataque ideológico, que será abordada no próximo capítulo, onde se discutirá como as crenças e

⁵⁴ Guerreiro e Almeida (2021, p. 59) esclarecem que a frase “templo é dinheiro” não se aplica a todas as igrejas evangélicas. A pandemia evidenciou a diversidade entre elas e a importância do templo como espaço de apoio para muitos fiéis: “Para muitos crentes, o templo constitui-se, de fato, em um espaço de sociabilidade importante e oferece apoio psicológico, espiritual e material”.

ideologias influenciam a maneira como as pessoas consomem informações jornalísticas, contribuindo para o afastamento do jornalismo tradicional e a adesão a narrativas alternativas.

3. CRENÇAS, MÍDIA PARTIDÁRIA E DESINFORMAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Desde as acusações do imperador Nero, em 64 d.C., de culpar a comunidade cristã pelo incêndio em Roma (Van Proijen; Douglas, 2017) até as modernas teorias da COVID-19, acusadas de ter sido criada em laboratório pela China (Massuchin; Santos, 2021), a história humana tem sido marcada por teorias conspiratórias. Embora a internet tenha intensificado a disseminação dessas narrativas, é necessário destacar que esse fenômeno não é exclusivo da era digital. Trata-se de uma tendência humana, que recorre às respostas simples quando se deparam com eventos complexos. Como pontuam Van Proijen e Douglas (2017, p. 323), “as teorias da conspiração se originam particularmente em situações de crise e podem formar a base de como as pessoas posteriormente se lembram e representam mentalmente um evento histórico”.

Nesse contexto, a atuação de lideranças religiosas durante a pandemia da COVID-19 apresenta diferentes dimensões. Por um lado, como apontam Massuchin e Santos (2021), algumas figuras religiosas no Brasil divulgaram discursos negacionistas e teorias conspiratórias em plataformas digitais, como o *YouTube*, prejudicando as mensagens de saúde pública. Por outro, muitas instituições religiosas e seus representantes desempenharam um papel relevante no apoio social e na utilização de templos como hospitais de campanha (Guerreiro; Almeida, 2021).

A situação torna-se ainda mais preocupante ao considerar que certos grupos sociais são mais vulneráveis à desinformação. Bronstein et al. (2019) identificam perfis de pessoas com maior propensão a acreditar em *fake news*, como indivíduos inclinados ao delírio, dogmatismo e fundamentalismo religioso. O estudo destaca a forma como esses indivíduos processam as informações, com um estilo cognitivo menos analítico, o que os torna mais suscetíveis a narrativas falsas e distorcidas.

Esse cenário de vulnerabilidade à desinformação é ilustrado, por exemplo, nas declarações do deputado Nikolas Ferreira. Ao comentar sobre a morte do cantor evangélico Pedro Henrique, vítima de um infarto, Ferreira questionou: “Vai virar rotina jovens morrerem subitamente dessa forma?”. Embora ele não tenha afirmado diretamente que as vacinas estavam relacionadas à morte, seu comentário gerou especulações que ligaram o falecimento à vacinação contra a COVID-19. A teoria de Fallis (2009) sobre desinformação ajuda a entender esse processo: desinformar não exige afirmar algo falso, mas sim induzir as pessoas a conclusões erradas, mesmo quando as informações fornecidas são verdadeiras. No caso de

Ferreira, ele estava correto ao mencionar o aumento de infartos em jovens, conforme apontado por dados do Ministério da Saúde (UOL, 2023), mas ao não contextualizar adequadamente sua declaração e considerando seu histórico de oposição às vacinas, ele gerou um ambiente propício para interpretações distorcidas, sugerindo que as vacinas seriam responsáveis pelas mortes repentinas.

Após a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022, seus seguidores demonstraram resistência em aceitar os resultados e adotaram posturas antidemocráticas, caracterizando comportamentos típicos de indivíduos dogmáticos e propensos ao delírio, conforme identificado por Bronstein *et al.* (2019). Exemplos disso incluem o vídeo de um manifestante golpista pendurado no capô de um caminhão que quebrava o bloqueio ilegal das estradas, gerando montagens nas redes sociais. Celebidades também repercutiram. A atriz Cássia Kis, apoiadora do ex-presidente Bolsonaro, participou de um ato antidemocrático no Rio de Janeiro, ajoelhada na Avenida Presidente Vargas e rezando com um terço católico na mão. Dentre outros inúmeros casos, manifestantes pró-Bolsonaro comemoraram a prisão de Alexandre de Moraes, ministro do STF, mas a informação era falsa (O Povo, 2022)⁵⁵.

Esses episódios exemplificam o cenário da “pós-verdade”, uma realidade que marca profundamente a política e a sociedade contemporânea. Llorente (2017) destaca que, em 2016, o mundo viveu um momento em que as pessoas passaram a valorizar mais suas crenças e sentimentos do que os fatos comprovados⁵⁶. O termo “pós-verdade” reflete essa tendência: “O panorama político e social dos próximos meses será marcado por esta conjuntura da pós-verdade, na qual o objetivo e o racional perdem peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário” (Llorente, 2017, p. 9).

Esse cenário tem afetado o jornalismo, que é uma referência em ser mediador da verdade. Dessa maneira, Prego (2017) observa o entusiasmo das pessoas pelas novas formas de comunicação, como as redes sociais, que permitem aos cidadãos escolher e até criar o conteúdo que consomem. Ela pondera que essa inclinação entusiasmada é explicável, pois a nova forma de comunicar-se “dispensa os intermediários, que eram, até então, os jornais ou as televisões, e o interiorizam como proprietário e também como autor de seu próprio âmbito informativo” (Prego, 2017, p. 20).

⁵⁵ Existem diversas outras cenas inusitadas de bolsonaristas nos atos golpistas após a vitória democrática de Lula. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/eleicoes-2022/2022/11/04/veja-10-cenas-inusitadas-de-bolsonaristas-em-atos-golpista-s-apos-vitoria-de-lula.html>.

⁵⁶ Os eventos incluem o Brexit, a rejeição da reforma constitucional na Itália, o crescimento de partidos populistas na Europa, a rejeição do acordo de paz na Colômbia e a vitória de Trump nos EUA (Llorente, 2017).

Medeiros (2017) usa o *impeachment* de Dilma Rousseff como exemplo da pós-verdade no Brasil, demonstrando como a polarização e a disputa de narrativas prevaleceram sobre os fatos. Em vez de um debate baseado em evidências, prevaleceram as emoções e crenças: “[...] a queda de Dilma Rousseff, cristaliza a ideia de um mundo movido a paixões e crenças” (Medeiros, 2017, p. 24). Soares e Recuero (2018) analisaram o comportamento dos deputados federais na votação do *impeachment*, destacando como as justificativas para o voto variavam entre interesses pessoais e ideológicos. Em geral, “os deputados que votaram ‘sim’ tomaram, majoritariamente, como foco questões pessoais - se referindo, por exemplo, às suas famílias, aos seus estados e a Deus” (Soares; Recuero, 2018, p. 84). Em contraste, os deputados que votaram “não” centraram suas justificativas no processo, chamando de “golpe” a tentativa de destituir Dilma, devido à ausência de comprovação do crime que era acusada.

Diante desse cenário, é essencial analisar como essas crenças pessoais se intensificam na contemporaneidade, especialmente devido à fragmentação dos meios de comunicação e à facilidade de produção e disseminação de informações nas redes sociais.

3. 1 Características Individuais e Vulnerabilidade à Desinformação Política

As pessoas tendem a se apegar às suas crenças, mesmo quando confrontadas com evidências que as contradizem. Swire *et al.* (2017) realizaram um estudo com 960 residentes dos Estados Unidos para analisar como a origem das correções de informações falsas influencia a mudança de crenças políticas. Os participantes avaliaram a veracidade de seis declarações atribuídas a Donald Trump, sendo três imprecisas e três verdadeiras. Após receberem correções de fontes distintas (democratas, republicanos ou uma fonte neutra), os participantes reavaliaram suas crenças e o apoio ao candidato. Os resultados mostraram que, independentemente da fonte da correção, os participantes mantiveram suas crenças iniciais, especialmente quando estas estavam alinhadas com sua identidade política. De fato, “a fonte de explicação não teve um impacto tão grande quanto o apoio da pessoa que alegava a informação inicial” (Swire *et al.*, 2017, p. 17). No geral, a ideia central é demonstrar que as correções de informações falsas proferidas por políticos não necessariamente levam à diminuição do apoio a esse político.

Street (2019), na literatura sobre celebridades políticas, argumenta que a política contemporânea frequentemente assume uma forma de um espetáculo, reconfigurando as relações sociais. Nessa perspectiva, cidadãos atuam como fãs, enquanto políticos são percebidos como artistas, não mais como mero representantes. O autor demonstra essa

premissa com exemplos de Trump, cujos discursos controversos e violentos⁵⁷ não diminuiram a lealdade de seus seguidores. Street (2019) infantiliza, portanto, a necessidade de considerar o fandom político⁵⁸, ou melhor, fanatismo político, como um conceito e objeto de estudo legítimos. Essa abordagem complementa as discussões sobre a influência de crenças na correção de informações políticas, ao demonstrar como o fandom político pode gerar uma lealdade inabalável ao líder.

Este fenômeno de lealdade inabalável também pode ser observado em contextos políticos fora dos Estados Unidos. Albuquerque e Tavares (2021), ao analisarem o contexto brasileiro⁵⁹, fornecem um exemplo contundente dessa recorrência, demonstrando como apoiadores de políticos de direita no Brasil ignoram ou minimizam as falas com conteúdo violento de seus líderes, como aquelas proferidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), que sugeriu “fuzilar a petralhada”. Dessa maneira, o impacto dessas falas foi e continua sendo justificado por muitos de seus seguidores, em uma clara demonstração de priorização da lealdade ao líder, mesmo diante de discursos violentos.

No contexto das eleições de 2022 no Brasil, Rossini, Mont'Alverne e Kalogeropoulos (2023) identificaram características comuns entre aqueles que acreditam em desinformação eleitoral. Pessoas de direita são mais propensas a acreditar em notícias falsas sobre as eleições. A desconfiança nos resultados eleitorais e a crença em teorias conspiratórias aumentam a aceitação de alegações falsas, especialmente quando promovidas por Bolsonaro e seus apoiadores. Além disso, a confiança no governo Bolsonaro e nas Forças Armadas está relacionada à maior crença em desinformação, enquanto a confiança no sistema judiciário a diminui⁶⁰. O uso de mídias sociais e veículos alternativos de notícias também fortalece a crença em desinformação, especialmente em grupos de discussão política em aplicativos de mensagens como *WhatsApp*. Por fim, a pesquisa não encontrou uma relação significativa entre o consumo de mídia tradicional e a crença em desinformação.

Ognyanova *et al.* (2020) analisaram os efeitos da desinformação no contexto político dos Estados Unidos, durante o governo de Donald Trump, e revelaram que o consumo de notícias falsas diminui a confiança na mídia tradicional e, paradoxalmente, aumenta a

⁵⁷ Segundo Street (2019, p. 5), Trump fez a seguinte declaração polêmica: “Eu poderia ficar no meio da Quinta Avenida e atirar em alguém, e não perderia nenhum eleitor” (Reuters, 23 de janeiro de 2016).

⁵⁸ Segundo Street (2019), apesar do fandom político não ser um conceito novo, a ideia está ganhando força novamente, especialmente nas discussões sobre a política de celebridades.

⁵⁹ Albuquerque e Tavares (2021) não se dedicam centralmente à análise do *fandom* político, mas abordam a minimização de falas violentas por apoiadores de políticos de direita no Brasil como parte de um contexto maior de ataques à ciência e às universidades durante o governo Bolsonaro 2019-2022.

⁶⁰ Rossini, Mont'Alverne e Kalogeropoulos (2023) atribuem esse achado à instrumentalização dessas instituições por Bolsonaro para a disseminação de narrativas e ataques ao sistema judiciário.

confiança nas instituições políticas, especialmente entre os apoiadores do Partido Republicano⁶¹. O estudo identificou que, enquanto o consumo de desinformação reduziu a confiança nos meios tradicionais de comunicação, ele também reforçou a confiança dos apoiadores de direita nas instituições políticas controladas pelo Partido Republicano. Essa relação entre desinformação e confiança foi ainda mais polarizada conforme a ideologia, com liberais ficando mais desconfiados após consumir notícias falsas, enquanto conservadores e moderados demonstraram maior confiança no governo. Assim, a pesquisa reforça a ideia de que a desinformação não afeta todos de forma igual e seu impacto depende da ideologia do receptor, mostrando como ela alimenta a polarização e reforça a adesão a determinadas ideologias.

Bryanov e Vziatysheva (2021), em sua revisão sistemática da literatura sobre a crença em notícias falsas, identificaram dois principais grupos de fatores que influenciam a aceitação de desinformação: as características das mensagens e fatores individuais⁶². As características das mensagens incluem o alinhamento com crenças pré-existentes e o endosso social, como o número de curtidas em uma publicação, que podem aumentar a credibilidade percebida. Além disso, fatores individuais como estilos cognitivos também desempenham um papel significativo, com pessoas mais intuitivas e menos analíticas sendo mais suscetíveis a acreditar em notícias falsas. A revisão também revelou que, ao contrário do viés da verdade (tendência a acreditar em tudo o que leem), o viés do engano é mais prevalente, pois as pessoas tendem a classificar erroneamente notícias reais como falsas devido a julgamentos tendenciosos de credibilidade. Isso significa que, em alguns casos, a criticidade levava a outro problema: “os julgamentos de credibilidade dos indivíduos são tendenciosos na direção de classificar notícias reais e falsas como falsas” (Bryanov; Vziatysheva, 2021, p. 12).

Adicionalmente, Pennycook e Rand (2021) corroboram a influência de ideologias políticas, pensamento menos analítico e heurísticas (como a credibilidade atribuída a figuras confiáveis, como políticos) na crença em desinformação. Entretanto, argumentam que a motivação política, embora influente, não é o único nem o principal fator determinante. Em síntese, a revisão da literatura apresentada “contradiz a narrativa comum de que partidarismo

⁶¹ Os autores descrevem o seguinte contexto político no qual a pesquisa foi conduzida: “No final de 2018, os republicanos estavam no poder na Casa Branca, no Senado dos EUA e na Câmara dos Representantes. A Suprema Corte tinha cinco juízes nomeados por presidentes republicanos e quatro nomeados por democratas. O recém-confirmado juiz Brett Kavanaugh tinha acabado de substituir o mais moderado Anthony Kennedy. Com todos os ramos do governo sob controle republicano, pode não ser surpreendente que o conteúdo de notícias falsas predominantemente de direita reforçaria, em vez de corroer, a confiança nas instituições políticas” (Ognyanova et al., 2020, p. 5).

⁶² Bryanov e Vziatysheva (2021), em sua revisão sistemática da literatura, analisaram estudos escritos em inglês e publicados entre 2016 e 2020, período marcado pelo aumento do interesse em notícias falsas, especialmente devido aos eventos políticos de 2016, como a ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos.

e raciocínio politicamente motivado explicam por que as pessoas acreditam em ‘notícias falsas’” (Pennycook; Rand, 2021, p. 388). Portanto, a crença em notícias falsas por um partidário de direita não constitui evidência suficiente de que a ideologia seja a principal razão. Os autores, em vez disso, enfatizam que “o discernimento deficiente da verdade está ligado à falta de raciocínio cuidadoso e conhecimento relevante, bem como ao uso de familiaridade e heurísticas de fonte” (ibidem, p. 388).

Diante desse quadro, torna-se crucial analisar como a desinformação se manifesta em contextos específicos, como nas áreas de ciência e saúde, particularmente em governos de direita. No próximo tópico, abordaremos a literatura que examina a disseminação dessas narrativas sobre vacinas, as estratégias argumentativas adotadas nas plataformas digitais para desqualificar a ciência e os principais atores envolvidos nas campanhas antivacinação.

3. 2 Desinformação Científica e Antivacismo em Governos de Direita

Albuquerque e Tavares (2021) demonstram que a ascensão de Jair Bolsonaro e seu governo de direita (2019-2022) instaurou um cenário político hostil à produção de conhecimento científico no Brasil, caracterizado por um explícito desprezo pela ciência, especialmente pelas ciências humanas. Os autores identificam dois desafios específicos decorrentes desse contexto político, com impactos diretos nos Estudos de Comunicação.

O primeiro desafio é o assédio ideológico contra intelectuais e docentes, que, embora tenha se intensificado durante o governo Bolsonaro, possui raízes que remontam a períodos anteriores, como o *pré-impeachment* de Dilma Rousseff. A polarização e a perseguição⁶³ a figuras associadas à esquerda foram alimentadas por ações da Lava Jato, do Ministério Público, da Polícia Federal e da grande mídia. Embora Bolsonaro tenha intensificado sua retórica contra “comunistas” e “esquerdistas”, seus ataques abrangem uma ampla gama de figuras, desde políticos até veículos de comunicação e empresários globalistas. O segundo desafio é a atitude anti-intelectual e o populismo anticientífico do governo Bolsonaro, que inclui o desprezo pela ciência e pelas universidades. Albuquerque e Tavares (2021) destacam que essa postura não é apenas uma característica pessoal do ex-presidente, mas sim uma estratégia política que se alinha a uma visão populista e de extrema direita. Isso se manifestou

⁶³ “Durante a era Bolsonaro, houve muitos casos de assédio ideológico contra intelectuais e membros do corpo docente. No entanto, campanhas de ódio contra esses indivíduos começaram anos antes, durante o governo de Dilma Rousseff. Em grande medida, elas não foram realizadas por extremistas de direita, mas por agentes pertencentes ao Judiciário, Ministério Público, Polícia Federal e, não menos importante, veículos de comunicação tradicionais, como parte de um esforço para remover Rousseff de seu cargo por qualquer meio. [...] Recentemente, inúmeras acusações de parcialidade foram levantadas contra Moro e outros membros da equipe de promotoria da Lava Jato (cf. Intercept Brasil 2019)” (Albuquerque; Tavares, 2021, p. 134).

em ações como cortes orçamentários para pesquisas, ataques a figuras como Paulo Freire e a minimização da ciência, particularmente durante a gestão da pandemia de COVID-19. A forma como Bolsonaro se referiu a pandemia (chamando-a de gripezinha) e a promoção de tratamentos sem evidências científicas, como a hidroxicloroquina, exemplificam essa postura.

Diante desse cenário, Oliveira (2020) argumenta que, em um contexto em que líderes políticos disseminam notícias falsas e contradizem a ciência, fica muito difícil para a população distinguir entre verdade e falsidade. A autora ainda ressalta que a disseminação de notícias falsas não se limita à falta de conhecimento ou educação sobre identificação de informações. Muitas pessoas escolhem conscientemente⁶⁴ compartilhar informações não verdadeiras. Assim, a simples aquisição de habilidades de letramento digital não resolve sozinho o problema.

Em consonância com a problemática da disseminação de desinformação, Pennycook *et al.* (2020), em estudo conduzido nos Estados Unidos em março de 2020, investigaram o comportamento de compartilhamento de notícias falsas sobre a COVID-19. Os participantes foram divididos em dois grupos: um avaliou a precisão das notícias, enquanto o outro indicou a intenção de compartilhá-las. Os resultados mostraram que o discernimento entre notícias verdadeiras e falsas foi significativamente maior na avaliação da precisão em comparação com a intenção de compartilhamento. Pessoas com maior conhecimento científico demonstraram melhor capacidade de distinguir entre notícias verdadeiras e falsas, tanto na avaliação da precisão quanto na decisão de compartilhar. No entanto, essa relação foi mais forte na avaliação da precisão⁶⁵.

Dessa forma, Bin Naeem e Kamel Boulos (2021) reconhecem que, no contexto atual de digitalização da vida humana, a vasta quantidade de informações online exige constante verificação. Nesse cenário, a literacia em saúde digital, definida como a “capacidade de procurar, encontrar, compreender e avaliar informações de saúde utilizando tecnologias de informação e comunicação (TIC) para abordar ou resolver um problema de saúde” (Bin Naeem; Kamel Boulos, 2021, p. 3), deve ser reconhecida e promovida como uma competência fundamental, equiparável à alfabetização tradicional (leitura e escrita). Os

⁶⁴ Pennycook e Rand (2021) reafirmam essa linha de pensamento ao apontar que a disseminação de notícias falsas online não é apenas um problema de conhecimento, mas também um problema de comportamento. As pessoas podem saber que uma notícia é falsa, mas ainda assim optar por compartilhá-la. Desse modo, as estratégias para combater a desinformação precisam ir além de simplesmente ensinar as pessoas a identificar notícias falsas.

⁶⁵ A ausência de correlação entre o conhecimento científico e compartilhamento de notícias verdadeiras não indica que o conhecimento seja irrelevante; ele continua sendo um fator importante para prevenir o compartilhamento de desinformação. No entanto, a decisão de compartilhar pode ser influenciada por outros fatores.

autores também pontuam que a baixa alfabetização em saúde está relacionada ao contexto socioeconômico dos países.

No Brasil, por exemplo, muitos cidadãos enfrentam dificuldades para interpretar bulas de medicamentos, conforme o Índice de Letramento Científico⁶⁶ (Estadão, 2014). Bin Naeem e Kamel Boulos (2021, p. 4) observam que mesmo indivíduos com bom nível de compreensão sobre saúde “podem enfrentar desafios de alfabetização em saúde em alguns contextos, como quando não estão familiarizadas com algum jargão médico complexo ou em certas condições de saúde que exige autocuidados complicados”.

Nesse cenário digital, a disseminação de “*fake science*” representa um desafio à literacia em saúde. “*Fake science*”⁶⁷ refere-se a narrativas que se disfarçam de ciência para enganar o público. Oliveira, Martins e Toth (2020) analisaram a propagação de “*fake science*” no *Facebook*, focando em três temas principais: o movimento antivacina, a fosfoetanolamina (suposta cura para o câncer)⁶⁸ e o *Mineral Miracle Solution* (MMS), uma suposta cura para o autismo. As estratégias observadas incluem táticas como o uso de citações de artigos científicos respeitáveis para conferir legitimidade, a produção de vídeos com indivíduos simulando cientistas (“cientistas de jaleco”) e a promoção de narrativas conspiratórias, que visam desacreditar a mídia e as agências de checagem de fatos. Os autores ressaltam que a crise de credibilidade das instituições tradicionais, como a ciência e a mídia, associada ao amplo espaço de circulação de informações na internet, favorece a amplificação de teorias e ideologias sem respaldo científico, como o terraplanismo e o movimento antivacina. Esses movimentos, embora sempre tenham existido, agora encontram uma visibilidade inédita, com a criação de grupos no *Facebook* e outras plataformas, destinados a pessoas que compartilham dessas crenças.

⁶⁶ A reportagem do Estadão apresenta a fala do personagem Sérgio Brant como ilustração, “‘A linguagem das bulas é complicada, com muitos nomes científicos’, diz Brant, de 67 anos, que toma medicamentos para diabetes e hipertensão. ‘Preciso reler para entender’, confessa. ‘Ou então jogo a bula no lixo e pergunto ao médico’”. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/brasileiro-sofre-para-interpretar-ate-bula/?srsltid=AfmBOopzzyyKP3IjeS86E5bGh9vLgya4fLyK6BwoEevIJ-sGHWSVvKQ4>.

⁶⁷ Nas palavras de Oliveira, Martins e Toth (2020, p. 93), “[...] compreendemos as fake sciences como uma apropriação dos discursos científicos para a propagação de uma informação que vá contra as pesquisas científicas, implicando uma série de disputas em prol do controle e da verificação da informação. Nesse cenário, emergem teorias da conspiração relacionadas à ciência, pseudociências, tratamentos alternativos, entre outros discursos que vão ganhando contornos político-partidários em um momento em que o conservadorismo é evidenciado”.

⁶⁸ A história da fosfoetanolamina ganhou destaque no Brasil em 2016, especialmente nas redes sociais, devido a relatos de supostas curas e notícias de óbitos. A substância foi inicialmente produzida no laboratório do Instituto de Química de São Carlos (IQSC-USP) e distribuída gratuitamente no campus da universidade, sem a autorização da instituição. A lei que autorizou seu uso foi aprovada sem respaldo científico, comprometendo o sistema regulatório de saúde. Apesar da suspensão da lei pelo STF e da posição contrária da PGR em relação à comercialização, a substância continua a ser vendida.

Historicamente, práticas e crenças relacionadas à saúde foram frequentemente fundamentadas em informações incorretas ou manipuladas. Scliar (2007) contextualiza que o poder e as ideologias dominantes em um determinado contexto social podem influenciar a definição de saúde e doença. Um exemplo notável é a drapetomania, um diagnóstico criado para justificar a escravidão e o controle social: “Houve época, também, em que o desejo de fuga dos escravos era considerado enfermidade mental: a drapetomania (do grego drapetes, escravo). [...] O tratamento proposto era o do açoite [...]” (Scliar, 2007, p. 30). Além disso, o autor ressalta que a compreensão da doença varia entre culturas. Na Idade Média, por exemplo, o cristinismo interpretava as doenças como punições por pecados⁶⁹, buscando a cura por meio da fé e práticas religiosas. Com a modernidade, essa visão da doença foi progressivamente questionada e substituída por explicações científicas.

Nesse contexto, estudos contemporâneos da área da saúde, como o de Oliveira *et al.* (2021), revelaram que indivíduos de religiões evangélicas no Maranhão apresentaram maior hesitação vacinal contra a COVID-19⁷⁰. Contudo, é importante ressaltar que essa relação é complexa e multifatorial. A hesitação vacinal entre os evangélicos não significa necessariamente que tenha ocorrido exclusivamente devido às suas crenças e interpretações religiosas, considerando que o cenário da pandemia foi caracterizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma “infodemia”⁷¹.

Em vista disso, Naeem, Bhatti e Khan (2021) relatam que a pandemia da COVID-19 gerou uma onda massiva de desinformação, amplificada pelo uso crescente das redes sociais como principal meio de busca e compartilhamento de informações. Durante essa “infodemia”, circularam informações falsas e perigosas, como teorias da conspiração (por exemplo, a relação do 5G com a doença) e supostas curas ineficazes e até letais (como a ingestão de álcool puro), representando um grave risco à saúde pública, conforme reconhecido pela OMS.

Cabe, portanto, enfatizar que a pandemia da COVID-19 foi politizada no contexto brasileiro. Segundo Gramacho *et al.* (2021), as elites políticas não apresentaram uma resposta

⁶⁹ Nas palavras do autor: “Na Idade Média européia, a influência da religião cristã manteve a concepção da doença como resultado do pecado e a cura como questão de fé; o cuidado de doentes estava, em boa parte, entregue a ordens religiosas, que administravam inclusive o hospital, instituição que o cristianismo desenvolveu muito, não como um lugar de cura, mas de abrigo e de conforto para os doentes [...] Procurava-se evitar o contra naturam vivere, viver contra a natureza” (Scliar, 2007, p. 33).

⁷⁰ O estudo de Oliveira *et al.* (2020) focou em identificar quem eram as pessoas que se mostraram resistentes à vacinação, observando características como religião, onde moravam (município), gênero, nível de escolaridade, renda e idade. O estudo não investigou os motivos que levaram essas pessoas a resistir à vacina. A campanha de vacinação no Brasil contra a COVID-19 começou em 2021.

⁷¹ Infodemia refere-se à disseminação em grande escala de alegações falsas nas redes sociais por diferentes fontes, como políticos, líderes mundiais, figuras públicas, celebridades e o público em geral (Naeem; Bhatti; Khan, 2021).

uniforme à pandemia, e as preferências políticas influenciaram diretamente o conhecimento da população sobre a doença. Os dados do estudo dos autores revelam que os apoiadores de Bolsonaro, que minimizou a gravidade da pandemia, demonstraram menor conhecimento sobre a COVID-19 e maior crença em teorias da conspiração. Os autores concluem: “quando as elites políticas demonstram discordância, as massas respondem de acordo, mesmo em questões não políticas de grande importância, como uma pandemia, onde o consenso da elite é mais desejável” (ibidem, p. 10).

Além disso, estudos demonstram que a crença em teorias conspiratórias sobre ciência não se limita a um único grupo político⁷². Oliveira (2020) analisou grupos de *WhatsApp* em fevereiro de 2019 e constatou uma desconfiança generalizada em relação aos políticos, especialmente em relação ao ex-presidente Bolsonaro, visto como uma figura central em uma suposta conspiração global, como a Nova Ordem Mundial. Embora a extrema direita seja frequentemente associada a essas teorias, os grupos analisados apresentaram heterogeneidade. A desconfiança em instituições tradicionais, como a mídia e o governo⁷³, foi identificada como um dos fatores principais para a adesão a narrativas conspiratórias.

É nesse contexto de desconfiança nas instituições que a desinformação científica encontra nas mídias sociais um aliado. Brotas *et al.* (2021) informam que, apesar de existir um amplo consenso científico sobre a importância das vacinas para a saúde pública, o movimento antivacina no Brasil permanece forte⁷⁴, utilizando a desinformação para atrair novos adeptos. Os autores observam que criadores de conteúdo antivacina no *YouTube* se apresentam como portadores de uma “verdade oculta”, utilizando termos como “verdade” para persuadir os usuários de que as vacinas são perigosas e parte de um plano de controle populacional. Esses produtores de vídeos usualmente compartilham informações alarmantes e falsas sobre os efeitos colaterais das vacinas, ao mesmo tempo em que desacreditam os meios de comunicação tradicionais, acusando-os de disseminar notícias falsas e de estarem envolvidos em uma conspiração.

⁷² A fachada que Bolsonaro sofreu durante a campanha presidencial brasileira de 2018 gerou uma série de opiniões divergentes. Enquanto alguns parlamentares de esquerda levantam teorias da conspiração sugerindo que o ataque foi algo combinado, do outro lado, parlamentares de direita acusam a esquerda de ser a responsável por esse ato, insinuando que poderia haver um mandante por trás do ataque (O Globo, 2022).

⁷³ Um entrevistado, classificado como Respondente 02, afirmou: “Não é que eu não acredito na grande mídia, mas sempre há duas versões para os fatos, sempre o verdadeiro é omitido pela mídia” (Oliveira, 2020, p. 27). Outro entrevistado, o Respondente 10, complementou: “Os governos manipulam os fatos. A história contada nos livros não condiz com o que aconteceu. Fomos doutrinados desde a infância. Inclusive você. Pesquise e você achará a verdade” (27).ibidem, p.

⁷⁴ A principal diferença em relação ao passado é a rapidez com que informações falsas se disseminam nas redes sociais, alcançando um grande público em pouco tempo.

Um aspecto relevante na atuação dos grupos antivacinas é o uso de argumentos religiosos para justificar a recusa à vacinação. Em 2020, por exemplo, em grupos antivacinas infantis no *Facebook*, discursos como “apenas Deus poderia salvar a Europa” (Recuero; Volcan; Jorge, 2022, p. 868), emergiram para deslegitimar medidas preventivas, como a vacinação. Além disso, a liberdade religiosa é frequentemente invocada como justificativa para a recusa à vacina, possibilitando que indivíduos e grupos religiosos reivindiquem o direito de tomar decisões médicas com base em suas convicções religiosas (Kasstan, 2021). Kasstan (2021) observa que indivíduos religiosos invocam “imunidades políticas” para se isentar da obrigatoriedade vacinal, amparados pela liberdade religiosa. Outro ponto discutido é que a oposição à vacinação, em contextos religiosos, pode estar relacionada tanto à segurança das vacinas quanto a questões morais⁷⁵.

Sob outra perspectiva, Santos e Rios (2023) analisaram portais de notícias gospel durante a pandemia de COVID-19, revelando a heterogeneidade dentro do segmento evangélico em relação à vacinação. Os resultados mostraram uma diversidade de posicionamentos nos portais, com alguns defendendo a vacinação, outros se opondo e outros adotando uma postura neutra. Para as autoras, essa pluralidade indica que não houve consenso antivacina dentro do meio evangélico: “Tais atuações nos indicam que o segmento evangélico não é homogêneo, os portais, assim como os religiosos, têm distinções entre si, há espaço para quem critica e defende a vacina” (Santos; Rios, 2023, p. 224). Dessa forma, essa variação de posturas revela que, no universo evangélico, a recusa à vacina não é uma posição uniforme, mas está sujeita a diferentes opiniões e interpretações sobre a questão.

Para concluir, Mundim *et al* (2022) observaram que, apesar da diversidade interna sobre a vacinação da COVID-19, a escolha de veículos de comunicação por muitos evangélicos durante a pandemia refletiu um alinhamento com suas convicções políticas e ideológicas. A pesquisa indicou que os evangélicos tendiam a consumir mais o *Jornal da Record*, cuja linha editorial se aproxima de valores religiosos e do ex-presidente Bolsonaro, mesmo antes da pandemia⁷⁶. De forma oposta, católicos, petistas e partidários mostraram-se

⁷⁵ A respeito das questões morais, Kasstan (2021, p. 2) explana que: “A Igreja Católica tem debatido extensivamente a ética do uso de vacinas cultivadas em linhagens de células humanas e derivadas de tecidos fetais abortados (como a rubéola), e coloca em primeiro plano a ‘responsabilidade’ de usar alternativas sempre que possível (Pontifical Academy for Life, 2019)”.

⁷⁶ Mundim *et al.* (2022) analisaram o conteúdo dos dois principais telejornais em 2020 e constataram que o *Jornal Nacional* foi mais crítico em relação às ações do governo federal durante a pandemia do que o *Jornal da Record*. Em setembro de 2020, o então presidente Bolsonaro atacou o *Jornal Nacional*, utilizando informações da *Record* para justificar suas críticas. Essa situação atestam a politização da cobertura da pandemia, com diferentes veículos adotando posturas distintas em relação ao governo. Segundo os autores, “não foi a primeira vez que Bolsonaro atacou a Rede Globo; esse comportamento tem sido comum durante seu mandato, pois, na visão do

telespectadores mais assíduos do Jornal Nacional. Outro achado apontou que indivíduos com maior conhecimento sobre a COVID-19 e favoráveis a medidas restritivas preferiram o Jornal Nacional, distanciando-se da cobertura do Jornal da Record, que era menos crítica em relação às posições de Bolsonaro. Esse contexto ilustra como a escolha das fontes de informação jornalística está fortemente ligada às convicções políticas, o que nos leva à discussão seguinte sobre a desconfiança na mídia e a fragmentação do público.

3.3 Desconfiança na Mídia e Fragmentação do Público

O levantamento realizado pelo PoderData 2020 sobre a credibilidade da imprensa revela que 61% dos brasileiros demonstram algum nível de desconfiança em relação ao trabalho da mídia, classificando as notícias como “mais ou menos confiáveis”. Esse percentual aumentou 6 pontos desde o último estudo, realizado em agosto do mesmo ano⁷⁷. Apenas 16% consideram o noticiário “muito confiável”, enquanto 17% o avaliam como “pouco confiável”, com uma diferença que está dentro da margem de erro de 2 pontos. Outros 3% não têm uma opinião formada. O estudo também mostrou que, entre os apoiadores do governo Bolsonaro, 34% veem a mídia de forma negativa, classificando-a como “pouco” ou “nem um pouco confiável”. Por outro lado, 85% daqueles que consideram o governo Bolsonaro “ruim” ou “péssimo” demonstram maior confiança na imprensa, com 23% deles confiando nos jornais.

Neste cenário de desconfiança crescente, a busca por alinhamento ideológico por parte de veículos de comunicação têm influenciado diretamente a produção noticiosa. Conforme argumenta Tavares (2020), a polarização política no Brasil⁷⁸ e as transformações no mercado de mídia, causadas por crises econômicas e o fechamento de jornais impressos, levaram alguns veículos, como a Gazeta do Povo, a adotar estratégias editoriais mais explícitas. Em 2017, o jornal se declarou como de centro-direita, com o objetivo de atrair um público alinhado a esses valores e competir com grandes jornais nacionais. Esse movimento reforça

presidente e de seus apoiadores, seu governo sofre críticas dos veículos de imprensa do grupo Globo” (p. 615-616).

⁷⁷ Para mais detalhes sobre o levantamento realizado pelo PoderData sobre a credibilidade da imprensa, consulte o relatório completo disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/61-dizem-que-informacoes-publicadas-pela-imprensa-sao-mais-ou-menos-confiaveis/>.

⁷⁸ Tavares (2020) argumenta que a Gazeta do Povo, aproveitando-se do clima de polarização política que se intensificou no Brasil após as eleições de 2014, adotou uma estratégia editorial de alinhamento ideológico com o conservadorismo. A Operação Lava Jato, com seu epicentro em Curitiba, onde a Gazeta é sediada, contribuiu para esse posicionamento, associando o veículo ao combate à corrupção e à oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT).

um ciclo de confirmação de crenças, amplificando a polarização e dificultando o diálogo entre diferentes perspectivas.

Na literatura internacional sobre consumo de mídia, Levendusky (2013) identificou que a exposição constante a conteúdos que validam crenças pessoais pode levar ao aumento da radicalização e polarização. A hipótese de que indivíduos com opiniões de direita que consomem notícias alinhadas a essas ideias tendem a se tornar mais conservadores foi corroborada. Por outro lado, a exposição de americanos a mídias transversais, isto é, com diferentes pontos de vista pode moderar opiniões em indivíduos que apreciam essa diversidade, mas polarizar⁷⁹ em pessoas com opiniões muito fortes. Guess (2021) acrescenta que uma minoria de republicanos (aproximadamente 8%)⁸⁰ consome uma quantidade desproporcional de notícias em veículos extremamente conservadores, como a *Fox News*, distorcendo a percepção geral do consumo republicano.

A influência da fonte na recepção de notícias é outro fator importante na formação de opiniões. Iyengar e Hahn (2009) analisaram republicanos e democratas, revelando que os leitores preferem notícias rotuladas a anônimas. Os republicanos tendem a preferir veículos de direita, como a *Fox News*, enquanto os democratas optam por veículos com inclinação à esquerda, como a CNN⁸¹ e a NPR. O estudo demonstrou que a polarização ideológica na escolha de fontes de notícias se estende até mesmo a assuntos leves, como evidenciado pelos autores: “Os conservadores preferem a Fox mesmo quando leem sobre destino de férias, enquanto liberais evitam a Fox quando o foco está em esportes” (Iyengar; Hahn, 2009, p. 32).

Mesmo com a clara preferência por fontes de mídia alinhadas, a exposição a veículos com perspectivas opostas, ainda que limitado, não é totalmente ausente. Stroud (2008) investigou a exposição seletiva partidária durante a campanha presidencial dos Estados Unidos de 2004 e constatou que, embora 64% dos republicanos conservadores e 76% dos

⁷⁹ Levendusky (2013, 617) explica que pessoas com convicções fortes tendem a se apegar ainda mais às suas crenças iniciais. Mídias transversais intensificam essa extremidade, pois esses indivíduos possuem os recursos cognitivos para resistir à persuasão. Em contrapartida, em mídias de mentalidade semelhante, a força da atitude não importa, pois não há necessidade de contra-argumentar a mensagem.

⁸⁰ Guess (2021, p. 1018) destaca que as minorias mais polarizadas têm uma influência desproporcional sobre a política: “Mais importante, da perspectiva da responsividade democrática, a minoria de indivíduos com as dietas de mídia política mais polarizadas também pode ser mais propensa a buscar influenciar a política participando do processo eleitoral, definindo a agenda do discurso público ou fazendo lobby com seus representantes. Nesse sentido, um subgrupo aparentemente pequeno da população pode servir como líderes de opinião que influenciam indiretamente tanto os líderes políticos quanto outros membros do público”.

⁸¹ Iyengar e Hahn (2009) detalham que, ao contrário dos republicanos, os democratas não se concentram em uma fonte de notícias específica. Embora a CNN declare imparcialidade, seu conteúdo é percebido como mais alinhado às visões políticas dos democratas, influenciado por fatores como a escolha de temas, o tom das reportagens e a abordagem dos jornalistas. Assim, mesmo sem uma posição partidária explícita, a cobertura da CNN é considerada pelos participantes inclinada à esquerda do espectro político.

democratas liberais consomem mídia com viés ideológico correspondente, também há consumo de mídia desalinhada (43% dos republicanos e 26% dos democratas)⁸². Isso ocorre, contudo, em proporções menores, indicando a prevalência da busca por reforço de crenças. A autora também encontrou que essa seletividade não depende do tipo de mídia, ocorrendo em jornais, rádio, televisão a cabo e sites.

De modo similar, Eady *et al.* (2019) analisaram o comportamento de usuários do *Twitter* (atualmente denominado X) nos Estados Unidos e descobriram que conservadores tendem a seguir mais figuras políticas e mídias com visões diferentes das suas, em comparação com os liberais. No entanto, a maioria dos partidários, tanto liberais como conservadores, ainda permanece isolada em sua bolha: “grandes porções dos usuários mais liberais e mais conservadores nunca veem o que o outro lado está dizendo” (Eady *et al.*, 2019, p. 19).

No contexto de mídias partidárias, a percepção de confiabilidade se altera quando a informação veiculada contraria as crenças de um indivíduo. Por exemplo, Ariyanto, Hornsey e Gallois (2007) investigaram como estudantes universitários reagiam a um artigo sobre um conflito inter-religioso na Indonésia. Descobriram que indivíduos com forte identidade religiosa, muçulmanos ou cristãos, tendem a ver as notícias de forma tendenciosa, favorecendo o grupo oposto dependendo da origem do veículo de comunicação. Em termos mais simples, a notícia foi percebida como tendenciosa contra os cristãos quando atribuída a um jornal muçulmano e tendenciosa contra os muçulmanos quando atribuída a um jornal cristão. O estudo demonstrou que a percepção hostil da mídia⁸³ estava associada à identidade religiosa dos participantes, sendo mais forte entre aqueles com maior identificação com seu grupo.

Gomes e Barros (2014) complementam essa visão, destacando que a percepção de viés não se limita à descrença no conteúdo ou na mídia, mas pode provocar outros efeitos, como a preocupação com a influência sobre terceiros. Esse fenômeno é conhecido como Efeito de

⁸² As descobertas de Stroud (2008) e Eady *et al.* (2019) indicam que os conservadores, conforme os estudos, apresentam maior propensão a consumir mídia desalinhada. Entretanto, isso não significa necessariamente que sejam mais informados. Ambos os estudos não investigaram os motivos pelos quais os republicanos se aventuram em mídias transversais.

⁸³ Gomes (2016, p. 8) esclarece melhor o conceito, definindo como a sensação de que os meios de comunicação distorcem os fatos: “[...] boa parte das pessoas acha que os jornais e os seus conteúdos têm, sim, inclinações. Inclinações políticas, ideológicas, religiosas. Inclinação pode ainda ser uma palavra neutra, uma vez que diz respeito apenas às preferências adotadas no nível dos valores: na verdade, as pessoas tendem a qualificar essas inclinações como distorções. O sentimento mais difuso, portanto, é que os meios de comunicação sejam, na verdade, tendenciosos. Esta convicção de que há ‘tendenciosidade’, como se diz popularmente, é o que um bom montante de literatura internacional sobre os efeitos da comunicação chama de percepção ou convicção de ‘media bias’ ou ‘news bias’, é a sensação de que os meios de comunicação distorcem os fatos”.

Terceira Pessoa, descrito pelos autores como o juízo subjetivo de que uma mensagem não afeta o indivíduo, mas esse considera que ela tem grande efeito sobre os outros. Os autores também observam que a percepção da influência de uma mensagem sobre si mesmo e sobre os outros está fortemente ligada à distância moral entre a opinião pessoal e o conteúdo apresentado. Quanto maior a discordância, maior a tendência de subestimar a própria influência em si e superestimar nos outros. O estudo conclui que até mesmo indivíduos neutros⁸⁴ podem experimentar o Efeito de Terceira Pessoa ao serem expostos a conteúdos midiáticos contrários à sua postura.

Nesse sentido, Gomes (2016) argumenta que a percepção de viés em uma notícia está diretamente relacionada ao grau de envolvimento do indivíduo com o tema abordado. A percepção de parcialidade, segundo o autor, não se restringe a questões políticas ou morais, mas se aplica a qualquer área com forte envolvimento emocional⁸⁵. O autor questiona, ainda, a explicação tradicional que atribui o ceticismo midiático exclusivamente à imparcialidade do jornalismo. Para o autor, se a sensação de parcialidade fosse uma característica da mídia, como explicar que uma mesma mensagem seja interpretada de forma oposta por diferentes grupos? Em outras palavras, mesmo conteúdos considerados imparciais por observadores neutros podem ser vistos como tendenciosos por grupos com fortes convicções, apontando que a percepção de parcialidade está mais relacionada ao receptor do que ao conteúdo jornalístico.

Esse fenômeno também é observado em diversas análises do cenário midiático brasileiro (Gomes, 2016; Mont'Alverne *et al.*, 2024). Mont'Alverne *et al.* (2024, p. 7) destacam a polarização política na crítica à mídia tradicional, afirmando que “no Brasil, marcas partidárias de esquerda e direita são conhecidas por espalhar críticas sobre organizações de notícias tradicionais”. Essa polarização gera desconfiança em relação à mídia convencional, resultando em ataques simultâneos a uma mesma emissora, como a Globo, por grupos de diferentes espectros ideológicos. Gomes (2016, p. 16) ilustra essa situação ao declarar: “A situação parece paradoxal, porque as posições mais conservadoras e mais progressistas chegaram a um firme consenso sobre o fato de os produtos da Rede Globo representarem valores, premissas e enquadramentos tendenciosos e adversários, tanto destes

⁸⁴ Vale pontuar que as pessoas com posturas neutras não mudaram de posição e assumiram uma postura pró ou contra o tema (no caso do estudo, o consumo de maconha). Em vez disso, perceberam a mensagem como oposta à sua neutralidade, levando à crença de que ela influenciaria mais os outros do que a elas mesmas.

⁸⁵ Gomes (2016, p. 15) afirma: “A sensação de que o noticiário é adversário da minha posição não é exclusiva do âmbito político ou do campo moral, portanto, mas de qualquer esfera da vida em que as pessoas, por uma razão ou por outra, estejam engajadas e comprometidas em nível afetivo e axiológico: os jornais são contra o meu time, tanto quanto o são contra as minhas crenças, meu partido e a minha banda predileta”.

quanto daqueles”. Assim, o autor enfatiza que grupos ideologicamente antagônicos convergem na acusação de que grandes jornais brasileiros⁸⁶ favorecem seus adversários.

Diante disto, Mundim (2015) observa que católicos e evangélicos no Brasil tendem a preferir diferentes telejornais, com os evangélicos demonstrando maior afinidade com o Jornal da Record, devido à afinidade de valores compartilhados, enquanto os católicos optam por outros telejornais, como o Jornal Nacional⁸⁷. Esse afastamento dos evangélicos da Globo pode ser explicado, também, por uma perspectiva mais ampla sobre a representação desse grupo na mídia. Cunha (2016) analisa que a cobertura jornalística tradicional tende a retratar os evangélicos de maneira predominantemente negativa, especialmente em matérias sobre práticas religiosas. Esse viés, segundo a autora, está relacionado ao crescimento do movimento evangélico e à percepção de que ele ameaça a hegemonia do catolicismo no Brasil. Um exemplo dessa tendência é uma reportagem da Folha de São Paulo⁸⁸ que, ao cobrir manifestações religiosas, privilegia as autoridades católicas e ignora as especificidades de outras denominações, como demonstrado pelo uso inadequado do termo "padre evangélico".

Mick e Furtado (2019) discutem a cobertura desigual e desrespeitosa dos evangélicos na mídia, apresentando dados que sustentam essa análise. No Brasil, a maioria dos jornalistas não se identifica como evangélica. A pesquisa “Perfil do jornalista brasileiro” de 2012 revela que apenas 9,58% dos jornalistas nas redações são evangélicos, em contraste com 22,2% da população geral, conforme dados do IBGE de 2010. Essa desconexão entre o perfil religioso dos jornalistas e o da população pode resultar em uma cobertura desinformada e repleta de estereótipos sobre as comunidades evangélicas. Assim, o ponto central das análises de Mick e Furtado (2019) e Cunha (2016) é que a imprensa, em grande parte, tem dificuldades em cobrir de forma justa e precisa as questões relacionadas aos evangélicos no Brasil.

Esse cenário de representação distorcida se amplia quando observamos a atuação da mídia em outras áreas, como o jornalismo político. Guazina, Baptista e Santos (2024) analisaram a cobertura jornalística de 2018 e observaram que jornais como O Globo e O Estado de São Paulo normalizaram discursos extremistas de Bolsonaro, apresentando-o como

⁸⁶ A percepção de parcialidade da mídia também está relacionada ao seu alcance. Sobre isso, Gomes (2016, p. 24) explica: “Isso levou à formulação do princípio do ‘alcance percebido’ (perceived reach) como moderador da hipótese da HMP: a suposição de que a mensagem é distorcida contra o meu lado é dependente de como eu avalio o alcance do canal por meio do qual a mensagem circula.” HMP refere-se à percepção de mídia hostil.

⁸⁷ Os valores religiosos distintos entre católicos e evangélicos podem explicar, segundo o Mundim (2015), a preferência dos católicos por outros telejornais, como o Jornal Nacional (JN).

⁸⁸ Cunha (2016) utiliza como exemplo a matéria “Igrejas saem às ruas de Kiev para defender o diálogo”, publicada em 28/01/2014 na Folha de São Paulo. Em relação a essa matéria, Cunha (2016, p. 17) explica: “‘Padre evangélico’ é um tratamento equivocado pois, na tradição do segmento evangélico, a liderança paroquial é denominada ‘Pastor’ ou ‘Pastora’, diferentemente da Igreja Católica, que a designa ‘Padre’”.

um defensor do “povo” contra “elites” e “esquerda”, minimizando a radicalidade de suas propostas. As autoras sustentam que a falta de questionamento adequado das retóricas populistas pela mídia legitima suas agendas políticas. Gomes (2016) alerta que dar voz igual a todos os pontos de vista, incluindo os antidemocráticos, pode ser interpretado como uma forma de legitimar essas ideias⁸⁹. Dessa forma, o jornalismo deve evitar legitimar posturas contrárias à democracia, mesmo em nome da imparcialidade.

Por fim, a desconfiança em relação à mídia e a fragmentação do público no Brasil também se refletem em Imperatriz, onde a seletividade na busca por informações é comum, sobretudo em períodos eleitorais, quando os eleitores se inserem em grupos partidários de discussão em plataformas digitais (Mitozo *et al.*, 2023). Destaca-se, nesse sentido, a influência de atores religiosos, como deputados e portais evangélicos, que desempenham um papel crucial na formação das opiniões de seus fiéis, revelando a intersecção entre religião e política (Santos; Mayrink; Vaz, 2023; Santos; Rios, 2023). O próximo tópico deste capítulo, portanto, examina o cenário local de Imperatriz-MA, trazendo à tona as dinâmicas midiáticas que envolvem a cidade e contextualizando nossa pesquisa à luz da literatura existente.

3. 4 A Valorização de Canais Menos Institucionalizados de Informação e a Influência de Agentes de Opinião na Política Local de Imperatriz

A pesquisa de Mitozo *et al.* (2023) indica que os evangélicos em Imperatriz participaram ativamente de grupos públicos de *WhatsApp* durante as campanhas municipais de 2020, com 39,3% dos 61 eleitores que responderam ao *survey* se identificando como cristãos evangélicos. Isso demonstra a relevância dessa comunidade no debate político local. Ademais, esta participação pode ser interpretada como uma manifestação do contexto político mais amplo, marcado pela polarização das eleições de 2018. Nesse período, o medo do comunismo nacionalizou a disputa local, com os candidatos à prefeitura buscando se associar ao ex-presidente Bolsonaro (Silva, 2022). Nesse município, onde o governo Bolsonaro desfrutou de prestígio, uma figura importante de direita, Mariana Carvalho, que foi ao

⁸⁹A imparcialidade jornalística em contextos discriminatórios e antidemocráticos é, segundo Gomes (2016, p. 21-22), uma forma de injustiça em relação à posição correta: “Assim, quando consideramos que os valores e os princípios corretos estão em causa, consideramos também que tentar ser imparcial e equilibrado com os valores e princípios em disputa é ser injusto com a posição correta. Por que, por exemplo, dar voz aos fundamentalistas homofóbicos na interpretação dos fatos, colocando-os – e à sua posição – em pé de igualdade com as perspectivas pró-direitos e pró-respeito e tolerância? Posições antidemocráticas (machistas, racistas, preconceituosas, ofensivas) devem ter as suas razões consideradas e justificadas na busca de uma posição neutra e imparcial no jornalismo? Em geral, responderíamos não às perguntas acima, isso porque o nosso lado já está escolhido e consideramos corretos os valores em que nos engajamos. Se estivéssemos na outra margem do rio, o nosso julgamento sobre parcialidade e imparcialidade poderia ser outro”.

segundo turno nas eleições municipais de Imperatriz em 2024, mas que perdeu, assumiu um cargo no Ministério da Cidadania do governo Bolsonaro⁹⁰.

Silva e Mitozo (2021) descrevem que, em Imperatriz, os eleitores compartilhavam *links* de diversas fontes no *WhatsApp* durante o período eleitoral, com destaque para blogs locais como “O maior do mundo BR” e “Rui Porão”, que representaram 50,84% de todos os *links* compartilhados. A pesquisa mostra que, embora Imperatriz tenha vários veículos de comunicação, incluindo afiliadas de grandes redes como Globo e SBT, esses veículos não cobrem de maneira suficientemente aprofundada as questões locais, devido os critérios de noticiabilidade mais restritivos que seguem, o que leva os blogs a suprir essa lacuna, oferecendo informações rápidas, mas isso não quer dizer que são sempre confiáveis. Como relatam as autoras, “os blogs vêm suprir a necessidade de haver notícias locais ou publicação de fatos que podem não aparecer nos jornais devido aos critérios de noticiabilidade” (Silva; Mitozo, 2021, p. 254).

Todavia, a preferência por fontes menos institucionalizadas e mais pessoais não é exclusiva do cenário local de Imperatriz. Santos, Chagas e Marinho (2022) observaram que nos grupos de *WhatsApp* bolsonaristas, a mídia tradicional é pouco utilizada. O *YouTube* se mostrou a principal fonte de conteúdo, representando 53,11% dos *links* compartilhados. Entre esses *links*, predominam influenciadores digitais (28,71%) e a mídia alternativa (23,82%), enquanto a mídia tradicional aparece com apenas 2,68%. Além disso, a literatura aponta para comportamentos polarizados em ambientes digitais, mesmo em espaços heterogêneos. Massuchin, Mitozo e Carvalho (2017) analisaram o *Facebook*, onde a falta de diálogo e a radicalização dos usuários resultam em um ambiente dominado por opiniões monológicas e intolerância política. Em conjunto, essas análises (Massuchin; Mitozo; Carvalho, 2017; Santos; Chagas; Marinho, 2022) mostram como as pessoas, em contextos digitais, tendem a se fechar em suas próprias visões, reforçando a polarização e a falta de abertura para o outro lado.

Outro aspecto relevante é que a busca e o compartilhamento de conteúdos desses blogs por eleitores de Imperatriz podem ser, em parte, explicados pela identificação ideológica com os posicionamentos políticos dos blogueiros. Por exemplo, o blogueiro Rui Porão era defensor do ex-presidente Bolsonaro e crítico das vacinas contra a COVID-19.

⁹⁰ Mariana Carvalho assumiu um cargo no Ministério da Cidadania durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Disponível em: <https://oprogressonet.com/noticia/6778/mariana-carvalho-assume-cargo-no-ministerio-da-cidadania>.

Faleceu em 2021 vítima da doença (Maranhão Notícias, 2021)⁹¹. Além disso, conforme Silva e Mitozo (2021), é importante notar que muitos desses blogueiros não possuem formação jornalística⁹², o que pode afetar a qualidade e a objetividade das informações divulgadas, aumentando os riscos de viés e imprecisões nas notícias.

Esse padrão de busca por fontes ideologicamente alinhadas também é observado globalmente. O relatório do Reuters Institute (2020) revela que no Brasil, 43% dos entrevistados preferem consumir notícias que compartilham do seu ponto de vista, ou seja, preferem conteúdos parciais, enquanto 51% demonstraram preferência por notícias imparciais e apenas 6% por notícias que desafiam suas crenças (Poder360, 2020)⁹³.

Em síntese, a mídia local em Imperatriz é caracterizada pela diversidade de fontes e pela segmentação do público, com destaque para os blogs jornalísticos, muitos dos quais focam em política e notícias policiais. Conforme Sousa e Matos (2019), a cidade possui pelo menos 27 blogs jornalísticos, que se tornam uma importante alternativa para os eleitores que preferem um consumo de informações alinhado aos seus interesses ideológicos (Silva; Mitozo, 2021). Esse cenário retrata a construção de uma cultura midiática que valoriza canais menos institucionalizados.

Vale destacar que esse padrão de consumo midiático também é corroborado por dados mais amplos sobre o impacto dos influenciadores digitais, como os *YouTubers*, no comportamento informativo dos brasileiros. O relatório *Creators Connect: o poder dos YouTubers (2018)*⁹⁴, produzido a partir de uma pesquisa do Google, expõe que 76% dos brasileiros conhecem o termo "youtuber" e que, entre os conectados à internet, 77% acompanham pelo menos um canal. No *ranking* dos formadores de opinião, os *YouTubers* estão entre os mais influentes, ficando atrás apenas de familiares (43,1%) e amigos (34,8%), e superando jornalistas (19,1%), influenciadores do Instagram (9,6%) e celebridades da televisão (6,8%).

⁹¹ O blogueiro Rui Porão, defensor de Bolsonaro e crítico das vacinas contra a COVID-19, faleceu em 2021 vítima da doença, sem ter se vacinado. Disponível em: <https://maranhaonoticias.com/morre-vitima-de-covid-19-o-ex-vereador-e-blogueiro-rui-porao/>.

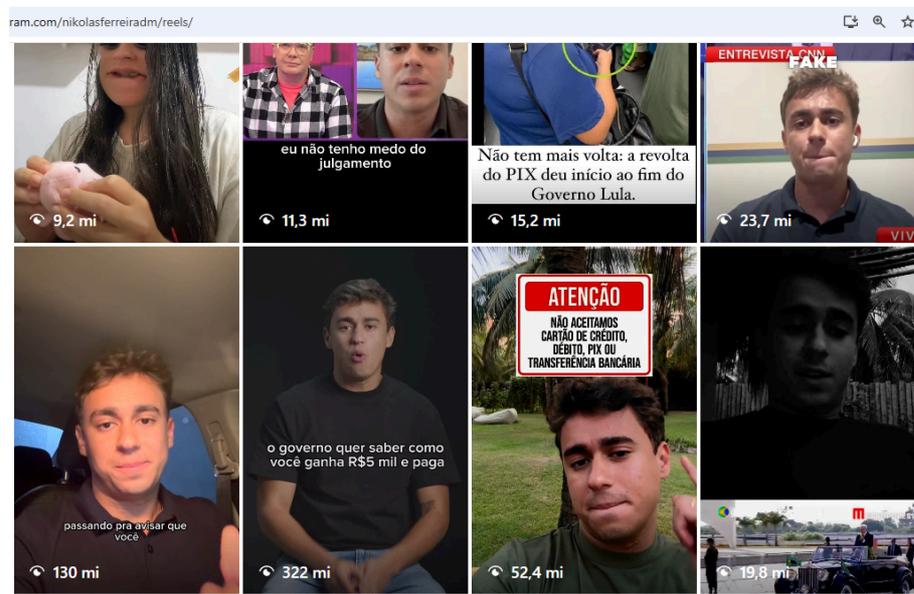
⁹² Silva e Mitozo (2021, p. 253) expõe que o blogueiro do site O maior do mundo se apresenta da seguinte forma: "formado pela Universidade Estadual do Maranhão em Geografia com muito orgulho. Milito na política e esporte em nossa cidade. Defendo minha cidade e minha gente com unhas e dentes".

⁹³ O Relatório do Reuters Institute (2020) aponta que, entre três países analisados (Reino Unido, EUA e Brasil), o Brasil é o país com a maior porcentagem de entrevistados (43%) que preferem consumir notícias que "compartilham do seu ponto de vista", ou seja, notícias parciais. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/confianca-na-imprensa-no-mundo-cai-para-38-no-brasil-sao-51/>.

⁹⁴ Youtubers são mais influentes do que jornalistas, conforme aponta o relatório *Creators Connect (2018)*. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/internet/youtubers-ja-sao-mais-influentes-do-que-jornalistas/>.

A mesma dinâmica pode ser observada no crescimento da presença de políticos nas redes sociais. O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) tornou-se o segundo político mais seguido no Instagram, de acordo com dados da ferramenta SocialBlade. Em apenas três dias, Nikolas ganhou três milhões de seguidores após publicar um vídeo criticando o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e a portaria da Receita Federal sobre o monitoramento de transações financeiras. O vídeo acumulou mais de 300 milhões de visualizações, e seu perfil chegou a 15,4 milhões de seguidores até o dia 17 de janeiro de 2025 (UOL, 2025)⁹⁵.

Figura 1 – Deputado Nikolas Ferreira desinforma sobre o Pix



Fonte: *Printscreen Instagram* Nikolas Ferreira (2025)

Ferreira, frequentemente acusado de disseminar desinformação, como neste caso da repercussão sobre a taxaço do Pix (Estadão, 2025)⁹⁶, não pode ser considerado uma fonte neutra de informação. Seu vídeo sobre o tema, publicado em 14 de janeiro de 2024, atingiu 322 milhões de visualizações em menos de uma semana, demonstrando seu grande alcance e influência⁹⁷. Nesse sentido, recordamos do conceito de líderes de opinião, no qual Martino (2009) enfatiza que esses indivíduos desempenham um papel essencial na difusão de

⁹⁵ Em 17 de janeiro de 2025, Nikolas Ferreira ultrapassou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e se tornou o segundo político mais seguido no Instagram, com 15,4 milhões de seguidores, atrás apenas de Jair Bolsonaro (PL) com 26,1 milhões. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2025/01/17/nikolas-ferreira-ultrapassa-lula-e-e-o-2-mais-seguido-em-rede-social.htm>.

⁹⁶ O vídeo de Nikolas Ferreira sobre o Pix compartilhado em janeiro de 2025 apresenta informações enganosas ao alegar a quebra de sigilo. A análise de suas declarações revela omissões relevantes sobre o Imposto de Renda e o sistema de fiscalização da Receita Federal. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/video-nikolas-ferreira-pix-receita-federal-enganoso/?srsltid=AfmBOoppBgEMAWbkcXWF0Gy9xa4KWJhTzJ-u4bCN7COnEJnadi0LmgY6>.

⁹⁷ O número de visualizações foi registrado até a data de 20 de janeiro de 2024.

mensagens. Como ele observa (2009, p. 3): “O líder de opinião difunde as mensagens (digamos, uma função propagação), mas ao fazerem isto não podem deixar de exercer uma função de selecionar aquelas que julgam pertinentes (função filtro)”. Ou seja, os líderes de opinião são intermediários que selecionam e ajustam a informação antes de repassá-la ao público, não sendo canais neutros. A revogação da norma da Receita Federal, após a repercussão negativa de seu vídeo para o governo Lula, demonstra claramente o impacto de suas ações no cenário político, configurando-o como uma figura estratégica e decisiva na formação de opinião pública.

A influência midiática evangélica, no entanto, vai além de figuras como Ferreira, abrangendo uma rede mais ampla de atores que participam ativamente na construção de narrativas políticas. Deputados evangélicos e portais gospel são peças chave nesse processo. Santos, Mayrink e Vaz (2023) analisaram a postura dos 10 deputados evangélicos mais seguidos no Instagram e dos 5 portais gospel mais acessados sobre o PL 2630/2020, que propõe a regulação das plataformas digitais. Os resultados indicam que tanto os deputados (97% de posts contrários) quanto os portais (70% de críticas) se posicionaram majoritariamente contra o projeto, associando-o à censura e à restrição da liberdade de expressão. Embora a religião não tenha sido o foco principal das críticas, surgiram preocupações sobre a censura de versículos bíblicos, como no caso de Deltan Dallagnol⁹⁸, ilustrando a intersecção entre política e religião. A mídia religiosa, portanto, tende a promover um jornalismo alarmista, sem apuração adequada, reforçando narrativas políticas com viés e em detrimento de uma análise crítica dos fatos.

Dessa maneira, as entrevistas com assembleianos é fundamental para entender como a informação e a desinformação circulam dentro desse segmento evangélico, o que é essencial para compreender os fatores que favorecem a aceitação de narrativas distorcidas. A seguir, apresentamos a metodologia adotada para alcançar os resultados desta pesquisa.

⁹⁸Deltan Dallagnol mencionou esses versículos como possíveis alvos de censura, embora o PL 2630 não preveja a proibição explícita desses conteúdos: “Provérbios 13:24, em que se lê ‘O que não faz uso da vara odeia seu filho, mas o que o ama, desde cedo, o castiga’ ou como Timóteo 2:12, onde está escrito ‘Não permito que a mulher ensine nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio’ (Santos; Mayrink; Vaz, 2023, p. 8). Esses medos, como a percepção de uma ameaça de ditadura comunista ou de esquerda, geram uma conexão emocional, o que pode levar os fiéis a apoiar as mensagens que se alinham com essas preocupações.

4. PERCURSO METODOLÓGICO E ESCOLHAS DE PESQUISA

O objetivo desta pesquisa foi analisar as práticas de consumo informacional, com ênfase nos processos de busca, avaliação e interpretação das notícias. Para tanto, foi adotada a pesquisa de campo, focando nos membros da Assembleia de Deus em Imperatriz, Maranhão. A metodologia qualitativa foi empregada para compreender essas práticas, com entrevistas semiabertas como principal técnica de coleta de dados e análise temática para a análise dos dados. Segundo Gibbs (2009, p. 19), na análise qualitativa, a principal preocupação é descrever detalhadamente a situação para responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”, já que o objeto de estudo pode ser novo, esquecido ou ignorado.

Domingos, Rocha e Marciano (2024) expressam que os estudos quantitativos lidam com mensuração, contagem e criação de índices, enquanto a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos mais profundos por meio de estudos de caso ou contextos específicos. As autoras destacam que a transparência é essencial em ambas as abordagens, pois torna os achados mais acessíveis, confiáveis e valorizados. A falta de transparência nas pesquisas qualitativas contribui para a percepção de que essas pesquisas são menos científicas. Para garantir a credibilidade, é fundamental explicar claramente as decisões tomadas ao longo do processo, desde o início até a conclusão. Nas pesquisas qualitativas, a interação direta entre pesquisador e objeto de estudo exige que o pesquisador esclareça como sua identidade (gênero, idade, raça, classe social) pode influenciar a pesquisa.

Nesse sentido, como evangélico conduzindo uma pesquisa com outros evangélicos sobre o consumo de informação, é fundamental considerar a influência da minha própria identidade no processo investigativo. Primeiramente, por compartilhar da mesma fé, isso pode levar a uma interpretação mais favorável ou enviesada, sem considerar aspectos críticos que um pesquisador não evangélico poderia abordar, ou a uma compreensão mais profunda das respostas, pois nem todos os evangélicos têm as mesmas opiniões políticas e sociais, permitindo uma melhor compreensão da linguagem da fé entre nós. Quanto ao comportamento dos entrevistados, o fato de estarem diante de um pesquisador evangélico pode torná-los mais confiantes ao compartilhar suas opiniões, mas também pode aumentar o risco de responderem de forma menos crítica, com o objetivo de alinhar-se às expectativas do grupo. Reconhecemos, portanto, que essas são algumas das limitações que a própria natureza do trabalho e do pesquisador impõem à pesquisa. No entanto, defendemos que o compromisso ético e o reconhecimento dos procedimentos científicos adotados para a execução desta pesquisa permitem o seu desenvolvimento sem comprometer a qualidade dos resultados.

O percurso metodológico deste estudo é organizado em quatro seções. A primeira aborda os critérios de seleção dos participantes, as características da população entrevistada e detalhes sobre os locais e a duração das entrevistas. A segunda justifica a escolha da técnica de entrevistas semiabertas. A terceira seção descreve a análise comparativa de matérias jornalísticas, na qual os entrevistados avaliam a confiabilidade das fontes. Por fim, a última seção apresenta as técnicas de análise de dados qualitativos utilizadas para extrair os resultados.

4. 1 Critérios de Seleção dos Participantes e Características

Os fiéis da Assembleia de Deus em Imperatriz foram abordados sem um critério amostral pré-estabelecido, sendo necessário apenas o consentimento para participar da pesquisa. A seleção dos participantes foi realizada por conveniência, também chamada de acidental (Duarte, 2005). Ou seja, os fiéis foram selecionados com base na proximidade ou disponibilidade, sem um critério rigoroso de escolha. Dessa forma, a pesquisa foi iniciada na congregação da qual o autor frequentava, a Jerusalém, o que facilitou o acesso aos primeiros participantes, sendo posteriormente expandida para outros fiéis da mesma denominação em outros pontos da cidade⁹⁹.

Tabela 1 – Distribuição de Entrevistados por Igreja

Igreja	Números de Fiéis Entrevistados
Assembleia de Deus - Congregação Jerusalém	10
Assembleia de Deus - Templo Central	3
Assembleia de Deus - Monte Carmelo	1
Assembleia de Deus - Oliveira Verdadeira	5
Assembleia de Deus - Mensageiro da Paz	4
Assembleia de Deus - Herdeiros de Sião	2
Total	25

Fonte: elaboração própria (2025)

⁹⁹ A decisão de expandir para outras igrejas foi tomada após perceber-se que a congregação Jerusalém, situada no centro da cidade e sendo a congregação-mãe (primeira fundada na cidade), possuía um perfil predominantemente de pessoas com escolaridade superior, o que poderia limitar a diversidade de perfis na pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre 30 de junho¹⁰⁰ e 23 de julho de 2024, com a realização de 25 entrevistas em seis diferentes igrejas da Assembleia de Deus. A maioria das entrevistas (23) ocorreu nas dependências das igrejas frequentadas pelos participantes, em momentos estratégicos, como após a Escola Bíblica Dominical (EBD), cultos de jovens, ensaio do coral e círculos de oração das senhoras. Em dois casos, as entrevistas foram conduzidas nos domicílios das participantes, conforme sua escolha. Para alcançar um número significativo de participantes, utilizou-se uma abordagem de recrutamento por indicação, com algumas entrevistas agendadas por meio de contatos de conhecidos do curso de Jornalismo da UFMA¹⁰¹, que também pertenciam à Assembleia de Deus.

As entrevistas tiveram duração entre 30 minutos e 1 hora, variando conforme o perfil de cada participante, sendo que alguns forneceram respostas mais detalhadas que outros. Utilizou-se o gravador de voz do celular para registrar as conversas, com a autorização de todos os participantes¹⁰².

Com o grande número de entrevistas, os perfis dos entrevistados foram caracterizados com base nos seguintes atributos: **1) Biografia; 2) Frequência de participação na igreja (número de vezes por semana); 3) Cargos ocupados na igreja; 4) Principais canais de informação (Instagram, WhatsApp, TV, YouTube, etc.); 5) Conteúdos de interesse informativo; 6) Fontes de informação preferidas; 7) Percepção do jornalismo tradicional; 8) Alfabetização informacional (nível de conhecimento sobre a produção de notícias e critérios para avaliar informações); 9) Habilidade digital (nível de competência no uso das tecnologias de comunicação, incluindo navegação em sites e realização de pesquisas).** O Quadro 1 apresenta as respostas preenchidas com base nas duas primeiras entrevistas realizadas com homens adultos. As respostas detalhadas de cada entrevistado estão disponibilizadas no Apêndice A, em razão da limitação de espaço.

¹⁰⁰ Em 30 de junho de 2024, foram realizadas duas entrevistas pela manhã com participantes adultos. Nessas primeiras entrevistas, a orientadora do projeto esteve presente, auxiliando na condução das entrevistas. A partir dessas, as demais entrevistas ficaram sob minha responsabilidade, após uma orientação sobre como melhorar as próximas abordagens.

¹⁰¹ Os amigos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que auxiliaram no agendamento das entrevistas em suas igrejas não participaram da pesquisa, pois estão em processo de formação no campo midiático e informacional. O foco da pesquisa foi em indivíduos sem esse tipo de formação.

¹⁰² Nas duas primeiras entrevistas, em que a orientadora participou, ela observou que o fato de eu segurar o celular para gravar as conversas poderia causar desconforto ou desconfiança nos entrevistados. Assim, nas demais entrevistas, o celular foi colocado sobre uma cadeira ou mesa, longe dos entrevistados, a fim de proporcionar maior conforto e evitar a sensação de estar sendo observado.

Quadro 1 – Características dos Assembleianos de Imperatriz-MA

Característica	Entrevistado 1 - Paulo ¹⁰³	Entrevistado 2 - Pedro
Biografia	Homem, 51 anos, casado, ensino superior, professor e nascido em lar evangélico.	Homem, 31 anos, solteiro, ensino superior, concurseiro e nascido em lar evangélico.
Frequência na igreja (semana)	4 vezes	5 vezes
Cargo que ocupa na igreja	Líder de jovens e co-pastor	Auxiliar de obreiro
Canais de Informação	Instagram e WhatsApp	YouTube
Conteúdos de interesse informativo	Política, Educação e Saúde	Tecnologia, Política, Economia e Educação.
Fonte de Informação	Não utiliza fontes de jornais, mas segue Silas Malafaia e Nikolas Ferreira.	Hoje no Mundo Militar e Brasil Paralelo
Percepção do jornalismo tradicional	Baixa confiança na Globo	Baixa confiança na Globo e Band
Alfabetização Informacional	Baixa	Baixa
Habilidade Digital	Boa	Boa

Fonte: elaboração própria (2025)

Vale ressaltar que as entrevistas seguiram os princípios de privacidade dos participantes, conforme as diretrizes éticas, mantendo o anonimato e utilizando as informações apenas para fins de pesquisa acadêmica. Foram atribuídos nomes fictícios aos 25 entrevistados, conforme apresentado no Quadro 2, agrupados por faixa etária. Ao todo, foram entrevistados 8 jovens (4 mulheres e 4 homens), 11 adultos (8 mulheres e 3 homens)¹⁰⁴ e 6 idosos (3 mulheres e 3 homens).

Quadro 2 – Codinomes dos Participantes por Faixa Etária

Faixa Etária	Codinomes
Jovens (18-29 anos)	Rute, Débora, Esther, Lídia, Davi, Ezequiel, Timóteo e Tito

¹⁰³ Nomes fictícios para preservar as identidades dos participantes. Solicitamos ao ChatGPT que os nomes fossem inspirados em personagens bíblicos.

¹⁰⁴ A maior participação de adultos se deve ao interesse desse grupo e à facilitação de amigos que envolveram mais pessoas dessa faixa etária. As mulheres predominam devido à presença de duas egressas do curso de Jornalismo, que faziam parte do círculo de oração das senhoras em suas igrejas.

Adultos (30-64 anos)	Sara, Rebeca, Raquel, Priscila, Ana, Betsabé, Elisabete, Marta, Paulo, Pedro e Mateus
Idosos (65+ anos)	Judite, Lia, Mical, Abraão, Noé e Simeão

Fonte: elaboração própria (2025)

A amostra excluiu líderes religiosos, como pastores, com o objetivo de obter visões mais espontâneas e menos influenciadas por discursos institucionais. A maioria dos fiéis está profundamente envolvida na igreja, exercendo funções que variam desde a participação no coral até a coordenação do ministério da família. Apenas 4 dos 25 entrevistados relataram não ocupar nenhum cargo, frequentando a igreja como ouvintes. A tabela a seguir apresenta as funções relatadas pelos participantes, com a quantidade de pessoas que exercem cada cargo, considerando que alguns ocupam mais de uma função.

Tabela 2 – Distribuição de Funções Exercidas pelos Entrevistados

Função	Quantidade
Líderes (Líder de Jovens, Líder do Círculo de Oração, Líder do Coral Infantil, Líder do Departamento da Família, Líder da Coreografia).	7
Auxiliar de obreiro, obreiro e co-pastor	4
Coristas e Vice-líder do coral de mulheres	5
Mídia (Social Media, Líder do Departamento de Mídia)	3
Organizadora de Pequenos Grupos de Meninas	1
Porteiro	1
Integrante do Ministério da Família	1
Integrante do grupo de dança e departamento infantil	1

Fonte: elaboração própria (2025)

Após a descrição dos participantes, passamos a apresentar o próximo tópico, que descreve o processo de obtenção, transcrição e armazenamento dos dados. Também será abordada a técnica de entrevista individual, conduzida por um roteiro elaborado para orientar a conversa.

4. 2 A Entrevista Semiaberta: definição e roteiro

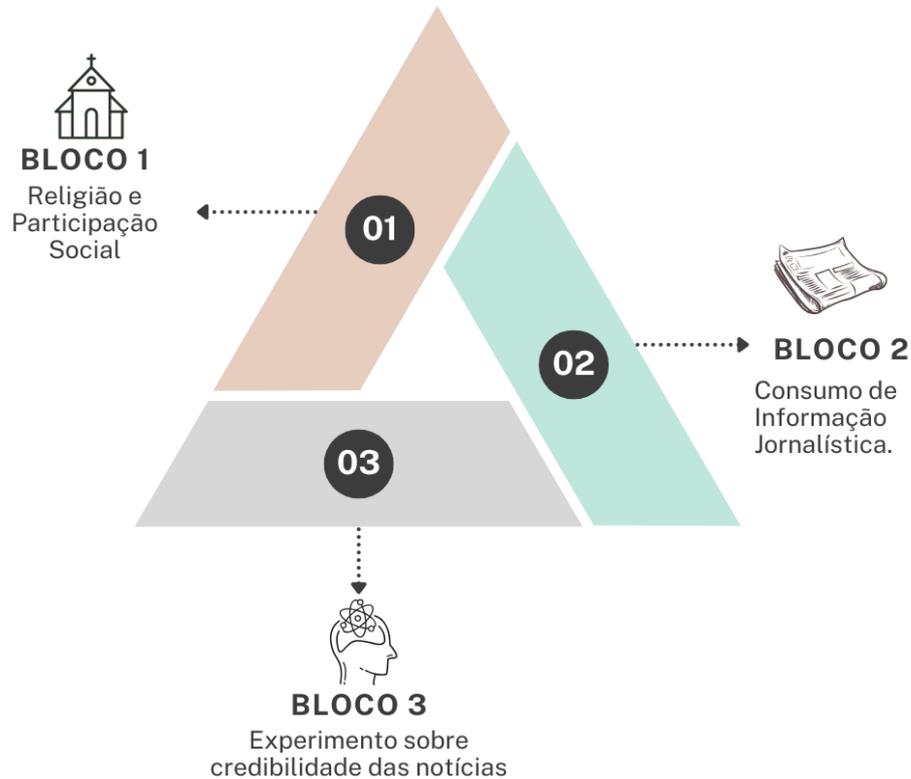
Para esta dissertação foram realizadas entrevistas semiabertas com os fiéis da Assembleia de Deus em Imperatriz. Duarte (2004) explica que as entrevistas são essenciais para identificar práticas, crenças e valores de grupos sociais específicos, especialmente quando esses grupos não deixam claros seus conflitos e contradições. Segundo a autora, as entrevistas, se bem conduzidas, permitem ao pesquisador compreender como os indivíduos percebem e significam sua realidade, além de fornecer dados consistentes para descrever as dinâmicas e relações internas do grupo, o que é mais difícil de ser obtido por outros métodos de coleta de dados.

Duarte (2004) ressalta que, para realizar uma boa entrevista, o pesquisador deve estar familiarizado com as perguntas e com a estrutura do roteiro, a fim de conduzir a conversa de forma natural, sem depender constantemente do roteiro. Isso evita dificuldades, como "engasgos", garantindo maior fluidez e qualidade na entrevista. Nesse contexto, durante a disciplina obrigatória de Seminários de Dissertação, a professora Dra. Thaisa Bueno orientou a turma a realizar a análise dos dados. Como ainda não havia coleta, marcamos uma primeira entrevista para testar o roteiro, identificando ajustes e estratégias para obter respostas mais abertas e reflexivas¹⁰⁵.

Nesta dissertação, as entrevistas foram realizadas de forma semiaberta (Duarte, 2005). O pesquisador seguiu um roteiro com perguntas amplas, permitindo que o entrevistado tivesse liberdade para elaborar suas respostas e fornecer detalhes adicionais. Esse formato possibilitou o aprofundamento em questões específicas, sem perder o foco no objetivo principal da pesquisa. Como aponta Duarte (2005, p. 66): “O pesquisador faz a primeira pergunta e explora o máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta”. A ordem das perguntas foi flexível, sendo adaptada conforme o andamento da entrevista. Caso o entrevistado introduzisse um tema relacionado, mas fora da sequência, as questões eram reorganizadas para manter a fluidez da conversa.

¹⁰⁵ A primeira entrevista foi realizada em maio de 2024 com um jovem da congregação Jerusalém. Um exemplo de pergunta fechada do primeiro roteiro era: “Você já compartilhou uma fake news sem saber?”, mas a orientadora sugeriu reformulá-la de modo que o entrevistado respondesse sem perceber a intenção da pergunta, já que a resposta imediata seria negativa. Esta entrevista foi considerada não válida, conforme Duarte (2004, p. 216): "fazer uma entrevista 'não-válida' com o roteiro é fundamental para evitar 'engasgos' no momento da realização das entrevistas válidas".

Figura 2 – Esquema das Etapas da Entrevista



Fonte: elaboração própria (2025)

O roteiro elaborado para este estudo seguiu uma progressão lógica, permitindo uma compreensão aprofundada do objeto de pesquisa. Inicialmente, abordaram-se aspectos relacionados à identidade religiosa dos participantes e seu envolvimento com a igreja. Nessa etapa, buscou-se conhecer o perfil dos fiéis e a influência da religião em sua vida pessoal e em sua atuação na sociedade e na política. Um exemplo de pergunta foi: “Qual é o papel da igreja na sua vida?”. Em seguida, o foco foi direcionado aos hábitos de consumo de mídia e informação, com questões como: “Para você, o que faz uma notícia ser verdadeira?”. O roteiro contou com 19 perguntas, divididas em três blocos, conforme apresentado na Figura 2, e o roteiro completo está disponível no Apêndice B.

Por fim, ao término das entrevistas, foi realizada uma análise comparativa de notícias, na qual os participantes foram expostos a duas matérias jornalísticas com abordagens distintas sobre a morte do cantor gospel Pedro Henrique. Essa etapa permitiu observar as reações dos participantes diante de diferentes narrativas, além de analisar a percepção sobre a figura político-religiosa Nikolas Ferreira, presente em uma das matérias, e sua consideração como fonte em comparação com fontes jornalísticas ou científicas.

A escolha por uma matéria jornalística envolvendo Nikolas Ferreira foi intencional, tendo em vista que ele é um político de direita com grande popularidade entre evangélicos e conservadores. Destaca-se ainda sua presença em Imperatriz, no Templo Central da Assembleia de Deus, durante a campanha de Bolsonaro no segundo turno das eleições de 2022 (Barros; Tavares, 2024). Optou-se, portanto, por abordar um tema atemporal, como a pandemia de COVID-19, que constitui um marco na história recente. Em setembro de 2021, quando ainda era vereador de Belo Horizonte (MG), Nikolas Ferreira foi impedido de embarcar no Trem do Corcovado, no Rio de Janeiro (RJ), por não apresentar comprovante de vacinação contra a COVID-19. Conhecido por suas críticas às medidas sanitárias, ele comparou o passaporte da vacina e as ações dos funcionários do monumento a práticas nazistas nas redes sociais (O Globo, 2021)¹⁰⁶. A partir desse contexto, foram selecionadas matérias jornalísticas sobre Nikolas Ferreira e as vacinas contra a COVID-19.

Figura 3 – Matérias jornalísticas sobre a morte do cantor gospel Pedro Henrique

Cantor Pedro Henrique morre aos 30 anos; infarto em jovens é pior?



O cantor gospel Pedro Henrique
Imagem: Todah Music

Roger do Ultraje critica Nikolas por post sobre cantor gospel morto

Apesar de Nikolas não mencionar diretamente, internautas associaram a publicação sobre a morte do cantor com imunizantes contra a Covid-19

Daniela Santos
14/12/2023 15:07, atualizado 14/12/2023 19:41

Compartilhar notícia








Hugo Barreto/Metrópoles



Fonte: Reprodução/UOL/Metrópoles (2025)

¹⁰⁶ Em setembro de 2021, Nikolas Ferreira, então vereador de Belo Horizonte, foi impedido de visitar o Cristo Redentor por não apresentar o cartão de vacinação contra o coronavírus. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/vereador-bolsonarista-que-foi-barrado-no-cristo-por-nao-se-vacinar-toma-prim-eira-dose-25264284>.

Os participantes analisaram duas matérias jornalísticas sobre a morte do cantor evangélico Pedro Henrique, de 30 anos, vítima de infarto fulminante durante um show em Feira de Santana (BA), no dia 13 de dezembro de 2023. Um vídeo que circulou nas redes sociais mostra o momento em que o cantor desmaia no palco. Uma das matérias, publicada pelo portal Metrôpoles, abordou uma especulação sobre a causa da morte, gerada pelo deputado federal Nikolas Ferreira. Ao retuitar o vídeo, Ferreira questionou: “Vai virar rotina jovens morrerem subitamente dessa forma?”, gerando a associação com a vacinação, embora ele não tenha mencionado diretamente o tema. Esse comentário gerou ampla repercussão nas redes sociais.

Por outro lado, a matéria do UOL, com caráter mais científico, abordou o aumento de infartos em pessoas abaixo de 40 anos, conforme dados do Ministério da Saúde. A matéria atribui esse aumento a fatores como má alimentação, sedentarismo, diabetes, hipertensão, tabagismo e obesidade, sem fazer qualquer referência à vacinação.

Esse experimento permite compreender como os fiéis reagem a diferentes fontes de informação, apresentando duas matérias jornalísticas com enfoques distintos: uma com uma perspectiva especulativa e outra com base em dados oficiais do Ministério da Saúde. Embora os nomes dos veículos não fossem apresentados, ambas seguiam o formato noticioso tradicional, com imagens, textos e explicações, sendo que a matéria do UOL se baseava em dados científicos, os quais demonstram a ausência de relação entre as vacinas contra a COVID-19 e mortes súbitas.

As matérias foram impressas e distribuídas aos participantes, iniciando pela do UOL¹⁰⁷. Optou-se por retirar os nomes dos veículos jornalísticos para evitar que preconceitos influenciassem a leitura e participação dos entrevistados. Também foi analisada a percepção dos participantes sobre a ausência dos nomes dos veículos e quais fontes teriam maior credibilidade, levando-se em consideração três tipos de fontes: jornalística (as matérias), científica (dados do Ministério da Saúde sobre o aumento de infartos em pessoas abaixo de 40 anos e a inexistência de relação entre vacinas e infartos) e a figura pública de Nikolas Ferreira (comentário especulativo sobre a morte do cantor Pedro Henrique). Os textos completos das matérias estão disponíveis no Anexo A.

¹⁰⁷A decisão foi baseada na compreensão de que a primeira matéria, ao apresentar dados do Ministério da Saúde sobre infartos anteriores à pandemia, poderia influenciar a interpretação da segunda, que especula sobre a relação entre a morte e a vacinação. A matéria do Metrôpoles também citava um estudo de 2021 do Ministério da Saúde, indicando que o risco de morte por COVID-19 é 56,6% maior do que o risco de evento adverso grave causado pela vacina. Os resultados mostraram que a ordem das matérias não afetou a análise dos participantes.

As entrevistas foram transcritas em agosto de 2024, com o auxílio do software Turbo Scribe. Após a transcrição, cada documento foi cuidadosamente revisado para assegurar a precisão e fidelidade aos dados originais. Os documentos finais, em formato Word, não estão disponíveis ao público, sendo acessíveis apenas aos avaliadores, a fim de garantir o anonimato, a privacidade dos participantes e evitar qualquer risco de exposição indevida.

Além disso, o grande volume de entrevistas resultaria em um número excessivo de páginas. Para fins de exemplificação, será disponibilizada apenas a primeira entrevista com um adulto de 51 anos, com a identidade preservada e as perguntas pessoais removidas, a fim de evitar qualquer possibilidade de identificação. Essa entrevista, presente no Apêndice C, ilustra como as questões gerais foram utilizadas para gerar perguntas específicas. Este capítulo metodológico é concluído com a apresentação das estratégias utilizadas para a leitura dos dados, que discutimos a seguir.

4.3 Análise Temática: Conceito e Aplicação

Para analisar os dados coletados por meio de entrevistas semiabertas com fiéis assembleianos de Imperatriz (MA), a pesquisa utilizou técnicas qualitativas, com a análise temática como método principal. Duarte (2004) destaca que a análise temática é uma ferramenta útil, especialmente para pesquisadores iniciantes, pois facilita a organização e interpretação dos dados. Nesse processo, as informações são agrupadas em grandes eixos temáticos, alinhados aos objetivos da pesquisa, o que contribui para a estruturação e compreensão dos dados. Além de organizar os dados em categorias, a análise temática exige uma interpretação crítica, considerando que os relatos dos entrevistados representam sua visão pessoal e podem ser influenciados por seu entendimento sobre o que o pesquisador espera ouvir. O pesquisador, portanto, deve confrontar essas respostas com outras perspectivas e com a prática observada no campo¹⁰⁸.

Essa técnica de leitura dos dados consiste em analisar atentamente os trechos das respostas transcritas de todos os entrevistados, identificando e codificando passagens-chave, que são agrupadas em categorias temáticas que refletem uma ideia principal, a qual recebe um nome ou código. Segundo Gibbs (2009, p. 60), "geralmente, várias passagens são identificadas e então relacionadas com um nome para a ideia, ou seja, o código. Sendo assim,

¹⁰⁸ Como sugere Duarte (2004, p. 222-223), na análise temática, além de organizar e categorizar os dados, "cabe ao pesquisador atribuir sentido àquele mosaico, tendo como referência seus pressupostos teóricos, sua filiação acadêmica, seus objetivos de pesquisa etc".

todo o texto, entre outros elementos; que se refere à mesma coisa ou exemplifica a mesma coisa é codificado com o mesmo nome”.

Nesta pesquisa com fiéis, o objetivo é descrever os comportamentos e opiniões dos assembleianos de Imperatriz (MA), sem buscar explicações sobre suas origens. Yin (2013) distingue entre “descrever” e “explicar” em estudos de caso. Quando o objetivo é descritivo, a pesquisa se limita a registrar o que ocorreu. Já em um objetivo explicativo, busca-se entender as causas por trás dos fenômenos e comportamentos, ou seja, explicar como e por que os resultados aconteceram. Nosso estudo foca na descrição detalhada dos discursos, sem a intenção de estabelecer causalidades.

Embora a pesquisa tenha envolvido um grande volume de dados qualitativos, com 25 entrevistas transcritas, optou-se por técnicas qualitativas manuais. Assim, coube ao pesquisador realizar uma leitura detalhada e repetida dos dados para identificar as categorias temáticas. Nesse sentido, Alves, Figueiredo Filho e Henrique (2015) enfatizam que, embora os softwares sejam úteis para organizar e processar dados, eles não substituem o papel do pesquisador. A responsabilidade pela interpretação profunda e significativa dos resultados permanece com o pesquisador, mesmo com o uso dessas ferramentas. Conforme afirmam: “É importante ressaltar que esses programas são facilitadores no processo analítico dos dados e não substituem a responsabilidade do pesquisador na interpretação substantiva dos resultados” (Alves; Figueiredo Filho; Henrique, 2015, p. 124).

Segundo Gibbs (2009), a análise temática vai além da simples descrição das falas dos entrevistados, exigindo uma perspectiva que ultrapasse o nível descritivo. O autor pontua que “na análise, você necessita se afastar das descrições, principalmente com os termos dos entrevistados, e passar para um nível mais categórico, analítico e teórico de codificação” (Gibbs, 2009, p. 64). Em relação à geração de códigos temáticos, o autor diferencia duas estratégias: a codificação baseada em conceitos, que envolve a criação prévia de categorias a partir da literatura ou de expectativas teóricas, e a codificação baseada em dados, que consiste em identificar temas emergentes diretamente dos dados. Nesta dissertação, o livro de códigos qualitativo é formado por ambas as abordagens, ou seja, utiliza-se tanto a codificação baseada em conceitos quanto a codificação baseada em dados, movendo-se entre essas duas fontes de criação.

A definição das categorias temáticas foi orientada pelos objetivos da pesquisa e pela pergunta central que guia o estudo. O principal objetivo da pesquisa é compreender como ocorre o consumo de notícias pelos fiéis da Assembleia de Deus em Imperatriz, considerando tanto a busca, avaliação e a interpretação das informações. A pergunta central é: Quais fatores

estão associados à aceitação de narrativas falsas no consumo de notícias entre evangélicos assembleianos da cidade de Imperatriz, no Maranhão? Com base na análise dos dados, o estudo resultou em quatro categorias, conforme descrito no quadro abaixo:

Quadro 3 - Categorias Temáticas da Análise das Entrevistas

Categoria Temática	Descrição
Percepção de liderança e minimização dos equívocos	Esta categoria destaca trechos que refletem a obediência dos fiéis e a tendência de não questionarem ou criticarem figuras de autoridade, mesmo diante de erros ou desinformação.
Jornalismo Tradicional e Partidário: Relação com a desinformação	Esta categoria identifica os diferentes padrões de consumo de mídia e sua relação com a confiança nas informações e a suscetibilidade à desinformação. Ademais, sublinha os trechos sobre as percepções dos entrevistados sobre o jornalismo tradicional e os veículos de comunicação partidários, analisando a influência dessas fontes na formação de suas opiniões.
Atalhos cognitivos na avaliação da informação	Esta categoria temática aborda a forma como os fiéis avaliam a credibilidade das informações recebidas, destacando os critérios utilizados para julgar o conteúdo.
Perfil da desinformação: Crítica à Rede Globo e às Vacinas	Esta categoria destaca as características de alguns fiéis a acreditar em desinformação, observando sua visão crítica sobre o jornalismo tradicional, que consideram adverso ao seu grupo e ao ex-presidente Bolsonaro, além de sua postura crítica em relação às vacinas.

Fonte: elaboração própria (2025)

Deste modo, foram gerados os seguintes eixos analíticos para interpretar as 25 entrevistas com fiéis assembleianos de Imperatriz (MA) a partir das transcrições, identificando semelhanças, divergências e convergências nas respostas dos entrevistados.

O primeiro eixo, **Percepção de liderança e minimização dos equívocos**, surgiu da observação de que os fiéis tendem a não questionar as autoridades religiosas, mesmo diante de discordâncias sobre assuntos de usos e costumes da igreja¹⁰⁹ ou desinformação por parte dessas autoridades. Embora a literatura discutida no capítulo 1 sobre o comportamento político e social dos evangélicos já apontasse esse grupo como propenso a seguir as orientações de seus líderes, foi uma característica que também pudemos observar durante as entrevistas realizadas.

O segundo eixo, **Jornalismo Tradicional e Partidário: Relação com a desinformação**, identificou os padrões de consumo de mídia dos fiéis e sua relação com a

¹⁰⁹A observação surgiu nas duas primeiras entrevistas realizadas, nas quais um dos entrevistados discordou sobre questões de vestuário, mas afirmou que isso não o levava a se opor abertamente. Além disso, nesses dois casos, os fiéis minimizaram a especulação de Nikolas Ferreira sobre as vacinas e sua relação com as mortes por infarto, mantendo sua admiração e legitimidade em relação a ele.

confiança nas informações, analisando se o consumo de diferentes veículos de comunicação estava associado à suscetibilidade à desinformação. Este eixo foi baseado na literatura do capítulo 2, que demonstra a seletividade na escolha dos meios de comunicação e a tendência das pessoas que consomem veículos partidários a serem mais suscetíveis à desinformação.

O terceiro eixo, **Atalhos cognitivos na avaliação da informação**, explorou como os fiéis avaliam a credibilidade das informações, identificando os critérios utilizados para julgar o conteúdo. Este eixo foi fundamentado na literatura que aponta diferentes formas de avaliar a confiabilidade das notícias, conforme discutido no capítulo 2.

Por fim, o quarto eixo, **Perfil da desinformação: Críticas à Rede Globo e às Vacinas**, verificou a tendência de alguns fiéis a acreditar em desinformação, com foco na visão crítica sobre a Rede Globo e as vacinas. Esse eixo foi fundamentado pela revisão teórica da mídia hostil discutida no capítulo 2, que aponta a percepção de que o jornalismo tradicional frequentemente é visto como contrário às crenças de determinados grupos e alinhado a posições opostas.

No capítulo seguinte, são apresentados os resultados da pesquisa, discutindo cada eixo temático como uma descoberta individual. Cada eixo é analisado separadamente, mas de forma inter-relacionada com os demais, para compreender suas implicações no consumo de informação e na formação de crenças e atitudes entre os fiéis evangélicos.

5. RESULTADOS

O objetivo deste estudo é compreender o consumo de notícias pelos fiéis da Assembleia de Deus em Imperatriz (MA), com foco na busca, avaliação e interpretação das informações. Para isso, foram entrevistados 25 participantes, cujos dados permitiram mapear o perfil religioso e as relações estabelecidas com as autoridades, o que corresponde à primeira parte das entrevistas. Na sequência, foi analisado o consumo de mídias e as características informativas dos assembleianos, abordando o segundo bloco da pesquisa. Por fim, ao final das entrevistas, foi apresentada uma declaração imprecisa do deputado federal Nikolas Ferreira, que sugeriu uma possível relação entre a morte do cantor evangélico Pedro Henrique, vítima de infarto, e as vacinas contra a COVID-19. Essa declaração serviu para avaliar a propensão dos participantes em aceitar ou rejeitar informações potencialmente falsas. Conforme descrito na metodologia, apresentamos abaixo os resultados de acordo com os quatro eixos temáticos.

5. 1 Percepção de liderança e minimização dos equívocos

As respostas dos entrevistados revelam que, para muitos membros da Igreja Assembleia de Deus, o respeito e a obediência aos líderes são fundamentais, mesmo quando não se concorda com todas as opiniões ou orientações. Um exemplo disso pode ser observado na fala de Paulo: “Nem sempre a gente concorda com algumas decisões que estão relacionadas a uso e costumes. Mas se as decisões forem pautadas à luz da Bíblia, essas decisões geralmente não causam um choque com a liderança e com o liderado”. Ezequiel reforça essa ideia, dizendo: “Eu costumo seguir, sim. Até o momento que o líder falar algo que não seja bíblico, mas até agora não aconteceu, então eu costumo seguir as direções que os nossos líderes nos dão... Eles nunca vão nos aconselhar ou proibir algo porque simplesmente não gostou, não foi com a cara, não”. Embora Ezequiel expresse certa condição para sua obediência, essa postura se alinha à análise de Massuchin e Santos (2021), que afirmam que as instituições religiosas e seus líderes frequentemente gozam de uma legitimidade que os torna seguidos sem grande questionamento, inclusive quando se posicionam sobre questões como saúde, como visto durante a pandemia.

Muitos participantes demonstraram que, apesar das divergências em relação aos posicionamentos ou comportamentos dos líderes, há um esforço para minimizar os erros e interpretar as falas de maneira mais compreensiva. Esse comportamento é ilustrado pela entrevista com Rute (21 anos), na qual o entrevistador questionou como ela interpretava o

comentário do pastor André Valadão sobre “resetar” a população LGBTQIA+¹¹⁰. Rute destacou que desconhecia a fala do pastor, mas acredita que cada pessoa possui uma maneira própria de se expressar. Para ela, a comunicação direta, por vezes considerada “bruta”, é uma forma legítima de manifestação. Rute também afirmou que a sociedade não deve se deixar influenciar pelo que chamou de “mimimi”, sugerindo que, em vez de se ofender rapidamente, é importante reconhecer que diferentes estilos de expressão existem, como defendido na sua fala: “Cada pessoa tem a sua forma de se expressar. Às vezes é aquele jeito mais bruto, mas é a forma que ela tem de se comunicar. A gente também não pode ser muito mimimi, sabe?” (Rute, em entrevista concedida ao autor, 2024). Esse ponto de vista revela como, para muitos, as falas dos líderes religiosos, mesmo com incentivo ao ódio, podem ser interpretadas com compreensão e tolerância.

Esse tipo de interpretação não se restringe apenas ao campo moral, mas também se estende ao campo da saúde, onde declarações controversas são muitas vezes recebidas com uma abordagem igualmente tolerante. Um exemplo disso é a especulação de Nikolas Ferreira sobre a morte do cantor Pedro Henrique, vítima de infarto, associada às vacinas. Esther (28 anos), uma das entrevistadas, declarou: “Ele não é obrigado a expor isso na internet, a opinião dele sobre todas as coisas que acontecem no mundo. E até porque ele é um político, e esse caso envolve um cantor crente, ele também é cristão, então talvez por isso ele tenha comentado” (entrevista concedida ao autor, 2024). Dessa maneira, mesmo quando esses líderes cometem erros ou fazem afirmações questionáveis, essas falas são frequentemente vistas dentro de uma perspectiva religiosa, onde as boas intenções do líder são consideradas justificativas para suas palavras.

Entretanto, uma parte menor dos entrevistados adotou uma postura crítica em relação à declaração de Ferreira, questionando tanto a veracidade da informação quanto as intenções por trás dela. Esse comportamento está em consonância com a pesquisa de Prandi, Santos e Bonato (2019), que aponta que, embora a religião exerça uma forte influência, os fiéis frequentemente desenvolvem opiniões políticas autônomas, orientadas por fatores além da fé. Para esse grupo de quatro fiéis, o senso crítico é mais aguçado, e eles percebem que o posicionamento de Ferreira exprime suas crenças pessoais. Esse pensamento é ilustrado pelas

¹¹⁰ O termo “resetar” refere-se a uma fala polêmica do pastor André Valadão, que foi investigado pelo Ministério Público Federal (MPF) por suposta homotransfobia. Durante uma pregação em igreja nos Estados Unidos, Valadão insinuou que crentes deveriam eliminar a população LGBTQIA+, gerando grande repercussão e protestos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mpf-investigara-pastor-andre-valadao-por-suposta-homotransfobia/>.

falas de Débora, Lídia, Mical e Simeão, que questionam a responsabilidade de Ferreira e a falta de provas para as alegações feitas sobre a vacina.

Acho irresponsável, pela notoriedade que ele tem. O comentário não foi explícito, mas instigou outros comentários, podendo manipular as pessoas e conduzi-las a um comportamento prejudicial (Débora, entrevista concedida ao autor, 2024).

Para alguém como ele se declarar contra, precisa provar. Não temos um estudo sério que comprove os efeitos da vacina, só temos o oposto (Lídia, entrevista concedida ao autor, 2024).

Não adianta eu falar algo errado. Isso é sério. Não vou responder se for para dizer algo errado. Isso aí vai ficar no branco (Mical, entrevista concedida ao autor, 2024).

Não acho viável culpar a vacina. Antes dela, muitas pessoas morreram da mesma forma. Não dá para generalizar um caso isolado, ainda mais com 150 a 180 milhões de brasileiros vacinados (Simeão, entrevista concedida ao autor, 2024).

As entrevistas revelam, portanto, uma diversidade de posturas, que vão desde a obediência irrestrita até o questionamento crítico. Essa diversidade de posturas, que oscila entre apoio e crítica, corrobora com a análise de Alencar (2019), que ressalta a pluralidade presente no segmento evangélico. Em nossa pesquisa, foram identificados três perfis distintos entre os participantes, com base em suas posturas sobre as autoridades evangélicas e como cada grupo se posicionou diante da especulação falsa proferida pelo líder político-evangélico Nikolas Ferreira. A seguir, apresentamos um quadro que detalha essas posturas, com os respectivos grupos de entrevistados.

Quadro 4 - Posturas dos assembleianos sobre autoridades evangélicas e vacinas¹¹¹

Grupo	Visão sobre líderes religiosos	Posicionamento sobre Vacinas
Fiéis conformistas	Há respeito pela liderança religiosa. Em geral, o grupo não tem tantos questionamentos sobre a atuação dos líderes em outras áreas, como saúde e política.	Embora não desconfiem completamente das vacinas, os participantes ainda apresentam dúvidas sobre sua eficácia ou não se posicionam.
Entrevistados: Rute, Esther, Ezequiel, Tito, Ana, Betsabé, Marta, Paulo e Noé.		
Fiéis conservadores	A autoridade religiosa é respeitada. Em geral,	Há desconfiança em relação às vacinas, associando-as a

¹¹¹ A antecipação da posição dos fiéis sobre as vacinas nesta seção busca ilustrar como as posturas em relação às lideranças religiosas expressam as atitudes sobre temas como a vacinação. Observou-se que, apesar das variações nas percepções sobre o papel dos líderes, os comportamentos foram consistentes: os fiéis conformistas mantiveram uma postura neutra, os fiéis conservadores apresentaram contradições ao defender os posicionamentos pessoais de Nikolas Ferreira, e os fiéis críticos mantiveram sua postura de crítica à atuação do líder em áreas fora da religião.

	acredita-se que as opiniões dos líderes devem ser baseadas na Bíblia, e não em suas opiniões pessoais.	desinformação e a potenciais danos à saúde.
Entrevistados: Davi, Timóteo, Sara, Rebeca, Raquel, Priscila, Elisabete, Pedro, Mateus, Judite, Lia e Abraão.		
Fieis críticos	A autoridade religiosa é respeitada. Este grupo acredita que os líderes podem se envolver em outras áreas, desde que tenham conhecimento, com opiniões alinhadas à ciência e à medicina.	Há confiança nas vacinas, consideradas uma medida eficaz e segura contra doenças, especialmente a COVID-19.
Entrevistados: Débora, Lídia, Mical e Simeão.		

Fonte: elaboração própria (2025)

Esses achados corroboram a análise de Santos e Rios (2023), que, ao estudarem portais de notícias gospel durante a pandemia, destacaram a heterogeneidade do segmento evangélico em relação à vacinação. Os resultados indicam que, dentro dessa comunidade, não há consenso antivacina, com posturas variadas, desde defesa até oposição e neutralidade. Para as autoras, essa pluralidade demonstra a diversidade de opiniões dentro do meio evangélico, confirmando que não há uma posição homogênea sobre a vacinação.

Nos resultados obtidos com os fiéis, observa-se que a percepção de autoridade religiosa influencia a ausência de críticas, particularmente nos grupos “Fiéis conformistas” e “Fiéis conservadores”. Como destacou Paulo (51 anos): “Eles são líderes que acabam trazendo referências para a nossa vida em todos os aspectos, tanto aspectos morais, espirituais e profissionais” (entrevista concedida ao autor, 2024). Noé (65 anos) reforçou essa ideia: “O Silas Malafaia é um homem de Deus. Ele deve ser usado por Deus para falar aquilo que ele saiba, com a consciência livre de que é a verdade” (entrevista concedida ao autor, 2024). Esses depoimentos expressam uma tendência predominante entre os participantes, onde a crença pessoal e a confiança nas lideranças religiosas se sobrepõem a uma análise crítica fundamentada em dados objetivos. Esse comportamento se alinha à lógica da “pós-verdade”, em que as crenças individuais têm maior peso do que as evidências factuais, como descrito por Llorente (2017).

A contradição entre seguir a liderança religiosa apenas quando suas opiniões estão alinhadas com a Bíblia e, ainda assim, apoiar declarações de figuras como Nikolas Ferreira, é

clara no grupo dos “Fiéis conservadores”. Davi (18 anos) e Mateus (37 anos), por exemplo, continuam a defender o líder político-evangélico, mesmo afirmando que suas opiniões devem ser baseadas nas Escrituras. No entanto, ambos relativizam as declarações de Ferreira. Davi, por exemplo, comentou: “Então, se o povo segue ele por livre espontânea vontade, eu tenho que saber que vou acabar recebendo as ideias dele, o que ele pensa” (entrevista concedida ao autor, 2024). Esse achado indica que, embora as falas de Ferreira pareçam distantes dos ensinamentos bíblicos, para esses fiéis, suas opiniões são percebidas como uma forma de cuidado e proteção à comunidade evangélica, o que justifica a defesa de suas declarações. Isso revela que, apesar de afirmarem que a liderança evangélica deve ser orientada pela Bíblia, muitos fiéis acabam aceitando as posições de líderes políticos, mesmo quando estas não são fundamentadas em argumentos religiosos.

Ademais, as falas que minimizam os erros dos líderes não necessariamente indicam concordância com suas declarações. Em vez disso, pode-se perceber uma tentativa de proteger a imagem da liderança político-religiosa e a própria identidade do grupo de fé. Essa estratégia de relativização das alegações imprecisas busca manter a unidade do grupo, num processo de pertencimento. Noé (65 anos), por exemplo, declara: “Não, eu não acho que ele errou. Se ele estiver errado, fica por conta dele, mas como eu não entendo muito, não vou entrar muito nessa área” (entrevista concedida ao autor, 2024), adotando uma postura neutra sobre a segurança das vacinas contra a COVID-19. Por outro lado, Sara (52 anos), embora defenda a imagem da liderança político-evangélica, demonstra desconfiança quanto às vacinas: “É assim que deveria ser o político. Estudar, buscar, saber o que está falando realmente. Claro, o ser humano erra, pode se exceder e falar besteira, mas ele sabe o que está dizendo” (entrevista concedida ao autor, 2024).

Esse comportamento de apoio irrestrito pode ser parcialmente explicado pelo conceito de *fandom político*, ainda que em uma forma distinta das descritas na literatura (Street, 2019). No caso de Noé, a lealdade não está vinculada a uma idolatria política, mas à figura de Nikolas Ferreira como representante de sua comunidade de fé, sendo ciente de que o político já esteve em Imperatriz realizando campanha para Bolsonaro nas eleições de 2022 (Barros; Tavares, 2024). Já em Sara, observa-se uma relação mais emocional e próxima ao fanatismo político, indicando uma identificação mais intensa e um vínculo que ultrapassa o simples apoio político, isto é, de idolatria.

Apesar de a autoridade dos líderes religiosos ser amplamente respeitada entre os diferentes grupos, uma postura mais questionadora foi observada no grupo dos “Fiéis críticos”, composto por apenas quatro participantes. Este grupo se caracteriza por uma

abordagem mais racional, como exemplificado pela declaração de Simeão (86 anos): “O cristão não é só baseado na Bíblia, baseado nas Constituintes também do país, né. Ele tem que obedecer as leis cívicas e a lei divina” (entrevista concedida ao autor, 2024). Esses fiéis se destacam pela maior crítica à atuação da liderança em áreas fora do âmbito religioso, como saúde, que fica visível pela rejeição à especulação de Nikolas Ferreira sobre a morte do cantor Pedro Henrique.

A percepção de autoridade evangélica não é o único fator que influencia a interpretação das informações. Embora a lealdade às lideranças político-religiosas desempenhe um papel no processamento das informações, ela não explica de maneira absoluta a aceitação de narrativas conspiratórias. Por exemplo, alguns do grupo de 12 fiéis que acreditaram na falsa associação entre vacinas da COVID-19 e infartos não conhecia Nikolas Ferreira. Além disso, 9 fiéis mantiveram uma postura neutra, enquanto apenas 4 rejeitaram a teoria.

Nos diferentes grupos, observa-se que, para os Fiéis conformados, mesmo sem uma opinião formada sobre a segurança das vacinas, as informações não são vistas como problemáticas quando envolvem uma figura de sua comunidade religiosa. Para os Fiéis conservadores, as vacinas são amplamente desacreditadas, e a afirmação de uma liderança do seu círculo de pertencimento, como o comentário de Nikolas Ferreira, tende a reforçar crenças pré-existentes. Já os Fiéis críticos, favoráveis às campanhas de vacinação, mantêm sua postura independentemente da posição do líder evangélico. De maneira geral, a interpretação das notícias pelos fiéis está fortemente ligada à confiança nas fontes e nas figuras públicas como Ferreira. O próximo achado explora outro fator relevante dessa dinâmica: a relação dos fiéis com as diferentes fontes de informação no cotidiano.

5. 2 Jornalismo Tradicional e Partidário: Relação com a desinformação

Os fiéis assembleianos apresentam diferentes formas de relacionamento com o consumo de notícias, particularmente no que se refere ao jornalismo. Identificamos três perfis distintos: 1) Consumo de informações partidárias e tradicionais; 2) Consumo de jornalismo tradicional; e 3) Desinteresse por jornalismo. A seguir, detalhamos cada perfil, destacando as variações observadas em cada categoria.

1. Consumo de fontes partidárias e tradicionais – O consumo de informações partidárias é prevalente entre os assembleianos, abrangendo todas as faixas etárias, com maior incidência entre os mais jovens. Para muitos, o jornalismo é percebido como polarizado, dividindo-se entre direita e esquerda. Esse julgamento ideológico leva os indivíduos a

preferirem consumir informações alinhadas com suas crenças. Dentro desse grupo, apenas dois jovens demonstram confiança nos grandes veículos jornalísticos. As características dessas duas vertentes do consumo partidário são descritas a seguir.

Quadro 5 - Consumo de fontes partidárias de direita e desconfiança das mídias tradicionais

Grupo	Jornalismo de direita	Influenciadores
Rute, Débora, Davi, Timóteo, Tito, Sara, Raquel, Elisabete, Paulo, Pedro, Mateus e Abraão	Record, Brasil Paralelo, Gazeta do Povo, Jovem Pan, Boletim Coppolla, Conexão Política e Revista Oeste	Nikolas Ferreira, Bolsonaro, Maurício do Vôlei, Carla Zambelli, Gustavo Gayer, Paulo Figueiredo, Augusto Nunes, Ana Paula Nunes, João Menna, Silas Malafaia, Mário Sabino, André Valadão, Júnior Trovão, Daltan Dalagnol, Fran Pecóis e Pietra Bertolaso

Fonte: elaboração própria (2025)

Dentro desse perfil, há um grupo de doze fiéis que classifica o jornalismo tradicional brasileiro como partidário e tendencioso. Entre as razões apresentadas para essa percepção, os fiéis frequentemente citam tanto questões religiosas quanto políticas. Esse achado ressoa com a literatura que sugere que as pessoas tendem a buscar informações que confirmem suas próprias crenças e visões políticas (Iyengar; Hahn, 2009). No caso dos fiéis, a desconfiança em relação à Rede Globo e a preferência por fontes alinhadas às suas crenças podem ser entendidas como uma estratégia para reduzir a dissonância cognitiva¹¹².

Houve uma informação sobre um ataque em Israel, no qual uma bomba foi interceptada e não houve mortes. Vi essa notícia no jornal de Israel, que relatou o ocorrido de forma precisa. Quando procurei a cobertura da Globo, a informação estava errada, dizendo que Israel tentava um atentado contra a Síria. Por isso, não confio nas informações da Globo. Não é em relação à questão política, mas no geral mesmo. Ela já está vinculada a uma ideologia (Rute, entrevista concedida ao autor, 2024).

A Rede Globo é um meio de comunicação poderoso e influente, alinhado ao governo [Lula]. No governo passado [Bolsonaro], noticiaram constantemente as mortes dos ianomânis, culpando o presidente. No governo atual, o número de mortos aumentou significativamente, mas ninguém ouve mais falar (Mateus, entrevista concedida ao autor, 2024).

¹¹² Ao consumir notícias que correspondem às suas percepções e visões políticas, eles minimizam o desconforto causado por informações que desafiam suas crenças. Segundo os autores, “A ideia de que as pessoas preferem buscar informações que apoiem suas crenças já existia antes do surgimento das novas mídias e remonta ao auge das teorias da consistência cognitiva na década de 1950 (Festinger, 1957). A teoria previu que, como meio de minimizar a dissonância, as pessoas buscariam informações com as quais esperavam concordar” (Iyengar, Hahn, 2009, p. 20).

O dono da Globo é o Lula, e a contribuição que ele manda para lá é boa, então têm que falar o que ele quer (Abraão, entrevista concedida ao autor, 2024).

A desconfiança no jornalismo tradicional leva os consumidores partidários a buscar fontes que consideram neutras, embora com uma percepção pessoal de imparcialidade. Débora, por exemplo, considera a Globo tendenciosa, mas se sente informada por influenciadores como João Menna¹¹³ e Ana Paula Nunes¹¹⁴, que manifestam posições políticas. Ela também cita a BBC Brasil como uma fonte neutra, sem perceber que seu julgamento de imparcialidade é influenciado pela concordância com o conteúdo. Contudo, não é correto afirmar que Débora esteja em uma bolha ideológica, como descrito por Eady *et al.* (2019), que definem a “bolha ideológica” como o consumo exclusivo de fontes que reforçam as próprias opiniões políticas. Ao considerar a BBC como uma fonte moderada e imparcial, Débora demonstra preferência por fontes mais centristas, independentemente de sua filiação política.

Nem todos os consumidores de veículos partidários de direita, como Brasil Paralelo, Record, Jovem Pan, Gazeta do Povo, Boletim Coppola, Conexão Política e Revista Oeste, mencionados pelos entrevistados¹¹⁵, aceitaram a especulação falsa sobre a morte do cantor Pedro Henrique, acusada por Nikolas Ferreira, de ter sido causada pelas vacinas contra a COVID-19. No entanto, a maioria aceitou ou permaneceu neutra em relação à desinformação, sugerindo que a forma como selecionam as mídias pode influenciar, mas não determina por si só, a interpretação das notícias. Esse achado apoia pesquisas que indicam que eleitores da direita, especificamente apoiadores de Bolsonaro, tendem a rejeitar a mídia tradicional como fonte de informação, como ocorreu durante a pandemia do coronavírus (Gramacho *et al.*, 2021).

Tais preferências midiáticas expressam diretamente as convicções políticas dos fiéis. O estudo de Mundim *et al.* (2022) revelou que tanto as convicções políticas quanto a religião influenciaram a escolha das fontes de notícias sobre a pandemia. Evangélicos foram mais propensos a consumir o Jornal da Record, devido à sua proximidade com valores religiosos e apoio a Bolsonaro. Este, por sua vez, demonstrou hostilidade à cobertura da pandemia feita

¹¹³ João Menna é o fotógrafo responsável pela imagem do ex-presidente Jair Bolsonaro sem camisa, mostrando as cicatrizes da facada (<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/07/fotografo-que-registrou-bolsonaro-sem-camisa-cobra-a-partir-de-r-135-mil-conheca-joao-menna.ghtml>).

¹¹⁴ Ana Paula Nunes, conhecida como Sherlocka Holmes, discute temas bíblicos, como o aborto, posição na qual se declara contra (https://www.instagram.com/reel/C87DNvPOLxT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA=).

¹¹⁵ Os veículos de comunicação de direita mencionados não foram classificados como tais pelos autores, mas pelos próprios entrevistados.

pela Globo, inclusive atrasando boletins. Como declarou Bolsonaro: “Agora acabou matéria no Jornal Nacional”¹¹⁶. Essa hostilidade pode ser vista nas atitudes de fiéis como Elisabe (44 anos), que, ao buscar fontes alternativas menos conhecidas para evitar a Globo, demonstra uma escolha consciente e política de consumir conteúdos em alinhamento com suas crenças. Já Sara (52 anos), ao afirmar não se importar muito com jornalismo, mas evitando se aprofundar quando questionada sobre a Globo, parece adotar uma postura de fuga em relação à crítica à mídia tradicional, talvez por não querer confrontar diretamente suas próprias preferências ou valores.

Há uma dupla de fiéis que reconhece o jornalismo tradicional como sério e profissional, mas ainda recorre a fontes partidárias, cientes da partidarização dessas mídias e das agendas políticas que elas defendem. Ezequiel (20 anos), por exemplo, defende a imparcialidade do G1, mas não conseguiu evitar a falsa especulação sobre a morte do cantor Pedro Henrique. Embora tenha se mostrado neutro quanto à relação entre vacinas e infartos, isso indica que a qualidade da fonte não é suficiente para evitar a adesão à desinformação. Esse comportamento pode ser explicado pela seletividade de mídia, como descrito por Stroud (2008). Embora Ezequiel não tenha validado diretamente a especulação, sua exposição online no dia a dia a fontes como Nikolas Ferreira e o Brasil Paralelo, pode ter influenciado sua percepção sobre o caso Pedro Henrique, mesmo sem uma validação explícita. A defesa de Ferreira por Ezequiel pode ser compreendida como resultado de uma resposta afetiva, na qual ele manifesta uma compreensão favorável das opiniões e especulações apresentadas por essa figura política com a qual habitualmente se relaciona.

Quadro 6 - Consumo partidário e confiança simultânea em fontes tradicionais¹¹⁷

Grupo	Jornalismo	Influenciadores
Ezequiel	Imperatriz Online, G1, CNN, SBT, Record e Brasil Paralelo (direita)	Nikolas Ferreira
Lídia	Folha de São Paulo, BBC, O Globo, Carta Capital (esquerda) e Jovem Pan	David Leonardo, Nicodemus, Hernandes Dias Lopes e Pr. Oziel Gomes (pregadores evangélicos)

¹¹⁶O ex-presidente Jair Bolsonaro defendeu a divulgação tardia dos números de casos e óbitos de COVID-19 e se referia à emissora como “TV Funerária”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/05/bolsonaro-defende-atraso-em-boletins-de-covid-para-nao-atender-a-globo.htm>.

¹¹⁷ Embora Lídia e Ezequiel confiem na mídia tradicional, ambos consomem também fontes partidárias, como veículos de comunicação de direita, influenciando suas percepções. Isto demonstra a seletividade na escolha de fontes, mesmo quando reconhecem o trabalho sério da imprensa.

	(direita), Jornal Hoje e Jornal Nacional	
--	---	--

Fonte: elaboração própria (2025)

O achado sobre Lídia (28 anos) revela uma análise crítica da mídia noticiosa. Ela reconhece o papel dos meios de comunicação na polarização social e sua relação com a política e o poder. Essa visão corrobora a análise de Tavares (2020), que descreve a Gazeta do Povo como um veículo que adotou uma estratégia editorial ideológica, explorando o clima de polarização após as eleições de 2014. Isso não significa que Lídia desconfia das notícias, mas observa como o cenário midiático está intimamente ligado à política. Ela também nota que, durante o governo Bolsonaro, emissoras que se opunham à Globo passaram a apoiá-lo, buscando fortalecer suas posições e antagonizar a emissora¹¹⁸. Em relação à Globo, Lídia analisou o seguinte:

Tem o viés deles, assim como tem o viés de todos os outros. Eu acredito que essa onda de Globo lixo é porque a Globo ainda é uma das principais emissoras. Então, querendo ou não, ela ainda é muito formadora de opinião. Mas ela não é diferente das outras. Cada uma vai sempre puxar pro seu lado. Eu lembro, por exemplo, a Globo, ela tem uma linha muito PSDB. Mas, como o PSDB não ganhou, então ela ficou um pouco mais PT. Tentou, ali, achar um ponto de apoio, né? E agora, principalmente, que o PSDB se aliou ao PT, então ficou nessa onda. E ela criticava muito o Bolsonaro. Bom, eu critico muito o Bolsonaro. Mas nem todas as que a Globo falava, mesmo que fosse contra o Bolsonaro, eu gostava. Algumas coisas eu achava, assim, um pouco [exagero, besta] (Lídia, entrevista concedida ao autor, 2024).

Os dados indicam que os fiéis que consomem mídia partidária não estão isolados em bolhas informativas, pois se expõem também aos meios de comunicação tradicionais. No entanto, apresentam uma visão hostil em relação aos veículos que consideram contrários aos seus posicionamentos políticos e religiosos. O meio mais confiável para esses fiéis tende a ser a mídia de orientação conservadora, alinhada à elite política que seguem, como Nikolas Ferreira e Bolsonaro nas redes sociais. Os ataques de Bolsonaro à Globo foram replicados por alguns fiéis, que, em certos casos, mantiveram uma postura neutra ou aceitaram desinformações sobre as vacinas da COVID-19 e sua relação com infartos. Esse grupo seleciona veículos que estão alinhados com suas predisposições, acreditando que esses meios

¹¹⁸ Esse raciocínio da fiel Lídia é verdadeiro. Houve uma mudança na distribuição de verbas publicitárias no governo Bolsonaro, conforme observado na prática: “Antes, o critério era distribuir mais verbas para as maiores audiências. Agora, não há mais nenhum critério objetivo” (Intercept, 2020). A matéria do Intercept revela como emissoras de TV aberta, como SBT, Record, Band e Rede TV, se alinharam com o governo Bolsonaro, abandonando a função crítica da mídia e assumindo uma postura de apoio ao governo. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/02/23/imprensa-bolsonaro-band-sbt-record-rede-tv/>.

praticam jornalismo imparcial, sem perceber que, assim como eles próprios, esses veículos não são imparciais.

2. *Consumidores apenas de jornalismo tradicional* - O grupo de consumidores de jornalismo tradicional, embora minoritário, é composto por três fiéis: dois homens idosos (Simeão e Noé) e uma mulher idosa (Mical). Esses idosos não possuem habilidades digitais, utilizando o celular apenas para *WhatsApp* e chamadas telefônicas, sem recorrer a buscas em redes sociais ou no *Google*. A televisão é o principal meio de informação para eles, o que pode explicar a falta de critérios para avaliar a veracidade dos conteúdos consumidos, uma vez que os participantes relataram assistir ao noticiário sem a intenção de julgar sua veracidade. No caso de Mical, ela interpreta os eventos cotidianos transmitidos nos jornais de forma religiosa, mas não demonstrou desconfiança ou polarização em relação ao jornalismo tradicional.

Além disso, não se observa um olhar político ou ideológico em relação ao noticiário da Globo. Para esse grupo, o jornalismo tradicional é visto de forma passiva, como um resumo dos principais acontecimentos do dia feito por profissionais da comunicação. Fora do noticiário, a Globo não é bem aceita em outras programações, como as novelas, consideradas inapropriadas para os evangélicos: “Não gosto, porque o evangélico não pode assistir a muitos tipos de novelas. Mas muitos evangélicos assistem. Eu não me importo, pois não tenho tempo para ficar assistindo novela; tenho a minha casa para cuidar” (Mical, em entrevista concedida ao autor, 2024). Enquanto a literatura sugere uma associação entre o consumo de telenovelas e a exposição ao Jornal Nacional (Mundim, 2015), especialmente entre o público feminino que já está sintonizado na emissora após as novelas, no caso da fiel Mical, há uma rejeição clara das outras programações da Globo, indicando uma relação não harmoniosa com a emissora como um todo.

Quadro 7 - Consumo de fontes noticiosas tradicionais

Fiéis	Fontes jornalísticas
Mical, Noé e Simeão	TV Globo e SBT

Fonte: elaboração própria (2025)

O consumo de jornalismo tradicional, como observado na dupla de jovens Lídia e Ezequiel (consumidores partidários que acreditam no jornalismo tradicional), com uma confiança moderada, foi relevante no combate à desinformação. Fiéis desse perfil adotaram posturas neutras ou rejeitaram informações falsas. No entanto, essa postura de neutralidade,

como a demonstrada por Ezequiel e o idoso Noé, sugere que, embora o jornalismo tradicional contribua para uma avaliação mais cautelosa das informações, ele não é suficiente para evitar a inclinação à desinformação quando outros fatores exercem maior influência sobre os indivíduos. Isso parece estar relacionado ao papel dos líderes, como Oliveira (2020) argumenta. Ela destaca que, em um contexto em que até líderes políticos espalham notícias falsas e contradizem a ciência, torna-se difícil para as pessoas comuns distinguir o que é verdadeiro.

3. *Desinteressados por jornalismo* - O cenário se agrava quando identificamos perfis de fiéis assembleianos alheios ao jornalismo. Em outras palavras, encontramos um grupo de oito fiéis que raramente assistem aos jornais na TV ou seguem páginas jornalísticas nas redes sociais. Esse perfil é predominante composto por mulheres (Esther¹¹⁹, Rebeca, Priscila, Ana, Betsabé, Marta, Judite e Lia), particularmente adultas e idosas, como demonstram os depoimentos a seguir.

De jornalismo, não. Até porque, como eu falei, eu não sigo as páginas de jornalismo, né? A gente segue o jornalismo daqui da cidade para ficar sabendo o que está acontecendo. A gente segue algumas, mas de fora eu não sigo (Marta, entrevista concedida ao autor, 2024).

Jornal, eu não vou mentir, não gosto muito de assistir. É difícil assistir jornal. Eu acompanho mais pelo celular mesmo, notícias, alguma coisa importante, mas não foco muito nisso, sou um pouco distante disso (Betsabé, entrevista concedida ao autor, 2024).

Geralmente, eu não sigo nada sobre informações de tragédia, nada de comunicação de jornal, eu não gosto. Eu sei das notícias porque, você sabe, onde a gente chega, o pessoal comenta, né? E eu também, meu esposo segue e me fala, mas eu não gosto de seguir essas redes sociais porque não gosto de saber de tragédia (Rebeca, entrevista concedida ao autor, 2024).

Eu não tenho muita paciência para assistir nada. Às vezes, minhas filhas dizem: “Mãe, você assistiu? Vem assistir aqui, tá passando o jornal”. Mas eu digo que não, que vou me deitar ou fazer alguma coisa, porque gosto de inventar alguma coisa (Ana, entrevista concedida ao autor, 2024).

Eu assisto a vários jornais pela televisão, mas não é toda noite. Gosto muito mais de ler a Bíblia, me preocupo mais com essa parte religiosa (Judite, entrevista concedida ao autor, 2024).

No geral, observamos que as posturas dessas mulheres em relação ao caso Pedro Henrique variam entre a neutralidade e a aceitação da desinformação. Nenhuma das participantes, que demonstram desinteresse por notícias jornalísticas, refutou as narrativas conspiratórias relacionadas às vacinas da COVID-19. Esses achados sustentam a pesquisa de

¹¹⁹ Classificamos a jovem Esther como desinteressada por notícias jornalísticas, pois seu consumo é limitado a um único veículo, o The News (<https://thenewsc.beehiiv.com/>) e a assuntos de economia e não em uma gama mais ampla de temas.

Bohn (2004), que identificou a exposição limitada dos evangélicos a fontes de imprensa. Mesmo após 20 anos da pesquisa da autora, os fiéis, especialmente as mulheres evangélicas, continuam a formar suas opiniões por meio de redes de influência mais próximas, como familiares, amigos e líderes religiosos.

Além disso, esse grupo de assembleianas apresenta alta religiosidade, frequentando a igreja até quatro vezes por semana. Embora se exponham pouco ao jornalismo tradicional, algumas mantêm uma visão negativa dos meios de comunicação, como ilustrado pelo depoimento da fiel Lia, de 75 anos: “Eu vou pela cabeça dos outros. O povo diz que a Globo gosta muito de mentir, de roubar, de fazer coisas que não são lícitas, apoiar coisas erradas, mas eu não entendo” (entrevista concedida ao autor, 2024). Isso reforça a ideia de que, mesmo sem uma exposição ao jornalismo tradicional frequente, suas percepções são influenciadas por crenças e influências dentro de seus círculos sociais.

Diante desse panorama de pouca exposição ao jornalismo tradicional (comum entre mulheres) e consumo partidário em fontes de informação, surge uma questão central: como esses fiéis, sem recorrer a fontes tradicionais, avaliam a veracidade das informações que consomem? A resposta a essa pergunta está diretamente relacionada aos atalhos cognitivos que utilizam na avaliação da informação.

5.3 Atalhos cognitivos na avaliação da informação

Os fiéis assembleianos imperatrizenses entrevistados demonstraram uma gama de estratégias informais para avaliar a veracidade das informações, muitas das quais alinhadas a comportamentos descritos na literatura. De modo geral, o estudo revelou que os entrevistados não adotam métodos rigorosos e críticos para verificar as informações, utilizando, assim, estratégias simplificadas na avaliação das notícias. As principais estratégias adotadas pelos fiéis são apresentadas no Quadro 8 a seguir.

Quadro 8 - Estratégias informais de avaliação da veracidade das notícias

Estratégias de Verificação de Informação	Descrição
Verificação de fontes e credibilidade	Verificação em múltiplas fontes (alinhadas à ideologia), análise da imparcialidade da fonte jornalística, e credibilidade do emissor envolvido na matéria.
Viés de confirmação	Preferência por informações que confirmam crenças pré-existentes.

Recepção não crítica	Aceitação sem questionamento da informação.
Sinais de manipulação	Identificação de sinais de manipulação.
Leitura superficial e falta de profundidade	Leitura apenas de títulos, fontes com menor visibilidade, e recepção passiva de comentários e interações.
Interpretação religiosa ou ideológica	Leitura de eventos e informações a partir de uma perspectiva religiosa ou ideológica, frequentemente sem análise crítica.

Fonte: elaboração própria (2025)

A avaliação das notícias pelos fiéis assembleianos não se restringe ao uso de uma única estratégia de verificação. O experimento realizado com 25 participantes revelou que nenhum deles percebeu a ausência dos nomes dos veículos jornalísticos nas matérias entregues, o que indica que muitos tendem a confiar em sinais superficiais para julgar a veracidade do conteúdo.

Uma das principais estratégias adotadas é a busca por diferentes fontes. No entanto, os fiéis não percebem que isso os torna suscetíveis à desinformação. Embora saibam da inclinação política dos veículos, não veem isso como um problema. Esse comportamento demonstra a tendência de escolher fontes que reforçam suas preferências, como demonstrado por Levendusky (2013), que afirma que indivíduos buscam informações que confirmem suas crenças. Para os fiéis, a mídia partidária realiza um jornalismo tão válido quanto o tradicional, que se propõe a ser equilibrado e objetivo.

A desconfiança em relação aos meios de comunicação tradicionais se manifesta na preferência por veículos de mídia alinhados à ideologia de direita. Embora busquem múltiplas fontes, a escolha é guiada por suas predisposições políticas e religiosas. Isso fica claro no caso de Tito, que desconfia da cobertura de veículos tradicionais, como d'O Globo. Segundo o fiel, notícias sobre o atentado a Trump em 2024 foram apresentadas de forma manipulada, como exemplificado na frase: “Várias publicaram assim. Mas a mais famosa foi a do Globo. Li sobre os ‘supostos tiros’, e outra, que não lembro o nome, falou que ‘caiu e levantou com sangue’” (Tito, entrevista concedida ao autor, 2024).

Esse comportamento corrobora estudos como o de Rossini, Mont’Alverne e Kalogeropoulos (2023), que indicam maior propensão à crença em notícias falsas por pessoas com ideologias políticas de direita. Ao buscar informações alinhadas com suas crenças, esses indivíduos tornam-se mais vulneráveis à desinformação. Entretanto, o fato de um partidário

de direita acreditar em uma notícia falsa não implica que a ideologia política seja a principal razão para suas crenças. Exemplo disso é Débora, uma fiel com posicionamento conservador, que não caiu na desinformação. Ela relata utilizar como critério de avaliação a imparcialidade das fontes jornalísticas, ainda que, inconscientemente, suas escolhas estejam alinhadas com suas preferências pessoais.

Por sua vez, o caso de Lídia, uma jovem fiel que lê jornais de esquerda e direita, como a Carta Capital (viés de esquerda reconhecido pela própria fiel), ilustra um caso curioso. Lídia se mostrou resistente à desinformação sobre saúde, demonstrando que a exposição a diferentes perspectivas pode reduzir a aceitação de conteúdos falsos. Ela foi a única entre os 25 participantes a reconhecer seu viés de confirmação ao analisar informações. Lídia enfatizou: “Se você não está diante de uma *fake news* e sabe que a notícia aconteceu, lê uma opinião, depois outra, no fim das contas você tem a sua. Aí entra o viés da confirmação, a não ser que algo do lado contrário te convença. Por isso, gosto de ver os argumentos contrários, tentar entender o outro lado. Se ele não me convencer, acabo confirmando minha crença e acreditando nela” (entrevista concedida ao autor, 2024). Essa percepção é consistente com o que Pennycook e Rand (2021) ressaltam: pessoas mais reflexivas e analíticas têm menos probabilidade de acreditar em notícias falsas¹²⁰.

Outro comportamento observado entre os entrevistados para validar as notícias é a confiança em fontes pessoais dentro das matérias jornalísticas. Muitos fiéis destacaram a credibilidade de figuras públicas ou influenciadores religiosos. Em outras palavras, indivíduos podem estar mais inclinados a acreditar em informações provenientes de pessoas que consideram confiáveis, como em políticos (Pennycook; Rand, 2021). A fiel Marta (30 anos) expressou isso ao ser questionada sobre a confiabilidade de um conteúdo proveniente de um influenciador evangélico de sua confiança em comparação a um jornal tradicional: “Eu acho que os jornais sérios publicam coisas corretas, mas dependendo da fonte, como parentes ou pessoas como Gabriela Rocha, a gente confia mais nela do que num jornal” (entrevista concedida ao autor, 2024).

Além disso, os fiéis utilizam outras estratégias para avaliar a veracidade das notícias. Alguns analisam o conteúdo a partir dos títulos; outros observam os comentários para ver o que as pessoas estão dizendo. Um dado interessante, ainda não encontrado na literatura, é que

¹²⁰ A caracterização de Lídia como uma pessoa com pensamento analítico é justificada pela sua habilidade em reconhecer o viés de confirmação e a disposição para considerar pontos de vista contrários. Embora ainda tenha um viés, foi a única entre os participantes a reconhecer sua subjetividade na análise das informações, o que a coloca como alguém capaz de refletir criticamente sobre suas próprias crenças, ao contrário de muitos que simplesmente confirmam suas ideias sem questioná-las.

alguns acreditam que a verdade está em veículos jornalísticos menos conhecidos. Elisabete (44 anos), por exemplo, evita confiar em veículos populares como a Globo, preferindo fontes menos visíveis, aquelas que aparecem nas posições inferiores nas buscas do *Google*. Isso demonstra uma postura subjetiva e cética em relação ao jornalismo tradicional. Além disso, há quem analise as intenções por trás dos conteúdos. Raquel (45 anos), por exemplo, desviou a questão sobre a verificação de notícias para falar sobre “golpes”, mencionando conteúdos falsos criados por Inteligência Artificial para alterar a voz de famosos com promessas de dinheiro fácil.

Para alguns fiéis, o jornalismo ainda mantém sua função como fonte de verdade e intermediador. No entanto, os meios de comunicação tradicionais, como jornais e televisão, estão perdendo espaço para plataformas digitais, como *YouTube*, *Instagram* e outras redes sociais. De acordo com Llorente (2017), os meios alternativos ganham terreno por oferecerem uma experiência mais personalizada, interativa e ágil na divulgação de informações. Nesse contexto, há fiéis, especialmente idosos, que não possuem critérios definidos para avaliar as notícias e simplesmente absorvem o conteúdo. Noé e Simeão, ambos idosos, exemplificam esse comportamento. Noé (65 anos) enunciou: “Eu não posso lhe falar daquilo que eu não entendo. Aí eu vou dizer para o senhor o porquê. Se o senhor me perguntasse que cor é essa garrafa aqui, eu sei. Por fora, porque eu estou vendo, e por dentro eu não estou. Então, eu não posso lhe responder. Entendeu? Eu não posso lhe responder porque eu não sei” (entrevista concedida ao autor, 2024). Simeão (86 anos) complementou: “Eu vejo a notícia, se ela é falsa ou *fake*, eu não sei bem discernir, né. Acontece que eu não vejo notícia para disseminar. Eu vejo notícia só para absorver. O que eu vejo no jornal eu não saio por aí contando. Eu simplesmente sei” (entrevista concedida ao autor, 2024). Ambos demonstram uma postura de absorção passiva da informação, sem o esforço de julgá-la.

Mical (67 anos), uma idosa que vê desastres e guerras como sinais da volta de Cristo, interpreta o mundo com base em suas crenças religiosas. Ela expressa: “Meu filho, Jesus está voltando. Nisso aí, está se acabando tudo, é a vinda d’Ele. Nós temos que estar preparados” (entrevista concedida ao autor, 2024), referindo-se às enchentes no Rio Grande do Sul e às guerras entre países, eventos recentes nos noticiários. Apesar de sua visão religiosa, Mical também valoriza a saúde, manifestada em sua defesa das vacinas e crítica à especulação de Nikolas Ferreira. Sua postura demonstra autonomia, em que a saúde pessoal prevalece sobre pressões religiosas. Embora pudesse ceder à opinião de líderes evangélicos como Ferreira, ela manteve sua convicção sobre a necessidade das vacinas. Essa visão está alinhada com o conceito de Kasstan (2021), que destaca a prevalência da autonomia individual, mesmo em

contextos religiosos. Mical toma decisões de saúde de forma independente, sem se deixar influenciar por figuras religiosas ou políticas, como o influenciador evangélico Nikolas Ferreira. Ela não expressou resistência ou dúvidas sobre as vacinas, demonstrando que nem todas as questões são avaliadas pela fé.

Os dados indicam que as estratégias utilizadas para validar a confiabilidade das notícias são frequentemente guiadas por fatores subjetivos, como motivações políticas, ideológicas e religiosas. A análise dessas estratégias revela que os fiéis tendem a adotar decisões rápidas e subjetivas na avaliação dos conteúdos noticiosos. Esse comportamento pode, em parte, explicar a defesa de Nikolas Ferreira, visto como uma figura confiável e proeminente no meio evangélico. Além disso, as informações oficiais do Ministério da Saúde, que desmentiam a relação entre vacinas e infartos, foram amplamente ignoradas nas matérias jornalísticas. Mesmo os que rejeitaram as especulações falsas não recorreram às fontes oficiais para sustentar sua posição contra o comentário de Nikolas, pois já possuíam uma opinião formada sobre o tema, exceto a jovem Lídia de 28 anos. Esse achado sugere que os critérios utilizados na avaliação das informações são fortemente guiados por fatores subjetivos. Desse modo, a desconfiança nas narrativas oficiais pode, assim, indicar uma tendência a acreditar em teorias conspiratórias, com os fiéis buscando explicações rápidas e simplistas para avaliar os conteúdos.

5.4 Perfil da desinformação: Crítica à Rede Globo e às Vacinas

Descobrimos que a desconfiança dos fiéis em relação às instituições epistêmicas está associada à sua propensão a acreditar em desinformação, especialmente em relação à mídia e à ciência. Ao contrário da literatura que aponta a desconfiança nas relações entre cientistas e a indústria farmacêutica (Oliveira, 2020), neste estudo, a principal preocupação dos fiéis não parece ser o lucro da indústria, mas um desprezo pela ciência em si e uma identificação política com o ex-presidente Bolsonaro, como observado por Albuquerque e Tavares (2021). Estes autores destacam a hostilidade do governo Bolsonaro em relação às universidades e à ciência, acusadas de promover “marxismo cultural”.

A pesquisa revelou que 12 fiéis (Davi, Timóteo, Sara, Rebeca, Raquel, Priscila, Elisabete, Pedro, Mateus, Judite, Lia e Abraão) aceitaram a especulação infundada sobre a vacina e a morte de Pedro Henrique. Outros 9 (Rute, Esther, Ezequiel, Tito, Ana, Betsabé, Marta, Paulo e Noé) permaneceram neutros ou indecisos, enquanto 4 (Débora, Lídia, Mical e Simeão) rejeitaram a teoria. A aceitação de explicações alternativas, sem respaldo científico, demonstra como crenças religiosas e políticas influenciam a interpretação de eventos como a

morte do cantor. A confiança dos fiéis em fontes políticas, como o líder evangélico Nikolas Ferreira, é maior do que em fontes científicas e jornalísticas, evidenciado pela ignorância dos fiéis em relação aos estudos do Ministério da Saúde nas matérias jornalísticas.

Eu não me lembro exatamente, mas quando vi, dizia que a empresa não se responsabilizava pelos efeitos da vacina, por isso o ex-presidente [Bolsonaro] não aceitou. Aí o povo disse que ele deveria aceitar, pois a vacina salvaria vidas. Depois, com jovens morrendo de uma doença rara [infarto], surgiram questionamentos. Ele [Nikolas] não foi contra, apenas falou o que pensou (Davi, entrevista concedida ao autor, 2024).

Então, eu acredito que isso tem a ver também com a questão da saúde das pessoas, mas o que me chama mais a atenção é o aumento do número de jovens que morreram após tomar essa vacina, começaram a perder a vida e a ficar sequelados (Pedro, entrevista concedida ao autor, 2024).

As plantas, você não tem muito o que dizer. Elas realmente funcionam. O alimento realmente cura. Entendeu? Depois que entrei nessa área, os remédios que venho consumindo são muito poucos, e os de farmácia, então, quase nada. Só quando é infecção mesmo, inflamação, algo assim. Quando não tem para onde correr, aí vai para o antibiótico (Sara, entrevista concedida ao autor, 2024).

Essas vacinas aí vieram para matar todo mundo (Priscila, entrevista concedida ao autor, 2024).

Então, então... Quantas pessoas tinham problemas de coração e, de repente, foram embora, né, por causa da vacina? É muito comum essas coisas acontecerem. A gente não pode nem levar isso muito a sério, porque às vezes a morte vem com uma desculpa também, né? (Judite, entrevista concedida ao autor, 2024).

Nesse cenário de desconfiança geral, Mateus (37 anos) reforça a ideia de que há informações ocultas, sugerindo que muitas pessoas têm receio de discutir as possíveis consequências da vacina. Ele comentou: “Mas as pessoas hoje têm até um certo medo de falar, mas depois do COVID e da vacinação, algumas pessoas acabam associando esses fatos [infartos] com os efeitos colaterais da vacina. A gente não sabe, né?” (entrevista concedida ao autor, 2024). Vale destacar que Mateus formou essa opinião antes de ler a segunda matéria que repercutiu o comentário de Nikolas Ferreira sobre a morte de Pedro Henrique¹²¹, o que indica que ele já possuía uma visão prévia, rejeitando as explicações oficiais do Ministério da Saúde sobre a inexistência de relação entre vacinas e infartos.

Outro ponto relevante é a crítica à mídia, especialmente à Globo, acusada de manipular informações e distorcer a realidade, indicando uma tendência a teorias conspiratórias. Este grupo também tende a associar questões midiáticas às vacinas. Um exemplo é o comentário de Abrãao (67 anos), que defende que a morte de Pedro Henrique repercutiu devido à sua fama, demonstrando uma percepção de que certos acontecimentos são

¹²¹ O pesquisador anotou essa observação em sua folha de campo, registrada com as reações e outros detalhes dos participantes. Nesse caso, o fiel não havia lido a segunda matéria sobre o comentário de Nikolas Ferreira, mas já considerava a reportagem científica do Uol sobre os fatores que causam infartos em jovens incompleta.

tratados de forma diferente na mídia dependendo da posição social dos envolvidos: “Esse aí é porque é artista, bastante conhecido e sai logo na mídia. Mas os outros, um civil que nem a gente não vai sair em mídia coisa nenhuma” (entrevista concedida ao autor, 2024). A seguir, apresentamos falas que demonstram hostilidade ao noticiário da Globo, revelando a visão dos fiéis sobre a linha editorial da emissora, comumente vista como anti-religiosa, anti-direita e anti-humana.

Eu assisti essa informação pelo próprio jornal de Israel, que estava falando o que aconteceu exatamente. Poucos momentos depois do que aconteceu. E depois, de algum momento, eu fui ver no jornal da Globo o que estava passando e a informação estava totalmente errada. Estava dizendo que Israel tinha tentado fazer um atentado contra a Síria e estava uma coisa, assim, totalmente errada (Rute, entrevista concedida ao autor, 2024).

No tempo da pandemia houve muita questão política e a gente viu que a Globo, eles eram o contrário lá de um certo político [Bolsonaro], né? Então eles faziam de tudo pra queimar a imagem do político. Então a gente ficava naquela, se eles estavam falando a verdade ou se não. Então eu deixava mais, né, de assistir esse lado aí e ir pro outro jornal, que eu via que estava me falando a verdade (Betsabé, entrevista concedida ao autor, 2024).

Por exemplo, no desastre do Rio Grande do Sul, a Globo veiculou várias vezes a história de um cavalo, enquanto muita gente pereceu lá, morreu, afogou-se, e não houve muita ênfase com relação aos humanos, mas com relação aos animais. Então, eu entendo que é uma questão ideológica, de ideologia dela mesmo, de que, nesse contexto, desvaloriza-se a pessoa humana em detrimento dos animais (Paulo, entrevista concedida ao autor, 2024).

É importante destacar um ponto curioso observado na entrevista com Tito (28 anos), um crítico da Globo e da imprensa tradicional, que se manteve indeciso quanto à falsa especulação sobre a morte do cantor Pedro Henrique. Tito menciona o atentado contra Trump nas eleições americanas de 2024, sugerindo que alguns jornais trataram o evento como uma “farsa” ou “teatro”, apontando a descrição dos “supostos sons de tiro”¹²² como exemplo. Essa percepção de Tito revela uma crítica à forma como eventos envolvendo figuras políticas da direita, como o atentado contra Bolsonaro em 2018 e o ataque a Trump em 2024, são interpretados e divulgados pela mídia noticiosa. Assim, Tito vê a cobertura midiática desses eventos, especialmente em relação aos políticos de direita, como um ataque à sua ideologia política.

Tito também considera errado politizar a morte de qualquer pessoa, independentemente de sua ideologia: “Ninguém politiza a morte de ninguém. Seja de

¹²² A imprensa de fato usou o termo “supostos sons de tiro”, como mencionado por Tito. Esse termo foi empregado para indicar que, no momento do comício, os jornalistas ainda estavam verificando a origem e veracidade do som. Em situações de grande tensão, como um atentado, é comum o uso de termos como “suposto” para evitar afirmações precipitadas antes de confirmação oficial. Portanto, o uso de “supostos sons de tiro” não tem o objetivo de suavizar o atentado, mas de garantir uma cobertura cautelosa e precisa, enquanto os fatos eram verificados pelas autoridades.

esquerda, seja de direita, seja quem for” (entrevista concedida ao autor, 2024). Embora tenha se mostrado neutro quanto à segurança das vacinas e defendido o direito de Nikolas Ferreira questionar a morte do cantor, surge uma contradição. Tito critica a “distorção” da narrativa midiática, como no caso do atentado contra Trump, mas relativiza teorias conspiratórias, como a de que a morte de Pedro Henrique seria causada pelas vacinas, mesmo diante das evidências científicas que refutam essa associação. Ao apoiar o direito de Ferreira de questionar a morte do cantor sem base em evidências, Tito demonstra uma postura mais permissiva com teorias conspiratórias quando envolvem figuras políticas com as quais ele se identifica.

A atitude de Tito, assim como de outros fiéis, revela um raciocínio seletivo em relação às teorias conspiratórias, mantendo uma postura neutra ou indecisa dependendo da ideologia da figura envolvida. Isso reforça a prevalência da fonte política em detrimento das fontes científicas e jornalísticas. Além disso, o posicionamento de Tito de que não se pode politizar a morte do cantor surgiu somente após o questionamento do entrevistador sobre a possível associação feita por Nikolas Ferreira às vacinas da COVID-19. Nesse momento, Tito ajustou sua opinião, reconhecendo que, caso Ferreira realmente tivesse feito essa associação e politização das vacinas, estaria errado, mas ainda assim, manteve-se neutro quanto à segurança das vacinas.

Observa-se que os fiéis com postura neutra em relação à segurança das vacinas, apesar de suavizarem o comentário de Nikolas Ferreira sem críticas à sua figura, não demonstram uma postura irreversível. Esses indivíduos, como Tito, mostram-se dispostos a revisar suas opiniões quando questionados sobre o impacto negativo do comentário de Ferreira, principalmente no que diz respeito à desinformação sobre as vacinas. Ao serem questionados sobre a veracidade dos dados do Ministério da Saúde, que refutam a associação entre vacinas e mortes, e sobre o fato de infartos em pessoas jovens ocorrerem antes da pandemia, esses fiéis expressaram abertura para reavaliar suas posições. Esse achado sugere a necessidade de investigações futuras sobre o processo de revisão de posições em contextos de desinformação.

Quanto ao grupo que aceitou a desinformação, observa-se que ele é majoritariamente composto por pessoas com opiniões mais extremas sobre as vacinas. Para ilustrar a diferença entre esse grupo e os neutros, podemos considerar as respostas religiosas. Entre os que aceitaram a desinformação, alguns recorrem a explicações religiosas para justificar a desconfiança nas vacinas. Rebeca (50 anos), por exemplo, argumenta que a morte ocorre quando chega o momento da pessoa, com relação às vacinas: “Assim, nós como cristãos, nós sabemos que a morte, ela só quer uma desculpa, né? Uma desculpa. A morte. Quando chega a

tua hora, tu vai ter que adoecer pra tu poder morrer” (entrevista concedida ao autor, 2024). Tanto Rebeca quanto Judite rejeitam explicações científicas que associam fatores como má alimentação e sedentarismo ao infarto em jovens, questionando sua validade ao argumentar que, mesmo com uma vida saudável, muitas pessoas ainda falecem. Por outro lado, os fiéis neutros em relação à segurança das vacinas demonstram uma visão mais conformada sobre a morte, sem associá-la às vacinas, embora considerem um plano divino.

Se eu fosse interessada em saber, né, de ir atrás, mas como eu não... Eu não vou, porque eu vou querer saber da morte do pobre, gente. Deus já levou ele, está em um lugar bom, descansa (Marta, entrevista concedida ao autor, 2024).

Ou se foi um arrebato. Porque dizem que ele era um jovem, evangélico né (Ana, entrevista concedida ao autor, 2024).

Meu irmão, tenha fé em Deus. Você não vai morrer por causa da vacina, não. Você vai morrer porque chegou o seu dia. Entendeu? Eu só sei dizer isso. (Noé, entrevista concedida ao autor, 2024).

Em síntese, identificamos que, embora os grupos de fiéis não sejam homogêneos em suas opiniões sobre as vacinas da COVID-19, há uma predominância de desconfiança na mídia, especialmente em relação à Globo, e nas vacinas, geralmente para desqualificar a ciência. Os argumentos de que as vacinas foram desenvolvidas rapidamente e as percepções coletivas de um aumento de infartos após a vacinação alimentam essa desconfiança. Aqueles que aceitaram a desinformação ou permaneceram neutros parecem mais suscetíveis a teorias conspiratórias, especialmente após eventos dramáticos (como a morte do cantor Pedro Henrique), o que segue um padrão observado em pesquisas psicológicas. De acordo com Van Proijen e Douglas (2017), as teorias conspiratórias surgem como uma tentativa de dar sentido a acontecimentos impactantes, oferecendo explicações que, embora infundadas, podem parecer mais satisfatórias do que as explicações oficiais em momentos de crise.

No próximo capítulo, apresentamos as considerações finais, nas quais sintetizamos as principais descobertas da pesquisa, comparamos os resultados obtidos com a literatura existente e discutimos as contribuições originais deste estudo. Além disso, identificamos questões ainda em aberto e sugerimos possíveis direções para futuras investigações sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal compreender como os fiéis da Assembleia de Deus em Imperatriz, no Maranhão, consomem notícias, com ênfase nos processos de busca, avaliação e interpretação das informações. Para isso, a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com 25 participantes de diferentes faixas etárias e congregações. A análise da reação dos participantes à declaração imprecisa do deputado federal Nikolas Ferreira sobre a morte do cantor evangélico Pedro Henrique — vítima de infarto — foi uma parte importante do estudo, apesar de não ser o foco principal. A declaração sugeria uma possível relação entre a morte e as vacinas contra a COVID-19, e serviu como um ponto de partida para observar como os fiéis lidam com informações potencialmente falsas. Essa situação permitiu avaliar a propensão dos participantes em aceitar ou rejeitar tais informações, oferecendo *insights* valiosos sobre o consumo de notícias na prática.

A questão central que orientou esta pesquisa foi: *Quais fatores estão associados à aceitação de narrativas falsas no consumo de notícias entre evangélicos assembleianos da cidade de Imperatriz, no Maranhão?* Os resultados indicaram três fatores principais. O primeiro fator é a lealdade e idolatria à fonte interpessoal: muitos entrevistados não descredibilizaram Nikolas Ferreira, mesmo que seu comentário conduzisse a conclusões falsas sobre a morte do cantor. Isso demonstra que a confiança em figuras de autoridade religiosa e/ou política influencia diretamente a forma como os fiéis interpretam o que essas figuras proferem. O segundo fator é a desconfiança nas instituições produtoras de conhecimento, como a mídia tradicional e a ciência. Observou-se uma crença generalizada de que essas instituições estão alinhadas contra seus valores políticos, religiosos ou ideológicos, levando a uma postura de descrédito em relação a essas fontes. O terceiro fator é o estilo de pensamento: muitos participantes demonstraram uma visão polarizada e uma falta de pensamento crítico, preferindo acreditar que tudo está contra eles. Isso os leva a aceitar teorias conspiratórias sem uma análise aprofundada das informações. Em outras palavras, esses fiéis parecem dividir o mundo de forma dicotômica, como ocorreu com a classificação do jornalismo entre esquerda e direita, ou a visão sobre as vacinas, nas quais quase metade dos entrevistados (12) se posicionou contra, sem considerar outras perspectivas ou nuances da questão.

Diante desses achados, o primeiro objetivo específico desta pesquisa foi analisar as reações dos assembleianos imperatrizenses às especulações de teorias da conspiração disseminadas por líderes políticos-evangélicos, observando o impacto da autoridade dessas figuras na aceitação dessas narrativas. A descoberta principal foi que a percepção de

autoridade dessas lideranças leva à ausência de críticas. Os participantes tendem a minimizar ou até ignorar os erros cometidos por essas figuras, mesmo quando suas falas envolviam especulações que poderiam induzir a conclusões falsas.

Nesse contexto, os dados revelam que Nikolas Ferreira, como líder político-evangélico, exerce uma influência considerável sobre seus seguidores, que frequentemente apoiam (12) ou relativizam (9) suas afirmações, mesmo quando estas carecem de fundamento, como no caso das especulações sobre as vacinas. Esse achado levanta uma questão importante sobre o papel dessas autoridades no comportamento de seus seguidores. O estudo de Adedini *et al.* (2018) sobre líderes religiosos em campanhas de planejamento familiar na Nigéria mostra que, quando a autoridade religiosa é utilizada para promover comportamentos positivos, como o uso de contraceptivos, pode gerar mudanças benéficas. No entanto, no caso de Nikolas Ferreira, sua influência alimenta a desconfiança em relação à ciência e reforça temores infundados sobre as vacinas, colocando a saúde pública em risco. Isso mostra que a influência de líderes religiosos, seja positiva ou negativa, tem um impacto direto sobre os seguidores. Essa situação suscita questões sobre o alinhamento dos fiéis com as palavras de seus líderes: se o autor do comentário fosse outro ou se Ferreira se manifestasse sobre temas distintos das vacinas, os fiéis manteriam a mesma adesão? Ou, na ausência de Nikolas Ferreira, os fiéis adotariam as mesmas crenças? Essas questões permanecem em aberto, ressaltando a complexidade da relação entre religião, política e o consumo de informações.

O segundo objetivo específico desta pesquisa foi verificar como o consumo de jornalismo, em suas diferentes formas, se relaciona com a suscetibilidade à desinformação entre os fiéis. A principal descoberta foi que veículos partidários aumentam a confiança na desinformação, enquanto a ausência de consumo de notícias ocorre exclusivamente entre mulheres assembleianas, que, assim como os demais participantes, apresentam uma propensão a acreditar em desinformação. Coletivamente, 12 participantes mostraram uma forte tendência a consumir notícias de fontes alinhadas politicamente com suas crenças, especialmente aquelas com viés partidário de direita, além de seguirem influenciadores conservadores.

A pesquisa revelou variações no consumo de meios de comunicação e sua relação com a desinformação. Rossini, Mont'Alverne e Kalogeropoulos (2023) constataram que indivíduos que consomem mídias sociais e veículos alternativos, como os partidários ou de opinião, têm maior propensão a acreditar em desinformação eleitoral. Embora o foco deste estudo seja a desinformação em saúde, os resultados apresentam semelhanças. A maioria dos

participantes que consome veículos partidários ou segue influenciadores, sejam de cunho cristão ou político, adotou posturas neutras ou aceitou as especulações. Além disso, observou-se que, embora os fiéis que consomem veículos partidários afirmem se expor a mídias desalinhadas — como aquelas que frequentemente criticam —, eles não confiam nessas fontes. A exposição a essas mídias é justificada pela busca em não se considerarem pessoas extremas, mas, ainda assim, a confiança permanece restrita às fontes alinhadas com suas crenças. Essa postura reforça a ideia de que o consumo de mídias partidárias e influenciadores conservadores fortalece a adesão à desinformação.

Por outro lado, o consumo de veículos tradicionais não impediu completamente a adesão à desinformação, mas se mostrou eficaz em moderar essa inclinação em alguns casos. O grupo de seis fiéis que consumiram esses veículos adotaram posturas de rejeição ou neutralidade em relação às especulações sobre vacinas, sugerindo que o jornalismo tradicional pode contribuir para uma interpretação mais cuidadosa da informação, embora não assegure a recusa total à desinformação. Em termos práticos, três idosos (Mical, Noé e Simeão) e dois jovens (Lídia e Ezequiel)¹²³ se enquadram nesse perfil, revelando que o consumo de fontes noticiosas tradicionais pode influenciar de forma significativa a forma como as informações são processadas. No entanto, nos casos de participantes neutros, o impacto do consumo de mídia tradicional diminui quando figuras de autoridade, como Nikolas Ferreira, entram em cena, expondo que a confiança nessas lideranças pode superar a influência da mídia tradicional.

Por fim, um grupo de oito mulheres assembleianas desinteressadas por notícias jornalísticas foi identificado, sendo que nenhuma delas rejeitou completamente a desinformação. Esse perfil pode ser analisado à luz das teorias de gênero, política e religião. Setzler e Yanus (2017) argumentam que a afiliação religiosa de um indivíduo, especialmente em contextos que reforçam papéis de gênero tradicionais, desempenha um papel crucial na formação de estereótipos de gênero. Nesse sentido, mulheres evangélicas assembleianas de Imperatriz, são frequentemente submetidas a pressões sociais em suas comunidades religiosas para conformar-se a padrões de comportamento que priorizam a vida doméstica e familiar, em detrimento da participação no âmbito profissional ou político¹²⁴. Essa norma foi manifestada

¹²³ Esses jovens pertencem ao grupo de consumidores de mídias partidárias, mas, como foi observado, ainda confiam na imprensa tradicional. Isso os diferencia de outros membros do grupo partidário, que rejeitam, em especial, o jornalismo da Globo.

¹²⁴ O episódio temático “A mulher cristã e o trabalho”, do podcast Bleia Cast ITZ, divulgado em junho de 2024, ilustra essa perspectiva. Embora a mulher assembleiana não seja impedida de trabalhar, ela deve priorizar o propósito divino que lhe foi atribuído: o cuidado com a casa e a família. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C8Mq7XLOZEq/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA. Acesso em: 22 de fev. de 2025.

na pesquisa, onde as mulheres assembleianas, em especial as adultas e idosas, ocupam grande parte de seu tempo em atividades devocionais, como ouvir louvores e pregações em casa, e, quando consomem televisão, o fazem predominantemente em busca de programação religiosa.

O terceiro objetivo específico desta pesquisa foi explorar como os fiéis avaliam a credibilidade das informações recebidas e os critérios utilizados para julgar o conteúdo. A descoberta principal foi que os fiéis aplicam estratégias informais e superficiais para julgar a veracidade das informações. Observou-se que eles não consideram fontes jornalísticas como referências importantes para analisar uma notícia. Nenhum dos 25 participantes demonstrou sentir falta da identificação dos veículos de comunicação, que foram intencionalmente omitidos. Ou seja, todos leram as matérias sobre o caso Pedro Henrique sem questionar a origem das informações.

Ao analisar os critérios utilizados para avaliar a veracidade das notícias, constatou-se que esses critérios são predominantemente subjetivos e baseados em atalhos cognitivos, como a confiança na fonte mencionada na matéria. Os fiéis frequentemente julgam a credibilidade do conteúdo com base no alinhamento ideológico da fonte, exaltando a imparcialidade, mas sem considerar o viés pessoal. Isso torna a avaliação inconsistente, pois depende de crenças pessoais, comprometendo o julgamento crítico da informação.

A análise dos dados revela um comportamento identificado na literatura sobre fatores que influenciam a crença em notícias falsas. Bryanov e Vziatysheva (2021, p. 14) destacam que “quando sinais aparentes de autenticidade ou falsidade de uma notícia não estão imediatamente disponíveis, os indivíduos podem confiar em certas características da mensagem ao fazer um julgamento de credibilidade”. Em nosso estudo, alguns participantes avaliaram a veracidade do conteúdo com base em sinais sociais, como comentários de outros usuários nos espaços de interação, verificando se as pessoas concordavam ou discordavam do conteúdo.

Além disso, alguns fiéis avaliaram a credibilidade das informações com base na confiança na figura do emissor. Essa constatação sugere que a autoridade do emissor exerce influência significativa sobre a aceitação de desinformação, como demonstrado pela aceitação ou neutralidade em relação à especulação falsa sobre a morte do cantor Pedro Henrique, disseminada por Ferreira. Esse comportamento corrobora a observação de Swire *et al.* (2017), que pontuaram que a exposição a informações falsas pode, em alguns casos, fortalecer o apoio a uma figura política ou autoridade, mesmo quando as informações por elas disseminadas são

infundadas. Dessa forma, a confiança nas figuras de autoridade foi um dos critérios predominantes utilizados pelos fiéis para avaliar a veracidade das notícias.

Em síntese, os fiéis não demonstraram métodos críticos para avaliar o conteúdo noticioso. A única participante que adotou uma abordagem mais crítica durante o experimento foi Lídia, de 28 anos, que utilizou o estudo do Ministério da Saúde como critério para contestar a teoria conspiratória sobre a morte do cantor. Lídia reconheceu, no entanto, que pode, por vezes, cair no viés de confirmação ao avaliar conteúdos noticiosos. É importante destacar que ela é estudante de medicina e valoriza o conhecimento científico e histórico, citando campanhas de vacinação, como a da varíola, que foram bem-sucedidas na erradicação de doenças. Apesar disso, a educação superior em medicina não foi um fator determinante para a rejeição à especulação falsa sobre as vacinas, uma vez que o jovem Davi, de 18 anos, também estudante de medicina, utilizou argumentos contrários à vacina, como o fato de ter sido produzida rapidamente e de as empresas não se responsabilizarem pelos efeitos adversos. Esse contraste indica que a formação acadêmica, por si só, não parece ser suficiente para garantir uma postura crítica em relação à desinformação, sugerindo que fatores sociais, políticos e ideológicos desempenham um papel decisivo na formação das crenças dos fiéis.

O quarto objetivo específico desta pesquisa foi examinar como a desconfiança dos fiéis nas narrativas oficiais das instituições midiáticas e científicas os torna propensos a aceitar desinformação. A descoberta principal foi que a desconfiança nas narrativas oficiais leva os fiéis a adotarem ou relativizarem narrativas distorcidas e falsas.

Os fiéis assembleianos demonstraram preferência por veículos partidários de direita e desconfiança em relação à mídia tradicional, especialmente à Globo, que é vista como alinhada com agendas ideológicas e políticas. A desqualificação da emissora pelos participantes vai além do que é descrito na literatura, onde os conspiracionistas acreditam que a mídia distorce ou oculta informações (Oliveira, 2020). Os entrevistados consideraram a Globo como um veículo que fomenta uma cultura de desvalorização humana, acusando-a de dar mais destaque a animais do que a seres humanos, além de adotar posturas favoráveis ao aborto, ao casamento homossexual e contra Israel, um país com o qual os evangélicos têm uma forte conexão religiosa¹²⁵. Essa percepção ilustra a crença de que a emissora promove um “progressismo” que os fiéis rejeitam, entendendo-o como uma ameaça aos seus princípios religiosos e culturais.

¹²⁵ O apoio dos evangélicos a Israel está profundamente relacionado a aspectos teológicos e religiosos. Um dos principais motivos é que muitos evangélicos veem Israel como um símbolo central nos eventos escatológicos, ou seja, nos acontecimentos que antecedem o fim do mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clkjxpvjxjgo>.

Quanto à desconfiança em relação às narrativas científicas, como demonstrado pela rejeição ao estudo do Ministério da Saúde sobre a inexistência de relação entre infartos e vacinas, ficou evidente que os fiéis não estavam preocupados em buscar a verdade factual. A credibilidade das declarações de figuras como Nikolas Ferreira foi sustentada por fatores além da veracidade das informações, com os fiéis mantendo apoio ao político, mesmo quando discordavam de suas declarações. Esse achado sugere que políticos podem disseminar desinformação sem enfrentar consequências significativas, como a perda de apoio (Swire *et al.*, 2017).

Além disso, a explicação religiosa ganhou maior relevância do que as narrativas científicas entre os fiéis. Um grupo considerou o falecimento de Pedro Henrique como parte de um “plano divino”¹²⁶, descartando as abordagens científicas e médicas que explicavam a morte de forma distinta. Essa perspectiva mostra a forte influência da fé e da religião na construção de explicações sobre eventos trágicos, o que expressa o poder da religiosidade na formação do entendimento de acontecimentos. Essa tendência está alinhada com a teoria do enfrentamento religioso, que sugere que, em momentos de crise, as pessoas frequentemente buscam respostas religiosas para lidar com o sofrimento e as adversidades (Bentzen, 2021). Dessa forma, as explicações científicas foram muitas vezes minimizadas ou ignoradas, à medida que a interpretação religiosa prevaleceu.

Em contrapartida, um grupo de quatro fiéis optou por explicações médicas e científicas, apresentando uma visão mais objetiva sobre a saúde, sem ênfase religiosa. Esse dado confirma a teoria de Scliar (2007), que afirma que a concepção de saúde e doença é influenciada por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Durante a pandemia, o ex-presidente Jair Bolsonaro declarou as igrejas como atividades essenciais, alinhando-se aos interesses da elite religiosa empresarial (Guerreiro; Almeida, 2021; Silveira, 2023). No contexto desta pesquisa, a concepção cristã de saúde e doença, anteriormente associada à punição por pecados (Scliar, 2007), foi ressignificada. Nenhum fiel atribuiu a morte de Pedro Henrique à punição divina; alguns interpretaram-na como parte do “plano divino”, associando-a a um momento predeterminado para sua partida, mas com diferentes visões sobre a relação das vacinas com a morte do cantor Pedro Henrique.

Durante as entrevistas, não corrigimos as desinformações. Segundo Swire *et al.* (2017), expor mentiras de um político não necessariamente reduz o apoio a ele, podendo, em

¹²⁶ Há uma diversidade de posicionamentos sobre o “plano divino”, entendido como a crença de que Deus é o autor da vida. Alguns fiéis viram a morte de Pedro Henrique como o momento determinado por Deus para ele partir, enquanto outros associaram a morte às vacinas, acreditando que elas teriam cumprido esse plano. Outros, no entanto, não fizeram essa relação.

alguns casos, até aumentá-lo. Essa situação desafia a ideia de que as pessoas preferem políticos honestos, sendo descrito como o “efeito de tiro pela culatra da visão de mundo”, que “ocorre quando um indivíduo se sente motivado a defender seu sistema de crenças e, ironicamente, relata uma crença mais forte no equívoco original após receber uma retratação” (Swire *et al.*, 2017, p. 2). Considerando esse efeito, decidimos não corrigir as desinformações durante a coleta de dados, a fim de evitar que a revelação da verdade levasse ao fortalecimento das crenças equivocadas dos entrevistados¹²⁷. Esse aspecto permanece aberto para futuras investigações, as quais poderão analisar como os fiéis reagem à retratação da desinformação.

Embora esta pesquisa tenha oferecido uma análise valiosa, algumas limitações precisam ser consideradas para uma avaliação mais precisa dos resultados. Primeiramente, a amostra de 25 participantes, embora representativa de diferentes faixas etárias e congregações da cidade, é relativamente pequena e localizada, o que limita a possibilidade de generalização dos achados para outros contextos ou regiões. Além disso, a pesquisa focou exclusivamente em um segmento específico da população evangélica (assembleianos), o que impede a comparação com fiéis de outras denominações evangélicas, dada a pluralidade do grupo.

O uso de uma matéria específica sobre a morte do cantor Pedro Henrique apresenta limitações. Ao focar em um evento relacionado à saúde, pandemia e vacinas, já carregado de desinformação e teorias conspiratórias, a pesquisa reduziu sua análise a esse caso específico. Isso dificulta a generalização dos resultados para outros tipos de desinformação ou eventos com características distintas. Uma abordagem mais abrangente, com a inclusão de matérias sobre diferentes temas, poderia proporcionar uma visão mais completa sobre o processo de avaliação e interpretação das informações pelos fiéis assembleianos.

Por fim, apesar de as entrevistas presenciais terem sido um ponto forte deste estudo, a combinação com outros métodos, como a aplicação de um *survey* com diferentes matérias temáticas para classificar como verdadeiras ou falsas, poderia ter gerado dados mais completos e consistentes. As respostas nas entrevistas podem não demonstrar com precisão como os fiéis realmente avaliam e interpretam as notícias, uma vez que os participantes podem ter dado respostas socialmente desejáveis. Contudo, os fiéis deste estudo expressaram

¹²⁷Como pesquisadores comprometidos com a veracidade, questionamos o papel de Nikolas Ferreira como influenciador, que poderia induzir seus seguidores a desconfiar das vacinas. Observamos que muitos fiéis estavam preparados para defendê-lo, incluindo aqueles que permaneceram neutros ou aceitaram a especulação. Um exemplo disso é Paulo, de 51 anos, o primeiro entrevistado, que, embora não tenha se posicionado sobre a segurança das vacinas, defendeu Ferreira, como ilustrado no diálogo a seguir: “Orientadora: Como é que você vê esse papel? Paulo: O papel do Nikolas? Orientadora: Isso. Paulo: Talvez falte um pouco de responsabilidade pelo fato dele não ter dado né”.

explicitamente sua desconfiança tanto na mídia tradicional quanto na ciência. Isso sugere a necessidade de futuros estudos que explorem mais profundamente o consumo e a avaliação de informações, considerando diferentes contextos e abordagens metodológicas.

REFERÊNCIAS

- ADEDINI, Sunday A; *et al.* Role of religious leaders in promoting contraceptive use in Nigeria: evidence from the Nigerian urban reproductive health initiative. **Global Health: Science and Practice**, v. 6, n. 3, p. 500-514, 2018.
- ALBUQUERQUE, Afonso; TAVARES, Camilla. Corporatism, fractionalization and state interventionism: the development of communication studies in Brazil. **Publizistik**, v. 66, p. 121-138, 2021.
- ALENCAR, Gedeon. Jair Messias Bolsonaro: o “eleito” de Deus? **Revista Brasileira de História das Religiões**, São Paulo, v. 37, n. 37, p. 161-175, 2020.
- ALENCAR, Gedeon. Um país laico com um governo terrivelmente cristão? **Interações**, Belo Horizonte, Brasil, vl. 14, nº. 25, p. 13-28, jan./jun. 2019.
- ALENCAR, Gustavo de. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião & Sociedade**, v. 39, p. 173-196, 2020.
- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, p. 92-100, 2001.
- ALVARENGA, Ricardo. **A Comunicação da Igreja Católica no Brasil**: tendências comunicacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Curso de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.
- ALVES, Dáfni; FIGUEIREDO FILHO, Dalson; HENRIQUE, Anderson. O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista política hoje**, v. 24, n. 2, p. 119-134, 2015.
- AMARAL, Luiz. Impacto das *fake news* nas instituições democráticas. In: AMARAL, Luiz; PRANDO, Rofrigo. (Orgs.). **Fake news: riscos à democracia**. São Paulo: Editora do IASP, p. 76-92, 2021.
- ARAÚJO, Victor. Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019). **Notas Técnicas: Centro de estudos da metrópole, São Paulo, Brazil**, 2023.
- ARIYANTO, Amarina; HORNSEY, Matthew; GALLOIS, Cindy. Group allegiances and perceptions of media bias: Taking into account both the perceiver and the source. **Group Processes & Intergroup Relations**, v. 10, n. 2, p. 266-279, 2007.
- BARROS, Joilson; TAVARES, Camilla. O Templo Também É Lugar de Fazer Política: Um Estudo a Partir das Caravanas “Juventude Pelo Brasil” Durante as Eleições de 2022. **Comunicação e sociedade**, n. 46, p. 1-20, 2024.
- BENTZEN, Jeanet. In crisis, we pray: Religiosity and the COVID-19 pandemic. **Journal of economic behavior & organization**, v. 192, p. 541-583, 2021.

BIN NAEEM, Salman; KAMEL BOULOS, Maged. COVID-19 misinformation online and health literacy: a brief overview. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 15, p. 8091, 2021.

BIRMAN, Patricia. O Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes. **Ciencias Sociales y Religión**, v. 8, n. 8, p. 41-62, 2006.

BOAS, Taylor. “The Electoral Representation of Evangelicals in Latin America.” *In: Oxford Research Encyclopedia of Politics*. Oxford: Oxford University Press, p. 1-26, 2020.

BOHN, Simone. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, v. 10, p. 288-338, 2004.

BORGES, André. As duas faces da nova direita brasileira: antipolítica e reação conservadora. **Opinião Pública**, v. 30, p. e3018, 2024.

BRONSTEIN, Michael; *et al.* Belief in fake news is associated with delusionality, dogmatism, religious fundamentalism, and reduced analytic thinking. **Journal of applied research in memory and cognition**, v. 8, n. 1, p. 108-117, 2019.

BROTAS, Antonio; *et al.* Discurso antivacina no YouTube: a mediação de influenciadores. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 72-91, 2021.

BRYANOV, Kirill; VZIATYSHEVA, Victoria. Determinants of individuals belief in fake news: A scoping review determinants of belief in fake news. **PLoS one**, v. 16, n. 6, p. 1-25, 2021.

BURITY, Joanildo. Minoritização, religião pública e populismo religioso no Brasil. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 24, n. 1, p. 11-27, 2024.

CAMPOS, Leonildo. Evangélicos e mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 1-26, 2008.

CAMPOS, Leonildo. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, n. 61, p. 146-163, 2004.

CAMPOS, Roberta; MAURICIO JUNIOR, Cleonardo. As formas elementares da liderança carismática: o verbo e a imagética na circulação do carisma pentecostal. **Mana**, v. 19, p. 249-276, 2013.

COWAN, Benjamin. “Nosso Terreno” crise moral, política evangélica e a formação da ‘Nova Direita’ brasileira. **Varia História**, v. 30, p. 101-125, 2014.

CUNHA, Magali. Os processos de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Revista Famecos**, v. 26, n. 1, p. 1-20, 2019.

CUNHA, Magali. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. **Perseu: História, Memória e Política**, n. 11, p. 147-166, 2016.

CUNHA, Magali. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós*, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2016.

DOMINGOS, Amanda; ROCHA, Virginia; MARCIANO, Palloma. A estrada dos tijolos amarelos: Desafios e sugestões para produzir pesquisas qualitativas mais transparentes. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 43, p. 1-32, 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge.; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 62-83, 2005.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

EADY, Gregory; *et al.* How many people live in political bubbles on social media? Evidence from linked survey and Twitter data. **Sage Open**, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2019.

FALLIS, Don. A conceptual analysis of disinformation. *In: I Conference, 2009. Annals...* Chicago, Illinois: Ischool, p. 1-8, 2009.

FELDMAN, Lauren; *et al.* Explaining Media Choice: The Role of Issue-Specific Engagement in Predicting Interest-Based and Partisan Selectivity. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 62, n. 1, p. 109-130, 2018.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Wilson. Por que a mídia é tão parcial e adversária da minha posição? A hipótese da “hostile media perception”. **Revista Compolítica**, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2016.

GOMES, Wilson; BARROS, Samuel. Influência da mídia, distância moral e desacordos sociais: um teste do Efeito de Terceira Pessoa. *In: FRANÇA, Vera; ALDÉ; et al. (Org.). Teorias da comunicação no Brasil*. Salvador: Edufba, p. 245–266, 2014.

GRAMACHO, Wladimir; *et al.* Political preferences, knowledge, and misinformation about COVID-19: The case of Brazil. **Frontiers in Political Science**, v. 3, p. 1-13, 2021.

GUAZINA, Liziane, BAPTISTA, Érica; SANTOS, Ébida. Eleições presidenciais e mídia mainstream: O discurso populista de extrema direita e a cobertura jornalística no Brasil (2018) e na Argentina (2023). *In: Apresentação no 48º Encontro da ANPOCS*, 2024.

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & sociedade**, v. 41, n. 2, p. 49-74, 2021.

GUESS, Andrew. (Almost) everything in moderation: new evidence on Americans online media diets. **American Journal of Political Science**, v. 65, n. 4, p. 1007-1022, 2021.

IYENGAR, Shanto; HAHN, Kyu. “Red Media, Blue Media: Evidence of Ideological Selectivity in Media Use”. **Journal of Communication**, v. 59, n. 1, p. 19-39, 2009.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, v. 17, n. 12, p. 46-61, 2017.

KASSTAN, Ben. “If a rabbi did say ‘you have to vaccinate,’we wouldn’t”: Unveiling the secular logics of religious exemption and opposition to vaccination. **Social Science & Medicine**, v. 280, p. 1-9, 2021.

KLEINA, Nilton; SAMPAIO, Rafael. De quem é a culpa? Argumentos e estratégias retóricas iniciais de Youtubers bolsonaristas sobre o coronavírus. **Dispositiva,[s. I]**, p. 1-23, 2020.

KNISS, Andressa; SANTOS, Deivison. Religião e Democracia em Nível Local: os valores democráticos dos evangélicos paulistanos. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 29, n. 2, p. 101-131, 2020.

LADEIRA, Juliana. O púlpito como cena: performance e teatralidade em Damares Alves. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 1-25, 2022.

LEVENDUSKY, Matthew. Why do partisan media polarize viewers?. **American journal of political science**, v. 57, n. 3, p. 611-623, 2013.

LLORENTE, José. Introdução. Uno, São Paulo, n. 27, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br/numero-27/introducao-6/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MACHADO, Maria. Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira. **Revista Cultura & Religião**, v. 7, n. 2, p. 48-68, 2013.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista usp**, n. 120, p. 61-76, 2019.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 250 f., 1995.

MARTINO, Luiz. Dois Estágios da Comunicação versus Efeitos Limitados: Uma releitura. *IN: XVIII Encontro da Compós*, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, 2009.

MASSUCHIN, Michele; MITOZO, Isabele; CARVALHO, Fernanda. Eleições e debate político on-line em 2014: os comentários no Facebook do jornal O Estado de S. Paulo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 23, p. 295-320, 2017.

MASSUCHIN, Michele; SANTOS, Marcela. A Intersecção entre Desinformação, Religião e Pandemia: A Atuação de Canais Religiosos no YouTube no contexto da Covid-19. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 1-30, 2021.

MASSUCHIN, Michele; *et al.* 2021. A Estrutura Argumentativa do Descrédito na Ciência: Uma Análise de Mensagens de Grupos Bolsonaristas de Whatsapp na Pandemia da COVID-19. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 160-174, 2021.

MAURICIO JUNIOR, Cleonardo. Revisando o conceito de carisma: líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação à performance. **Revista Todavia Porto Alegre**, v. 2, n. 2, p. 42-55, 2011.

MEDEIROS, Armando. Os perigos da indiferença à verdade. IN: LLORENTE & CUENCA (Org.). **A Era da Pós-Verdade: realidade versus percepção**. São Paulo: Revista UNO, p. 23-25, 2017.

MEZZOMO, Frank; ANJOS, Brandon; PÁTARO, Cristina. “Quando um justo governa, o povo se alegra”: modus operandi evangélico nas eleições à Assembleia Legislativa do Paraná, em 2018. **Estudos de religião**, v. 34, n. 1, p. 3-32, 2020.

MICK, Jacques; FURTADO, Kevin. A fé dos jornalistas e as práticas religiosas no Brasil. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 19, n. 3, p. 279-291, 2019.

MITOZO, Isabele; *et al.* Eleições, pandemia e WhatsApp: campanhas e comportamento eleitoral no pleito municipal de 2020 em Imperatriz, no Maranhão. IN: Aggio, Camilo; Cavassana, Fernanda; Massuchin, Michele (Orgs). **Eleições municipais em rede: o contexto digital em 2020**. INCT.DD, 2023.

MONT’ALVERNE, Camila; *et al.* Exposure to Partisan News and Its Impact on Social Polarization and Vote Choice: Evidence From the 2022 Brazilian Elections. **The International Journal of Press/Politics**, p. 1-27, 2024.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião & Sociedade**, v. 32, p. 167-183, 2012.

MUNDIM, Pedro. “Assistindo ao Jornal Nacional”: determinantes da exposição aos principais telejornais brasileiros. **Revista Debates**, v. 9, n. 3, p. 37-62, 2015.

MUNDIM, Pedro; *et al.* Viés noticioso e exposição seletiva nos telejornais brasileiros durante a pandemia de COVID-19. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 615-634, 2022.

NAEEM, Salman; BHATTI, Rubina; KHAN, Aqsa. An exploration of how fake news is taking over social media and putting public health at risk. **Health Information & Libraries Journal**, v. 38, n. 2, p. 143-149, 2021.

NOVAES, Regina. “A Divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política”. **Revista da USP**, n. 49, p. 60-81, 2001.

OGNYANOVA, Katherine; *et al.* Misinformation in action: Fake news exposure is linked to lower trust in media, higher trust in government when your side is in power. **Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review**, v. 1, p. 1-19, 2020.

OGUNTOLA-LAGUDA, Danoye. Religion, leadership and struggle for power in Nigeria: a case study of the 2011 presidential election in Nigeria. **Studia Historiae Ecclesiasticae**, v. 41, n. 2, p. 219-233, 2015.

OLIVEIRA, Bruno; *et al.* Prevalência e fatores associados à hesitação vacinal contra a COVID-19 no Maranhão, Brasil. **Revista de Saúde Pública, São Paulo**, v. 55, n. 12, p. 1-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003417>.

OLIVEIRA, Thaiane. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5374>.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras**, v. 22, n. 1, p. 21-35, 2020.

OLIVEIRA, Thaiane; MARTINS, Rodrigo; TOTH, Janderson. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de *fake sciences* ligadas à saúde no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 90-111, 2020.

ORO, Ari. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 18, p. 53-69, 2003.

PANTOJA, Vanda; COSTA, Moab. Faces do pentecostalismo brasileiro: A Assembleia de Deus no norte e nordeste. **Debates do NER**, n. 24, p. 245-271, 2013.

PANTOJA, Vanda; SILVA, Leandro. UMA INTERPRETAÇÃO DOS REFLEXOS DA SECULARIZAÇÃO NO CAMPO PENTECOSTAL: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz-MA. **InterEspaço**, v. 1, n. 2, p. 204-224, 2015.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David. The psychology of fake news. **Trends in cognitive sciences**, v. 25, n. 5, p. 388-402, 2021.

PENNYCOOK, Gordon; *et al.* Fighting COVID-19 misinformation on social media: Experimental evidence for a scalable accuracy-nudge intervention. **Psychological science**, v. 31, n. 7, p. 770-780, 2020.

PIERUCCI, Antônio; PRANDI, Reginaldo. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. **Opinião Pública**, v. 3, n. 1, p. 32-63, 1995.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social**, v. 20, p. 155-172, 2008.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no congresso nacional e na frente parlamentar evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187-214, 2017.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan; BONATO, Massimo. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. **Revista USP**, n. 120, p. 43-60, 2019.

PREGO, Victoria. Bolhas informativas. *IN*: LLORENTE & CUENCA (Org.). **A Era da Pós-Verdade: realidade versus percepção**. São Paulo: Revista UNO, p. 20-21, 2017.

QUADROS, Marcos; MADEIRA, Rafael. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, v. 24, p. 486-522, 2018.

QUIRÓS, Eduardo. “Fake news versus jornalismo livre e independente”. *IN*: LLORENTE & CUENCA (Org.). **A Era da Pós-Verdade: realidade versus percepção**. São Paulo: Revista UNO, p. 36-37, 2017.

RAMOS, Jair. Toma que o aborto é teu: a politização do aborto em jornais e na web durante a campanha presidencial de 2010. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 7, p. 55-82, 2012.

RECUERO, Raquel; VOLCAN, Taiane; JORGE, Franceli. Os efeitos da pandemia de covid-19 no discurso antivacinação infantil no Facebook. **Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 16, n. 4, p. 859-882, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i4.3404>

RIBEIRO, Fernanda; MINAYO, Maria. O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1173-1789, 2014.

ROSSINI, Patrícia; MONT'ALVERNE, Camila; KALOGEROPOULOS, Antonis. Explaining beliefs in electoral misinformation in the 2022 Brazilian election: The role of ideology, political trust, social media, and messaging apps. **Harvard Kennedy School Misinformation Review**, v. 4, n. 3, p. 1-16, 2023.

SANTOS, Marcela; BORGES, Pedro; VAZ, Aline. Religião e política no contexto latino-americano: a imagem do candidato evangélico a partir da série El Reino (2021). **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 23, n. 45, p. 152-165, 2024.

SANTOS, Marcela; MAYRINK, Manoela; VAZ, Aline. Entre a disputa política e religiosa: como deputados evangélicos e portais gospels debateram o PL 2630. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1-20, 2023. DOI: 10.18617/liinc.v19i2.6573.

SANTOS, Marcela; RIOS, Fernanda. Entre la fe y la ciencia: cómo los portales evangélicos abordaron la vacuna contra el COVID-19. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 10, n. 21, p. 213-227, 2023.

SANTOS, Nina; CHAGAS, Viktor; MARINHO, Juliana. De onde vem a informação que circula em grupos bolsonaristas no WhatsApp. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, p. 1-23, 2022.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 29-41, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>.

SETZLER, Mark; YANUS, Aloxandra. Evangelical Protestantism and bias against female political leaders. **Social Science Quarterly**, v. 98, n. 2, p. 766-778, 2017.

SILVA, Emanuel; SILVEIRA, Emerson. Igrejas abertas num mundo contaminado: mobilização evangélica, liberdade religiosa e COVID-19 no Brasil. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 55, n. 2, p. 1-30, 2023.

SILVA, Luana; MITOZO, Isabele. Eleições municipais no WhatsApp: uma análise dos links presentes em grupos online de Imperatriz, Maranhão. **Revista Agenda Política**, v. 9, n. 3, p. 243-267, 2021.

SILVA, Luana. **Quem participa quer (se) informar? Características do conteúdo compartilhado em grupos de WhatsApp nas eleições de 2020, em Imperatriz–Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

SOARES, Felipe; RECUERO, Raquel. A Argumentação dos Deputados na Votação do Processo de Impeachment de Dilma Rousseff. **Estudos em comunicação**, v. 1, n. 27, p. 69-85, 2018. DOI: 10.20287/ec.n27.v1.a05

SOUSA, Bertone. A Assembléia de Deus e o Movimento Pentecostal na cidade de Imperatriz (1952-2002): História, Memória e Identidade Cultural. **Sacrilegens**, v. 5, n. 1, p. 4-22, 2008.

SOUSA, Leticia; MATOS, Marcos. Mapeamento dos veículos de comunicação da cidade de Imperatriz-MA. **Revista Pauta Geral**, v. 6, n. 1, p. 131-147, 2019. DOI: 10.5212/RevistaPautaGera.v6.i1.0008

SPYER, Juliano. Evangélicos progressistas no Brasil popular. **Debates do NER**, n. 39, p. 91-118, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.116939>

STREET, John. What is Donald Trump? Forms of ‘celebrity’ in celebrity politics. **Political studies review**, v. 17, n. 1, p. 3-13, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1478929918772995>

STROUD, Natalie. Media use and political predispositions: Revisiting the concept of selective exposure. **Political behavior**, v. 30, p. 341-366, 2008. DOI 10.1007/s11109-007-9050-9

Swire, Briony; *et al.* Processing political misinformation: Comprehending the Trump phenomenon. **Royal Society open science**, v. 4, n. 3, p. 1-21, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1098/rsos.160802>

TAVARES, Camilla. O papel político do jornalismo: as “convicções” da Gazeta do Povo e a produção da notícia. **Compolitica**, v. 10, n. 2, p. 167-192, 2020. DOI: DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.2.324

VAN PROOIJEN, Jan-Willem; DOUGLAS, Karen. Conspiracy theories as part of history: The role of societal crisis situations. **Memory studies**, v. 10, n. 3, p. 323-333, 2017. DOI: <http://doi.org/10.1177/1750698017701615>

VITAL DA CUNHA, Christina. Religião e formas de dominação na mídia brasileira. *IN*: BANDEIRA, Olívia; MENDES, Gyssele; PASTI, André. (Org.). **QUEM CONTROLA A MÍDIA?: DOS VELHOS OLIGOPÓLIOS AOS MONOPÓLIOS DIGITAIS**. 1ed.São Paulo: Veneta, 2023, v. 1, p. 79-102.

YIN, Robert. Validity and generalization in future case study evaluations. **Evaluation**, v. 19, n. 3, p. 321-332, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1356389013497081>

ANEXO A – Textos completos das matérias jornalísticas do caso Pedro Henrique

Matéria 1 -

(<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/12/14/cantor-pedro-henrique-morre-aos-30-anos-infarto-em-jovens-e-pior.htm>)

Fonte: Uol, VivaBem

14/12/2023

Título: Cantor Pedro Henrique morre aos 30 anos; infarto em jovens é pior?

O cantor gospel Pedro Henrique, 30, morreu nesta quinta-feira (14), em Feira de Santana, na Bahia, após sofrer um infarto fulminante.

Segundo a revista Quem, ele estava no meio de uma apresentação quando passou mal.

Infarto em jovens aumenta

Embora as doenças cardiovasculares sejam mais frequentes em pessoas acima dos 50 anos, houve um aumento de 59% nos casos de infarto em pessoas com menos de 40 anos, entre 2010 e 2019, segundo o Ministério da Saúde.

Questões genéticas e congênitas são fatores de risco para doenças do coração, mas elas são incomuns e não explicam o aumento de casos entre a população jovem brasileira.

O que mais se associa ao cenário é o estilo de vida pouco saudável que as pessoas vêm adotando nas últimas décadas, que levam a condições de risco para problemas cardiovasculares, como:

- Má alimentação;
- Sedentarismo;
- Diabetes;
- Hipertensão;
- Tabagismo;
- Obesidade.

Infarto em jovens é pior?

Mundialmente, as doenças do coração são mais prevalentes em homens. Na juventude, ambos os gêneros têm um risco maior de morrer do que pessoas com mais de 50 anos ao sofrer um evento cardíaco, como infarto.

A explicação é que os casos em pessoas mais novas envolvem porções maiores do coração. Além disso, os idosos tendem a ter uma espécie de proteção natural ao problema, a chamada circulação colateral.

Trata-se de uma rede de vasos que se forma para compensar as artérias obstruídas por placas de gordura (causa do infarto) e, assim, garantir que o sangue sempre chegue ao coração, o que poderia reduzir o risco de morrer após um infarto.

Contudo, um estudo apresentado em 2019 no encontro científico anual do Colégio Americano de Cardiologia apontou que, mesmo para quem está na faixa dos 20 aos 30 anos, o risco de o ataque cardíaco ter um desdobramento ruim é o mesmo de quem tem mais de 40 anos.

O assunto, porém, é polêmico e muitos especialistas não concordam com isso. Na maioria das vezes, o que determina o desfecho de um infarto não é idade, mas a agilidade nos primeiros socorros e o tempo para o restabelecimento do fluxo de sangue ao coração.

Nesse caso, a resposta das pessoas jovens ao tratamento tende a ser melhor se o condicionamento geral também for bom. Isso porque o jovem tende a ter os demais órgãos (como pulmão e rins) funcionando bem e menos problemas de saúde comuns do envelhecimento.

Matéria 2 -

(<https://www.metropoles.com/brasil/roger-do-ultraje-critica-nikolas-por-post-sobre-cantor-gospel-morto>)

Fonte: Metrôpoles

14/12/2023

Título: Roger do Ultraje critica Nikolas por post sobre cantor gospel morto

Subtítulo: Apesar de Nikolas não mencionar diretamente, internautas associaram a publicação sobre a morte do cantor com imunizantes contra a Covid-19.

O vocalista do Ultraje a Rigor, Roger Moreira, e o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) discutiram no X (antigo Twitter), nesta quinta-feira (14/12), devido a um post do

parlamentar sobre a morte do cantor gospel Pedro Henrique durante um show na Bahia, vítima de um infarto fulminante.

“Vai virar rotina jovens morrerem subitamente dessa forma?”, questionou o deputado ao compartilhar o vídeo do momento em que o cantor desmaia e cai no palco.

Nos comentários, diversos internautas associaram o caso à vacinação contra a Covid-19, apesar de o parlamentar não mencionar diretamente o imunizante na publicação. São comuns as teorias negacionistas sobre as vacinas contra o coronavírus, que, sem comprovação, relacionam o uso do imunizante a doenças e mortes.

Roger retuitou Nikolas e comentou: “Aí, não, Nikolas. Sem inferências bobas. Vai perder sua credibilidade assim”, disse o cantor, que também é influenciador digital conservador.

Nikolas rebateu, sugerindo que há muitos casos de mortes súbitas em jovens, sem apresentar dados.

“São muitos casos de jovens morrendo subitamente. Talvez você tenha somado meu comentário com outros e feito uma inferência sobre o meu. Quero saber o motivo real. Você sabe? Desse caso em específico e de outros?”, questionou Nikolas.

Diversas pesquisas já comprovaram a eficácia e segurança das vacinas contra a Covid-19. Um estudo divulgado pelo Ministério da Saúde, em 2021, apontou que o risco de um pessoa morrer em decorrência da doença é 56,6 vezes maior do que apresentar um evento adverso grave (EAG) em reação à vacina.

APÊNDICE A – Características dos assembleianos de Imperatriz-MA

Jovens

Rute, 21 anos, solteira, cursando ensino superior, estudante, nasceu em lar evangélico. Frequenta a congregação em média três vezes por semana e é uma das organizadoras dos Pequenos Grupos (PG) das meninas. Utiliza principalmente Google e Instagram como fontes de informação. Interessa-se por notícias sobre o mundo, economia e política. Cita a Record como fonte de informação confiável e atribui baixa credibilidade à Globo. Não possui alfabetização informacional formal, relatando ter como critério verificar três sites diferentes para ver se as notícias se repetem para ser verdadeira. Está inserida em uma bolha de filtro, seguindo influenciadores como Nikolas Ferreira, Bolsonaro e Maurício do Vôlei. Demonstra habilidade digital.

Débora, 22 anos, cursando ensino superior, solteira, criada em lar evangélico, é estudante, frequenta a igreja ao menos duas vezes por semana, integrando o grupo de dança e o departamento infantil. Seus principais canais de informação são Instagram, Twitter e YouTube. Busca informações sobre a cidade e assuntos do momento. Para notícias locais, acompanha o Imperatriz Online. Em âmbito nacional, confia na BBC e desconfia dos canais de TV aberta, especialmente a Globo. Não possui alfabetização informacional e avalia a credibilidade de uma notícia pela aparente imparcialidade do veículo. Está inserida em uma bolha de filtro, seguindo influenciadores como Ana Paula Nunes (que comenta sobre o aborto) e João Menna (que comentou sobre o show da Madonna no Brasil e as enchentes no Rio Grande do Sul). Possui boa habilidade digital.

Esther, 28 anos, ensino superior, solteira, nasceu em lar evangélico, trabalha como social media, vai à sua congregação ao menos três vezes por semana onde é líder do departamento de mídia. Tem como principais canais de informação o E-mail, TikTok e Instagram. Suas necessidades informacionais são preenchidas por assuntos da economia, principalmente, já que tem a sua própria empresa e gosta de ficar por dentro do assunto do mercado digital. A principal fonte de informação é o The News, site que faz uma curadoria dos principais assuntos do mundo e do Brasil e ela recebe todos os dias por e-mail. Sobre os demais meios de comunicação, ela os julga com baixa credibilidade. Além disso, ela está inserida dentro das dinâmicas das redes sociais, isto é, pelo algoritmo que a coloca dentro de uma bolha de filtro, dado que ela recebe na sua tela do TikTok apenas notícias parecidas, conforme a fala dela: “Aí um vai dizendo, ah, o dólar aumentou porque o Lula falou merda. Ah, alguém cala a boca do Lula, porque toda vez que ele abre a boca pra falar, ah, o dólar

aumenta, e aí a gente se ferra, que não sei o quê, era meio que isso. É meio que isso, então eu não vou conseguir lembrar o nome das pessoas, eu só vejo a notícia e pulo, eu vou passando. Só a notícia” (em entrevista concedida ao autor, 2024). Possui habilidades digitais, mas não informacionais, ela está suscetível a vieses de confirmação.

Lídia, 28 anos, com ensino superior em andamento, solteira, nascida em lar evangélico, servidora pública federal. Frequenta, ao menos, duas vezes por semana sua congregação, onde vai apenas para ouvir. Seus principais canais de informação são sites, Instagram, Twitter e TV. Os assuntos que mais atendem às suas necessidades informacionais são: mundo, Brasil, política e o clima. Cita diversas páginas que navega, entre elas: Folha de São Paulo, BBC, O Globo, Carta Capital (esquerda) e Jovem Pan (direita), Jornal Hoje e Jornal Nacional. É interessante notar que a entrevistada reconhece os vieses dos jornais, sendo ela mesma quem definiu o espectro de cada um, dizendo que gosta de olhar as diferentes visões quando se trata de assuntos polêmicos. No que se refere à Globo, ela atribuiu uma credibilidade média à cobertura política. Além disso, ela não se mostra polarizada politicamente. Suas redes sociais são utilizadas principalmente para acompanhar conteúdos teológicos de referências como David Leonardo, Nicodemus, Hernandes Dias Lopes e Pr. Oziel Gomes. Sua habilidade digital é boa. Foi a única que demonstrou um critério rigoroso para avaliar as notícias, confiando nas fontes oficiais.

Davi, 18 anos, solteiro, cursando ensino superior, estudante, nascido em lar evangélico, frequenta a igreja até quatro vezes por semana e é corista. Utiliza principalmente Instagram, YouTube e TikTok como fontes de informação. Gosta de se manter informado sobre a cidade e assuntos atuais. Acompanha as páginas Imperatriz Online, Ranking dos Políticos, Gospelmente e Brasil Paralelo. Atribui baixa credibilidade à Globo, justificando: "É uma manipulação do fato. Virou até meme o jornalista falar assim: 'tal coisa está mais cara, entenda como isso é bom para você'. Uma coisa assim totalmente sem sentido, entendeu?" (em entrevista ao autor, 2024). Não possui alfabetização informacional. Está inserido na bolha de filtro de Nikolas Ferreira e possui habilidade digital.

Ezequiel, 20 anos, solteiro, cursando ensino superior, apenas estudante, nasceu em lar evangélico. Frequenta a congregação ao menos quatro vezes por semana, atuando como integrante da equipe de mídia. Utiliza principalmente Google, Instagram e Twitter para se informar. Seus interesses se concentram em assuntos sobre migração e sua cidade. Cita as páginas Imperatriz Online e Roma como fontes de informação locais, e G1, CNN, SBT, Record e Brasil Paralelo como fontes nacionais. Apesar de consumir fontes partidárias, não

demonstra desconfiança no jornalismo da Globo. Não possui alfabetização informacional. Está inserido na bolha de informações de Nikolas Ferreira e possui habilidades digitais.

Timóteo, 26 anos, solteiro, com ensino superior em andamento, autônomo e membro ativo da igreja desde o nascimento, frequentando os cultos até cinco vezes por semana e integrando a equipe da mídia. Seus principais canais de informação são o Instagram e a TV. Gosta de se manter informado sobre política, a cidade, histórias de superação e religião. Cita o Metrôpoles, SBT e Choquei como fontes nacionais e Roma, Nas Ruas de ITZ, Imperatriz Online, Impera ITZ e Asmoimp como fontes locais. Atribui baixa credibilidade à Globo. Não possui alfabetização informacional. Está inserido em uma bolha de filtro, seguindo influenciadores como Mário Sabino, André Valadão, Júnior Trovão, Assembleias de Valor e Nikolas Ferreira. Possui habilidades digitais.

Tito, 28 anos, solteiro, com ensino superior completo, trabalha como vendedor. Converteu-se aos 14 anos, frequenta a igreja em média quatro vezes por semana e exerce o papel de obreiro. Utiliza principalmente Google, Instagram e YouTube como fontes de informação. Interessa-se por temas de teologia e política. Acompanha a Globo para ver o que ela está publicando, mas considera suas principais fontes de informação a Gazeta do Povo, Jovem Pan, Boletim Coppolla e Conexão Política. Desconfia das informações veiculadas pela Globo e Folha de São Paulo. Não possui alfabetização informacional. Está inserido em uma bolha de filtro, seguindo influenciadores como Frank Ferreira e Renato Vagens (teólogos da política), Nikolas Ferreira, Bolsonaro e Daltan Dalagnol. Possui boa habilidade digital.

Adultos

Sara, 52 anos, casada, com ensino superior completo e empresária na área da saúde. Nasceu em um lar evangélico, frequenta a igreja três vezes por semana e é vice-líder do coral feminino. Utiliza principalmente o Instagram, WhatsApp e Google para se informar, com foco em temas relacionados à saúde. Não costuma acompanhar notícias gerais em portais jornalísticos e evita falar sobre a Globo, adotando uma postura mais fugitiva, talvez por não querer entrar em discussões mais críticas sobre a mídia tradicional, preferindo não se posicionar de forma clara sobre suas escolhas midiáticas. Não possui alfabetização informacional. A entrevistada encontra-se na bolha de informação de Nikolas Ferreira, a quem admira muito. Possui habilidades digitais.

Rebeca, 50 anos, casada, com ensino superior completo, trabalha como recepcionista na igreja. É evangélica desde o nascimento e frequenta a congregação até quatro vezes por semana, sem desempenhar nenhuma função específica. Utiliza principalmente Instagram,

WhatsApp e Facebook, além de ser informada pelo esposo. Gosta de temas relacionados à saúde e conteúdos religiosos. Não acompanha notícias em portais jornalísticos e não demonstra interesse por esse tipo de conteúdo. Atribui baixa credibilidade à Globo e alta confiança nas informações compartilhadas pelo esposo. Não possui alfabetização informacional. Está inserida em uma bolha de filtro, influenciada pelo esposo e por Nikolas Ferreira. Demonstra ter habilidades digitais.

Raquel, 45 anos, casada, com ensino médio incompleto, costureira, nasceu em um lar evangélico. Frequenta a igreja duas vezes por semana e é corista. Seus principais canais de informação são Instagram, YouTube e televisão. Gosta de se manter informada sobre a cidade e a política. Acompanha as páginas Imperatriz Online, o Roma, Nas Ruas de ITZ e assiste à Record. Atribui baixa credibilidade à Globo, Band e CNN. Não possui alfabetização informacional. Está inserida em uma bolha de filtro, seguindo Nikolas Ferreira. Possui habilidade digital.

Priscila, 58 anos, casada, doméstica, com ensino fundamental completo, entrou na Assembleia de Deus aos 28 anos. Frequenta a igreja até duas vezes por semana e atua como corista. Seu principal canal de informação é o WhatsApp. Não demonstra interesse por notícias jornalísticas, preferindo ouvir louvores e pregações. Fica informada sobre os acontecimentos através do boca a boca e de conversas com pessoas próximas: "Chega, assim, as pessoas comentam na minha casa. Ou eu vejo as pessoas comentar. Aí eu ouço, entendeu. Eu escuto, eu sento ali, os meninos conversam sobre isso. Aí eu fico ouvindo, é isso" (em entrevista ao autor, 2024). Apesar disso, desconfia da credibilidade da Globo. Não possui alfabetização informacional. Está inserida em uma bolha de filtro, influenciada principalmente pela família. Sua habilidade digital é intermediária, limitando-se a ligações e ao uso do WhatsApp.

Ana, 57 anos, casada, com ensino fundamental completo, dona de casa. Converteu-se à religião na idade adulta e frequenta a congregação pelo menos quatro vezes por semana, sem ocupar cargo algum. Seu principal meio de obter informações é o WhatsApp e conversas com as filhas. Não se interessa por notícias jornalísticas, preferindo ouvir louvores e pregações. Fica informada sobre os acontecimentos por meio de conversas com as filhas. Atribui credibilidade média ao jornalismo da Globo, mas desaprova as novelas da emissora, considerando-as imorais. Está inserida em uma bolha de filtro, influenciada principalmente pelas filhas e outras pessoas próximas. Sua habilidade digital é intermediária, limitando-se a receber ligações e usar o WhatsApp no celular.

Betsabé, 36 anos, casada, com ensino médio completo, empresária. Nasceu em um lar evangélico e frequenta sua congregação pelo menos quatro vezes por semana, sendo líder do coral infantil. Utiliza principalmente Instagram e Facebook como fontes de informação. Não tem o hábito de consumir notícias jornalísticas, preferindo conteúdos religiosos, culinária e costura. Acompanha os canais "Você Sabia?" e assiste à Record esporadicamente. Atribui credibilidade média ao jornalismo da Globo, reprovando outras programações da emissora por considerá-las impróprias. Está inserida em uma bolha de filtro, sendo exposta principalmente às opiniões da família e pessoas próximas. Possui habilidade digital intermediária.

Elisabete, 44 anos, casada, com ensino médio completo e profissão de secretária médica, converteu-se à religião aos 25 anos. Participa ativamente da igreja, frequentando os cultos cerca de cinco vezes por semana e atuando no ministério da família. Seus principais canais de informação são o Instagram e o Google. A entrevistada demonstra interesse por temas como política e assuntos mundiais, buscando informações em páginas desconhecidas, conforme relatou: “A gente vai atrás dos desconhecidos, que no geral, eles que trazem mesmo. O grosso mesmo, né. O que realmente tá se dizendo” (em entrevista concedida ao autor). Ela não confia nas informações veiculadas pela Globo e não possui alfabetização informacional. Está inserida em uma bolha de filtro, seguindo influenciadoras cristãs como Fran Pecóis e Pietra Bertolaso, que se posicionam em temas polêmicos como o aborto. A entrevistada demonstra habilidade em utilizar redes sociais e realizar pesquisas online.

Marta, 30 anos, casada, com ensino médio completo, trabalha com televentas. Nasceu em um lar evangélico e frequenta a congregação pelo menos quatro vezes por semana, onde atua como líder da coreografia. O Instagram é a sua principal fonte de informação. Suas necessidades informacionais são preenchidas por conteúdos religiosos da página Gospelmente e não liga muito para as notícias do cotidiano. Para informações sobre sua cidade, acompanha os sites Imperatriz Online e Asmoimp. Admite dar mais credibilidade a influenciadores evangélicos do que um jornal se caso estiver diante de abordagens diferentes de uma notícia. Não possui alfabetização informacional. Está inserida em uma bolha de filtro, seguindo influenciadoras cristãs como Bruna Karla, Eyshila e Gabriela Rocha. Demonstra boa habilidade digital.

Paulo, 51 anos, casado, com ensino superior completo, professor, nascido em lar evangélico. Frequenta a igreja 4 vezes por semana e ocupa os cargos de líder de jovens e co-pastor. No dia a dia, utiliza principalmente o Instagram e WhatsApp como canais de comunicação. Gosta de se manter informado principalmente sobre política, educação e saúde. Não se recorda de nomes de sites de informação que costuma consultar. Atribui baixa

confiabilidade à Globo. Não possui alfabetização informacional, isto é, não tem critérios para avaliar a confiabilidade de uma informação. Para ele, “a referência de quem se recebe a notícia é sempre importante” (em entrevista concedida ao autor, 2024). Vive em uma bolha de filtro, influenciado por Silas Malafaia e Nikolas Ferreira. No entanto, possui boa habilidade digital.

Pedro, 31 anos, solteiro, ensino superior completo. Nasceu em lar evangélico, frequenta a igreja cinco vezes por semana e é auxiliar de obreiro em sua congregação. Tem como principal canal de informação o YouTube. Gosta de estar informado sobre Tecnologia, Política, Economia e Educação. Seus principais canais de informação são as páginas Hoje no Mundo Militar e Brasil Paralelo. Demonstra alta confiança no último site, de viés de direita, e baixa confiança na Globo e Band. Não possui alfabetização informacional. Está inserido em uma bolha de filtro, seguindo influenciadores como Silas Malafaia, Carla Zambelli, Gustavo Gayer e Nikolas Ferreira. Possui habilidade digital.

Mateus, 37 anos, casado, com ensino médio completo e trabalha como propagandista farmacêutico. Entrou na Assembleia de Deus aos 11 anos, participa de cultos três vezes por semana e é líder de jovens. Utiliza principalmente o Instagram e o Google para se informar sobre política, entretenimento e esportes. Seus principais veículos de informação são as páginas da Revista Oeste, R7 e Jovem Pan, aos quais confia bastante. Demonstra pouca confiança na Globo. Não possui alfabetização informacional. Está inserido em uma bolha de filtro, seguindo as figuras de Bolsonaro e Nikolas Ferreira. Possui habilidades digitais.

Idosos

Judite, 78 anos, viúva, com ensino médio completo, aposentada. Converteu-se aos 35 anos e frequenta sua congregação pelo menos duas vezes por semana, sem ocupar nenhum cargo. Sua principal fonte de informação é a televisão. Embora não assista com muita frequência, busca se manter informada sobre o noticiário nacional e internacional. Também se informa por meio de conversas com familiares e amigos. Não especificou quais telejornais costuma assistir, atribuindo uma credibilidade média ao jornalismo televisivo. Está inserida em uma bolha de informação, influenciada principalmente por familiares e amigos próximos. Seus conhecimentos de tecnologia são limitados, utilizando o celular apenas para realizar ligações.

Lia, 75 anos, viúva, com ensino fundamental completo, dona de casa. Nasceu em um lar evangélico e frequenta sua congregação cerca de cinco vezes por semana, onde ajuda a cantar no coral. Seus principais canais de informação são a TV, WhatsApp e Kwai. Confessa

que não costuma assistir telejornais com frequência. Prefere conteúdos religiosos da Record, pois não gosta das programações da Rede Globo, as quais considera imorais, especialmente por ter crianças em casa. Seu filho, um grande defensor de Bolsonaro, a alerta sobre a falta de credibilidade da TV, afirmando que tudo são mentiras. Ela admite não saber avaliar a veracidade das informações. Está inserida em uma bolha de filtro, influenciada principalmente por seu filho. Sua habilidade digital é limitada, utilizando o celular apenas para ligações e solicitando ajuda dos filhos para acessar as redes sociais.

Mical, 67 anos, casada, com ensino fundamental completo, profissão de doméstica, converteu-se à religião na idade adulta. Participa, pelo menos, quatro vezes por semana de sua congregação, onde atua como líder do círculo de oração. Sua principal fonte de informação é a televisão. Demonstra grande confiança nos jornais da TV Globo, mas não aprecia outras programações, como as novelas. Assiste a diversos tipos de notícias, sobre o mundo, o país e a cidade, com preferência por matérias sobre educação, uma vez que possui filhos formados, uma jornalista e outra estudante de Direito. No caso dela, não parece haver grande influência de fontes externas, como vizinhos, filhos ou comunidade religiosa, em sua percepção sobre os acontecimentos. Sua habilidade digital é limitada, utilizando o celular apenas para fazer ligações.

Abraão, 67 anos, casado, com ensino médio completo, trabalha como estoquista. Convertido aos 50 anos, frequenta a igreja duas vezes por semana e atua como porteiro. Consome principalmente vídeos políticos e de entretenimento no YouTube e Kwai, citando a Revista Oeste como sua principal fonte de notícias. Desconfia da TV aberta (Globo, Band, SBT e Record) e não possui habilidades para avaliar a credibilidade das informações que consome. Influenciado por figuras como Paulo Figueiredo, Augusto Nunes, Gustavo Gayer e Nikolas Ferreira, o idoso demonstra familiaridade com ferramentas digitais.

Noé, 65 anos, casado, com ensino fundamental incompleto, trabalha como porteiro. Converteu-se aos 40 anos e frequenta a congregação ao menos três vezes por semana, atuando como líder do departamento da família. Seus principais canais de informação são WhatsApp, YouTube e televisão. Embora não assista muito jornalismo televisivo, quando o faz, considera a TV uma fonte de aprendizado. Gosta de programas policiais e acidentes, utilizando-os como alertas sobre situações perigosas. Apesar das críticas da opinião pública à Globo, ela continua a assisti-la e afirmou não se importar com isso. Também consome conteúdo religioso, principalmente de pastores locais, o que o insere em uma bolha de filtro de conteúdos religiosos. Sua habilidade digital é intermediária, limitando-se ao uso do WhatsApp e não incluindo a navegação em sites.

Simeão, 86 anos, viúvo, ensino médio, trabalha como auxiliar de pastor, nasceu em um lar evangélico, frequenta a sua congregação ao menos duas vezes na semana, onde é obreiro. Tem como principal canal de informação a Televisão. Expõe que sua frequência ao jornalismo televisivo é frequente para acompanhar o que está acontecendo no mundo. Ele atribui alta confiança ao jornalismo televisivo da Globo e SBT e pontua que não assiste para julgar e nem achar intenções por trás do que é publicado. Nesse sentido, possui um nível básico de alfabetização informacional, consumindo o jornalismo sem criar teorias das conspirações, como evidenciado no trecho “Não, eu vejo fundo de verdade nos dois, né. São a mesma história. Pelo menos, agora, nesse tiro que deram no [Trump], quantos ângulos que a gente não vai ver? Cada um vai contar uma história diferente, mas o objetivo foi só um tiro, naquele [homem]. Todos têm o texto áureo”, comentário sobre as narrativas midiáticas que surgiram sobre o atentado de Donald Trump. No que toca ao a sua habilidade digital é intermediária, já que usa o celular para realizar o básico, atender telefone e acessar o WhatsApp.

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas para os assembleianos de Imperatriz-MA

Bloco 1 – Perfil religioso dos participantes
- Identificação do participante (Nome, idade, estado civil, formação acadêmica e profissão)
1 Como foi a sua entrada na igreja Assembleia de Deus?
2 Quantas vezes por semana você frequenta o templo?
3 Você se envolve em atividades da igreja além do culto, quais?
4 Como você explica o papel da igreja na sua vida?
5 Poderia falar um pouco se a tua religião te motiva a ser um cidadão mais engajado com os problemas sociais?
6 Fale um pouco sobre a sua participação na sociedade, você exerce os seus direitos, por exemplo, de votar?
7 Qual a importância dos pastores e líderes evangélicos na sua vida?
8 Sobre as orientações que vêm dos líderes religiosos sobre o seu estilo de vida, o quanto você segue essas recomendações?
Bloco 2 – Consumo informativo e a relação com o jornalismo
9 Você pode falar um pouco por onde você acompanha as notícias?
10 Consegue citar três canais de informação que você acompanha e por quê?
11 Quais informações você mais costuma buscar?
12 Existem informações que você evita? Por quê?
13 Para você, o que faz uma notícia ser verdadeira?
14 Qual a sua opinião sobre o jornalismo que vem dos grandes veículos de comunicação, como, da Folha de São Paulo, O Estadão, G1, Uol e O Globo?
15 Você já deixou de seguir algum meio de informação por causa de uma notícia que não te agradou?
16 Você participa de grupos de discussão nas redes sociais?
17 Em casos de enquadramentos diferentes de uma notícia, entre o jornalismo e influenciadores evangélicos, em que você confiaria mais?
Bloco 3 – Convite à leitura das matérias jornalísticas sobre a morte do cantor evangélico Pedro Henrique.
18 As questões foram formuladas a partir da pergunta inicial "O que você achou do posicionamento do Nikolas Ferreira?" e, a partir disso, seguem questões mais específicas sobre a avaliação da confiabilidade da notícia.

19 Tem algo a acrescentar ou perguntar para encerrar a conversa?

Fonte: Os autores (2024)

APÊNDICE C – Entrevista com o primeiro assembleiano

Participante Paulo (biografia já descrita no Apêndice A)

Entrevistador: E como você explicaria o papel da igreja na sua vida? Qual a importância da igreja na sua vida?

Paulo: Muito grande. Na minha vida foi muito grande. Foi a partir do meu envolvimento com a igreja que a gente pode dizer que eu fui impulsionado para a vida profissional. E os conhecimentos adquiridos na igreja fizeram muita diferença na minha vida profissional também.

Entrevistador: Então você leva a importância da igreja para a sua profissão?

Paulo: Sim.

Orientadora: Por que?

Paulo: Porque a igreja ela dá a oportunidade de falar em público, de se expressar, faz abertura para que a gente busque dinâmicas de trabalhar com pessoas e toda essa vivência do falar em público, da busca pelo estudo, do entendimento das sagradas escrituras, eles me serviram de base para a vida profissional. E muito das vivências que eu pratico aqui na igreja eu acabo estendendo também para o ambiente do trabalho.

Entrevistador: A sua religião, a sua crença, ela te motiva a ser uma pessoa engajada com os problemas sociais?

Paulo: Sim. A religião me motiva sim, porque o cristão, especialmente o cristão dessa contemporaneidade, precisa ter uma visão do todo, no sentido da vida social né. Ele não pode ser um cristão voltado apenas para questões espirituais, ele precisa ter um entendimento do contexto social, da comunidade que ele está inserido.

Entrevistador: Você participa de algum movimento social?

Paulo: Sim. Nós participamos a título de instituição, de cestas básicas, visitas em hospitais, acompanhamento de menores, menores abandonados ou que estão sob a tutela do Conselho Tutelar. Inclusive aqui na igreja nós recebemos aos domingos um grupo de crianças que participam das nossas aulas dominicais. Hoje, por exemplo, nós temos um grupo de jovens que está visitando uma entidade desse cunho de pessoas abandonadas. A igreja tem [essa participação social] e eu participo então de todas essas atividades de cunho social.

Entrevistador: Sobre a sua participação na sociedade. Você exerce os seus direitos, por exemplo, de votar, seja também de querer se candidatar, os direitos que você tem na sociedade como cidadão.

Paulo: Sim. No que diz respeito a opinar, votar, participar de decisões. Quanto a candidatura eu acho que tenho o chamado para esse ramo. Mas nos outros aspectos com certeza nós participamos.

Entrevistador: Você disse anteriormente que estende a religião para tudo. Até nas suas escolhas políticas a religião também influencia?

Paulo: Sim. Com certeza. A religião influencia nas escolhas políticas. Porque às vezes as decisões políticas comprometem o desenrolar da igreja, o desenvolvimento da igreja. No que diz ao aspecto de elaboração de leis né. Então o cristão precisa participar e o cristão também precisa saber escolher os seus representantes políticos, porque haverá momentos em que leis contrárias às visões bíblicos-cristãs, às vezes são votadas nas casas de legislação, e se não houver representantes lá capazes de influenciar na decisão dessas leis, a igreja pode se tornar afetada, digamos assim, prejudicada.

Entrevistador: Mas o senhor é uma pessoa engajada com a política assim?

Paulo: Não diretamente. Eu não tenho engajamento tão diretamente com a política, mas entendo que o cristão precisa ter essa postura.

Entrevistador: Agora falando um pouco sobre os pastores e outros líderes religiosos. Qual é a importância desses pastores e líderes na sua vida?

Paulo: Muito importante porque eles são referências né. Eles são líderes que acabam trazendo referência para a nossa vida em todos os aspectos, tanto aspectos morais, espirituais e aspectos também profissionais.

Entrevistador: Sobre as orientações que vem dos pastores e líderes evangélicos, no seu modo de vida, o que eles orientam o senhor costuma seguir?

Paulo: Sim, porque geralmente as orientações dos líderes e pastores da igreja, na maioria das vezes são fundamentadas na palavra de Deus e a palavra de Deus é manual de regra para a vida de todo o ser humano.

Entrevistador: Mas já ocorreu de alguma vez você discordar de uma postura do pastor ou de um líder religioso sobre qualquer assunto?

Paulo: Sim, às vezes é questão de cunho doutrinário ou de uso e costumes. Nem sempre a gente concorda com algumas decisões que estão relacionadas a uso e costumes. Mas se as decisões forem pautadas à luz da Bíblia, essas decisões geralmente não causam um choque com a liderança e com o liderado.

Orientadora: Você se lembra de algum exemplo assim de alguma situação que veio da orientação X dos líderes, mas você avaliou diferente ou não aceitou por conta dessas questões que você pontuou agora. Algumas orientações.

Paulo: Questões às vezes de usos e costumes com relação aos vestuários. Às vezes nem sempre a minha opinião é a favor do que é decidido, mas nem por isso também que isso vai me fazer que eu me levante como um opositor do que é colocado.

Orientadora: Mas isso afeta a sua relação com a igreja?

Paulo: Não, isso não afeta o meu entendimento com relação a minha espiritualidade.

Orientadora: Mas em relação a agir no modo como se espera, por exemplo, nesse caso do vestuário, você segue mesmo assim não concordando? Ou você usa o que você quer independente do pastor, nesse caso?

Paulo: Sim, sigo. Olha, hoje, especialmente a Igreja Assembleia de Deus, ela não tem mais um marco estabelecido assim, vamos dizer assim, que o forte dela seja os usos e costumes. Algumas décadas anteriores, o cristão da Assembleia de Deus era muito reconhecido pela questão dos usos e costumes. Hoje a gente já começa a perceber que a Assembleia começa a passar por um momento de transição no que refere aos usos e costumes. Essas imposições a gente consegue perceber que elas nem são mais tão fortes na Assembleia de Deus, com relação aos usos e costumes.

Entrevistador: Agora a gente vai entrar um pouco na questão da mídia e jornalismo. Inicialmente a gente gostaria que o senhor descrevesse como consome informações no dia a dia. Como é o seu consumo de informação no dia a dia? Como o senhor se mantém atualizado das coisas que acontecem?

Paulo: Eu geralmente vejo notícias pelas redes sociais do Instagram e postagens no WhatsApp. Mas eu geralmente busco pesquisar a fundo a origem dessas notícias, se elas são verídicas ou se há um fundo de falsidade nessas notícias.

Entrevistador: Você costuma se informar por onde mesmo? Só repita para mim [filho dele entrou na sala]

Paulo: Pelas redes sociais e por buscas e pesquisas pela veracidade das notícias.

Entrevistador: Quando você ver no WhatsApp alguma informação você vai conferir?

Paulo: Sim.

Entrevistador: Quais seriam esses locais que você confere?

Paulo: Alguns sites. Nada específico. Mas geralmente eu busco em algum site a veracidade da notícia.

Entrevistador: Você lembra os nomes desses sites?

Orientadora: Alguns sites que você consome assim, sites de fonte de informação ou perfil de rede social, consegue nomear alguns que você segue, que sempre consome informação?

Paulo: Eu sempre busco às vezes diretamente no Google uma notícia que tá ali postada [não entendi]. Mas eu geralmente não sigo nenhum perfil específico para checar essas informações.

Orientadora: Quando você joga no Google, por exemplo, você entra nas primeiras listas que aparecem, independente das fontes, independente do site?

Paulo: Sim.

Entrevistador: A gente fez até uma pergunta aqui que o senhor já adiantou, a gente ia pedir para citar três canais de informação que você acompanha para se manter informado. Mas você não lembra né?

Paulo: Não.

Orientadora: Você assiste TV?

Paulo: Muito pouco.

Orientadora: Quais canais?

Paulo: Mais a Globo.

Orientadora: Jornais ou outras programações?

Paulo: Jornais, jornais.

Orientadora: Aqui de Imperatriz ou nacional?

Paulo: Imperatriz e nacional. Porque geralmente são no horário que eu estou em casa, jornais são nesse horário e às vezes a TV tá ligada e a gente tá sempre ali fazendo alguma atividade e acompanhando de alguma forma essas notícias.

Entrevistador: E sobre as informações que o senhor disse que busca, quais são esses temas assim que o senhor gosta de se manter informado?

Paulo: Política, educação, saúde.

Orientadora: E o quê que faz você desconfiar, porque você “ah, as vezes eu vou buscar para saber se é verdade”, tem alguma coisa assim que faz o senhor desconfiar? O que te motiva a ir checar a notícia?

Paulo: Nem sempre a intenção das pessoas ao postarem é uma intenção verdadeira. A gente precisa entender o que há por trás da postagem. Às vezes o próprio jornal também está postando ou tá noticiando alguma coisa, mas por trás daquela notícia há sempre um fundo que não é aquilo que está tentando se mostrar. Então por conta dessas contradições do que é postado, do que é verdadeiro, eu sempre busco encontrar a verdadeira razão da notícia.

Entrevistador: Então o senhor é um leitor ali desconfiado do que ver?

Paulo: Sim, sim. Nem tudo que parece é.

Entrevistador: E existem informações que você não gosta de consumir. Tem as que você gosta, política, educação que você falou. Existe notícias que você evita?

Paulo: Talvez não tenha, porque geralmente se é uma notícia de cunho interessante para mim eu sempre busco. Mas eu não busco notícias do tipo: shows especialmente de artistas que não estão ligados ao meu contexto evangélico, aí eu não busco esse tipo de notícia, shows, de artistas; atores, futebol também eu não sou muito antenado na questão do futebol.

Entrevistador: Voltando no assunto das informações que você desconfia. O que faz uma notícia ser verdadeira para você? Não é sempre que você vai consultar a veracidade de uma notícia. O que faz você acreditar numa notícia a ponto de não ir pesquisar se ela é verdadeira ou falsa?

Paulo: As fontes atreladas àquelas notícias.

Orientadora: Quais fontes? As que aparecem dentro da publicação ou quem está publicando?

Paulo: Quem está publicando. A referência de quem se recebe a notícia é sempre importante.

Orientadora: Se você recebe uma informação ou conteúdo de alguém que você confia, a tua tendência é achar que aquela notícia é verdadeira?

Paulo: Sim.

Entrevistador: A gente gostaria de saber qual é a sua opinião sobre a cobertura do jornalismo que vem dos grandes meios de comunicação. Por exemplo: da Folha de São Paulo, do Estadão, Uol, o Globo.

Orientadora: Você consome notícias disso que a gente chama de jornalismo tradicional, desses veículos tradicionais?

Paulo: Muito pouco.

Orientadora: Por que?

Paulo: Porque eu acho que isso demandaria um pouquinho mais de tempo para consumir esse nível de notícia. Então eu tenho pouca ligação com esse tipo de órgão que vem com essas notícias. Talvez de forma indireta pela TV porque eu tenho um pequeno tempo ligado a questão do jornalismo nacional de TV. Então esses outros órgãos não deixam de terem alguma ligação.

Orientadora: Você não segue os perfis deles nas redes sociais, faz buscas nesses veículos?

Paulo: Não, não.

Entrevistador: Uma curiosidade que surgiu agora. O senhor disse que assiste o noticiário da Globo, a gente está diante desse contexto que o pessoal chama de “Globo Lixo”, mas você tem assim alguma desconfiança com a Globo?

Paulo: Sim.

Entrevistador: De onde é que vem essa desconfiança?

Orientadora: Qual é a desconfiança em relação a Globo?

Paulo: Porque eu acho que a Globo na maioria das vezes publica notícias pela metade.

Orientadora: Por que? O que seria notícia pela metade?

Paulo: Que não publica o que realmente é, mas que publica aquilo que é de interesse político ou às vezes até de próprio interesse.

Entrevistador: Mas mesmo assim você ainda consome?

Paulo: Consumo. Há casos às vezes de eu desligar. De eu entender que aquela notícia não é verdadeira, que não está sendo veiculado [a verdade].

Orientadora: O que te faz ter esse sentimento ou esse entendimento de que aquela notícia não é verdadeira?

Paulo: Por exemplo, eu vou te citar um exemplo. Por exemplo, às vezes a ideologia da emissora não vai de acordo com aquilo que eu acredito e eu digo pelo seguinte: há uma onda muito grande no momento, especialmente em relacionado a Globo, há uma valorização muito grande dos animais em detrimento dos humanos. Por exemplo, no desastre do Rio Grande do Sul, a Globo veiculou durante várias vezes a história de um cavalo, enquanto muita gente pereceu lá, morreu, afogou-se, e não houve muita ênfase com relação aos humanos, mas com relação aos animais. Então eu entendo que é uma questão ideológica, de ideologia dela mesmo, de que nesse contexto de desvalorizar a pessoa humana em detrimento dos animais, entendeu? E a gente vê uma cultura a nível mundial que a gente percebe que ter um animal é estar em alta. Eu até olhei outro dia uma postagem, nem lembro o perfil qual era, que ela dizia mais ou menos assim: nós vivemos numa sociedade que coloca as crianças na creche, os idosos nos asilos e passeia na praça com o animal.

Entrevistador: Você já deixou de seguir algum meio de comunicação por causa de uma notícia que não te agradou?

Orientadora: Por causa dessa discordância ideológica?

Paulo: Não. Eu consigo identificar. Por exemplo, eu sei desse perfil meio desvirtuado da Globo, mas eu não deixo de assistir ela né. Eu não sou tão extremista a ponto de dizer “eu não assisto. Eu não ligo na Globo”. É tanto que eu raramente ligo em outro canal. O tempinho que eu tenho que eu ligo a TV é mesmo na Globo.

Orientadora: Você só tem essa relação mais crítica?

Paulo: Sim, com o conteúdo. Mas também não sou tão extremista a ponto de dizer assim, “eu não vou ligar a TV”.

Entrevistador: Agora perguntas mais ligadas a grupos de WhatsApp, você participa de algum grupo de discussão da sua igreja para discutir acontecimentos e para compartilhar notícias?

Paulo: Os objetivos dos grupos das igrejas não são esses de discutir assuntos e tais. O objetivo dos grupos é mais compartilhar as atividades da igreja. Não deixa de não existir alguma discussão de nível político nos grupos. Acontecem alguns. Raramente eu me envolvo.

Entrevistador: Então você não participa de um grupo, tipo de Instagram que compartilha notícias?

Paulo: Não, não.

Orientadora: Mas e os influenciadores, você falou que os líderes religiosos têm um papel muito central na tua vida né? Inclusive no teu consumo de informação [não entendi].

Paulo: A maioria dos perfis de Instagram que eu sigo são de pessoas evangélicas. Eu sigo Silas Malafaia, eu sigo Leandro Batista, eu sigo Nikolas, eu sigo cantores evangélicos, uma grande quantidade. Eu sigo também alguns Instagram de igrejas, como a Umadecre, que é a União de Mocidade do Estado do Acre. Umadeb de Brasília, União de Mocidade de Brasília. A maioria é mais ligada nesse cunho. Acredito que pouquíssimo perfil eu sigo que está ligada à minha área profissional. A maioria dos perfis eu sigo mais a questão de igreja mesmo.

Entrevistador: E esses perfis eles costumam compartilhar informações da sociedade?

Orientador: O Nikolas, por exemplo, Silas Malafaia, eles têm cargos políticos. Eles são representantes políticos também né. Então eles publicam muitas informações políticas.

Paulo: Publicam e eu vejo essas publicações.

Orientadora: Por você confiar nesses líderes e por eles fazerem parte do mesmo grupo, com a mesma ideologia de vida que você tem, por exemplo, todas as informações que eles compartilham você confia? Você toma aquilo como verdade?

Paulo: Nem sempre. Algumas das informações publicadas, as vezes eu olho e eu não concludo-a a publicação, porque às vezes não é algo muito de interesse, também mesmo eles sendo líderes evangélicos e como líderes políticos, às vezes a intenção é atear um fogo nessa briga política que vive atualmente o Brasil e há um choque muito grande dessa briga política que tem no Brasil hoje. Então às vezes o líder tá postando e às vezes é até verdadeiro a

intenção dele, mas pela postura de querer atear fogo na questão, às vezes eu nem dou muita trela para aquilo.

Entrevistador: Por exemplo, vamos imaginar aqui que uma notícia seja compartilhada pelos influenciadores que você segue, Silas Malafaia ou Nikolas Ferreira e também compartilhada pelo jornalismo com abordagem diferente. Como você faz para decidir em quem confiar nessa informação com abordagem diferente?

Paulo: Essas notícias geralmente de cunho político, às vezes eu tento não me envolver muito para não tomar o partido né. Eu consigo perceber as intenções de lá e de cá. Então eu fico meio que neutro nessa questão da decisão da briga política.

Orientadora: E como que você ver, por exemplo, assim o Nikolas, muitos representantes políticos nas redes são acusados de compartilhar notícias falsas, fake news e tal. O Nikolas é um dos que aparecem aí figurando entre os que compartilham notícias falsas. Como é que você vê essa postura do Nikolas assim? Você acha que de fato ele compartilha? Parte do que ele compartilha é fake news? Você acha que é estratégia? Você acha que tudo o que ele compartilha tem um fundo de verdade?

Paulo: Acredito que nem tudo o que ele compartilha seja verdadeiro. Agora depende também de quem está dizendo que é fake news, porque há uma dominação. Por exemplo, assim, quem é que domina a área de noticiário hoje? Se essa pessoa que está dominando, que aquele está postando fake news, até que ponto ele [dominando] está [dizendo a verdade]. Até que ponto é verdadeiro o que ele tá dizendo que o outro tá compartilhando é fake news? Eu não estou, do tipo assim, inocentando que compartilhou fake news, pode ser que tenha alguma fake news. Mas até que ponto essa estatística de dizer que ele é um dos que mais compartilham fake news também é verdadeira? Entendeu? Então eu sempre tenho essa noção de às vezes nem julgar quem tá acusando e quem está sendo acusado.

Orientadora: Mas como é que você faz para confiar, consumir e confiar mesmo? É difícil né.

Paulo: A gente não consegue confiar. A gente não confia integralmente no que a gente assiste ou no que a gente ouve pelas redes sociais.

Orientadora: Então o senhor sempre questiona?

Paulo: Eu sempre questiono e nem sempre eu levo ao pé da letra de achar que o que está sendo publicado é verdadeiro, como verdade absoluta né, há sempre uma intenção, tanto nos

perfis que eu sigo quanto às vezes na grande mídia que está postando alguma coisa contrária aos perfis que eu estou seguindo.

Orientadora: Mas em termos de confiança pra você pesa a fonte, quem compartilha a informação, tem um peso?

Paulo: Sim, tem um peso.

Orientadora: Se o Nikolas disser A e a Globo disser A, a tendência é que você confie mais no que o Nikolas fale do que o que a Globo fale.

Paulo: Eu faço aí um peso. Sim, eu acho que o Nikolas tem mais confiança. Eu tenho mais confiança no Nikolas do que nas notícias da Globo.

Orientadora: Por conta da religião?

Paulo: Não por conta da religião, por conta da ideologia da Globo que é contrária. É, a gente pode até dizer que é por conta da religião né, pode, por conta da religião.

Orientadora: Porque ele tem uma visão de mundo que é a mesma que você. Então isso é um ponto que pesa para você?

Paulo: Sim, sim.

Entrevistador: Só duas perguntas aqui para finalizar. Você disse que uma coisa é o que o Nikolas diz, tipo ele falou uma fake news, aí vai alguém desmentir que é alguém que tem o poder na mão, nesse caso o senhor se referia a Globo?

Paulo: Sim, sim.

Entrevistador: No caso você percebe muitas vezes a Globo como contrária ao seu ponto de vista, ao que você acredita, no caso é isso né?

Paulo: Sim, sim.

Orientadora: Tem alguma coisa que o senhor gostaria de pontuar sobre todas as perguntas?

Paulo: Não, não. Nenhuma.

Entrevistador: O senhor acha que faltou alguma pergunta que a gente deveria perguntar?

Paulo: Não, de jeito nenhum.

Orientadora: Nós trouxemos aqui duas matérias, a gente gostaria que você fizesse a leitura dessas duas matérias e depois a gente tem algumas perguntinhas sobre elas.

[tempo para a leitura]

Orientadora: Então aí a gente tem o caso original, que é o cantor que faleceu e uma matéria discutindo a repercussão a partir do Nikolas e do Roger do Ultraje a Rigor. A gente queria, por exemplo, nesta matéria que repercute sobre o Nikolas, o Nikolas tomou esse caso como sendo um caso expressivo de que a pessoa morreu em decorrência da vacina. Como é que você avalia esse posicionamento? Você acha que o Nikolas têm razão da sugestão de que a pessoa morreu por conta da vacina?

Paulo: Não é uma fala oficial com base em dados. Ele não tem dados para dizer isso. embora seja uma falácia muito comum, não há dados. Outra coisa a questionar também é que a pesquisa apresentada nessa aqui [matéria do uol] ela não dá o recorte temporal relacionado a COVID-19. Esse dado daqui de que o índice de morte em jovens menores de 40 anos aumenta, o recorte temporal da pesquisa não engloba o período da COVID-19 da vacinação. Nem essa aqui que tem uma referência do Ministério da Saúde ela tá abrangendo para dizer que isso não é verdade, nem o Nikolas tá dando embasamento também porque ele não tem dados para confirmar isso. Por outro lado, por se tornar uma falácia, que todo mundo tá dizendo que isso aqui é fato, acaba a fala do Nikolas tendo um peso muito grande. Porém a gente não pode refutar a fala do Nikolas porque o que tem dado aqui não engloba o período temporal da COVID-19. O dado de pesquisa dele [Ministério da Saúde] antecede o período da COVID-19. Então acho que tanto um quanto outro, a gente não pode afirmar. Nem dizer que o Nikolas tá mentindo porque ele não tem dado, ou que o outro tá falando a verdade; mas a gente também não pode dizer que há uma confiabilidade desse dado aqui [Ministério da Saúde] porque nesse período que eles pesquisaram nem tinha vacina da COVID-19. Ele apenas apresenta que há um aumento do número de mortes de jovens e que os fatores são outros, má alimentação, sedentarismo, diabetes, hipertensão, tabagismo e obesidade.

Orientadora: Mas, por exemplo, o Nikolas compartilha associando né. Os estudos da ciência mostram que não tem uma relação direta entre a vacinação da covid e o infarto né. Podem ocorrer paralelamente, mas não necessariamente tem uma relação direta. Só que o Nikolas sendo um líder, influenciador político e evangélico, ele compartilha como se fosse uma verdade absoluta. Como é que você vê essa responsabilidade? Porque talvez muita gente, talvez você não acreditasse, não tomasse isso como verdade, essa relação direta. Mas muitas

peessoas que seguem ele também devem ter repercutido e reproduzido esse discurso “olha lá ó, a pessoa tomou a vacina da covid e logo morreu, não vamos vacinar”. Como é que você vê esse papel?

Paulo: O papel do Nikolas?

Orientadora: Isso.

Paulo: Talvez falte um pouco de responsabilidade pelo fato dele não ter dado né. Ele não ter esse dado confirmado pelos órgãos oficiais e aí publicaram uma notícia desse tipo. Faltou um pouco de responsabilidade dele. Também ele seja influenciado pelo o que é falácia comum, muita gente tá dizendo isso que há uma relação dos infartos com a vacina da COVID-19.

Entrevistador: E dentro dessas duas aqui, quais delas se você olhasse nas redes sociais, você compartilharia?

Paulo: Nenhuma. Eu não compartilho. Geralmente eu não compartilho.

Orientadora: Eu só queria fazer uma última pergunta que surgiu por conta dessa última fala assim, você falou anteriormente sobre a questão de quem checa, “ah, o Nikolas falou alguma coisa e a mídia vai lá e vai dizer se é verdade ou não, mas a gente tem que saber também quem é que tá falando”, então você consome algum conteúdo das agências de checagens?

Paulo: Não.

Orientadora: Essas matérias que checam informações.

Paulo: Na verdade, essas matérias do tipo essa aqui elas não me tocam para mim ir buscá-la a checagem, nem desse tipo e nem de outro tipo. Eu falei de às vezes pesquisar alguma coisa, mas eu não vou a fundo nessas agências de checagens. Eu vou pesquisar alguma coisa, como eu disse anteriormente, às vezes eu tento ficar muito neutro nessas questões.

Entrevistador: Seria mais um viés de confirmação? Por exemplo, você olhou a notícia aqui, “ah, eu estou desconfiado, então eu vou bem aqui no Google buscar para ver se está confirmando o que eu penso”.

Paulo: Também. Isso não vai me influenciar muito porque eu não tenho a prática de repostar alguma coisa. Então às vezes eu vejo a notícia lá e consigo ver que há talvez algum fundo de verdade ou alguma influência, de tentar influenciar de forma negativamente, mas também aquilo não vai me influenciar porque tento me manter neutro nessa questão.

Entrevistador: Você acha que olhando essas duas matérias, faltou algum elemento aqui que você identificaria? O que você acha que falta?

Paulo: Nessa aqui eu acho que faz referência a morte apenas a um dado de um período temporal anterior, talvez faltou alguma confiabilidade nela, porque ele apresenta um dado do período anterior. E o Nikolas também porque ele faz uma fala de senso comum. Quando ele diz que há uma relação da vacina com os infartos, ele faz uma repetição do senso comum, porque ele também não tem dado oficial.

Entrevistador: Chegamos ao fim e a gente gostaria de agradecer a sua participação.